Autora da série *After Dark*

A. C. MEYER

Cady e Mari



Galera

Cady e Mari

A. C. MEYER

1ª edição

Galera

RIO DE JANEIRO
2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M56c

Meyer, A. C.
Cadu e Mari [recurso eletrônico] / A. C. Meyer. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera, 2017.
recurso digital

Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN: 978-85-01-11049-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

17-40236

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Copyright © 2017 por A. C. Meyer

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
Projeto gráfico e capa: TypoStyudio

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-2000.

Produzido no Brasil



ISBN 978-85-01-10931-6

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



“Estranho seria se eu não
me apaixonasse por você...”

Nando Reis



Este livro é dedicado à Mari que existe dentro de cada uma de nós. Nunca se esqueçam de que vocês são lindos, leitoras e leitores queridos, não importa a cor da pele, o cabelo ou o tipo de corpo. Tenham sempre orgulho de quem são, pois vocês são muito especiais!

PLAYLIST



01. De janeiro a janeiro – Nando Reis
02. Mari Mariana – Victor e Léo
03. Corpitcho – Maria Rita
04. Equalize – Pitty
05. Epitáfio – Titãs
06. Não me deixe só – Vanessa da Mata
07. Pra você, guardei o amor – Nando Reis
08. Não vá embora – Marisa Monte
09. Palavras de um futuro bom – Jota Quest
10. Me adora – Pitty
11. Por onde andei – Nando Reis
12. Velha e louca – Mallu Magalhães
13. Primavera – Los Hermanos
14. Um certo alguém – Lulu Santos

15. Noite do prazer – Cláudio Zoli
16. Pode ser – Pedro Mariano
17. Encostar na tua – Ana Carolina
18. Bem que se quis – Marisa Monte
19. Magic – Coldplay
20. As dores do mundo – Jota Quest
21. Enquanto ela não chegar – Frejat
22. Só tinha de ser com você – Elis Regina
23. No seu lugar – Kid Abelha
24. Simplesmente – Bebel Gilberto
25. Só você – Fábio Jr.
26. Eu nunca estive tão apaixonado – Fábio Jr.
27. Desde que o samba é samba – Diogo Nogueira
28. Soneto do teu corpo – Leoni
29. Por enquanto – Cássia Eller
30. Você não me ensinou a te esquecer – Caetano Veloso
31. Hoje a noite não tem luar – Legião Urbana
32. Por enquanto – Legião Urbana
33. Quem te viu, quem te vê – Chico Buarque
34. Eu sei que vou te amar – Tom Jobim



DE JANEIRO A JANEIRO
Nando Reis

Mari

Triiimmmmm! Triimmmmm!

Ah, droga! Eu me reviro na cama e silencio o alarme do celular enquanto tento acordar. Odeio acordar cedo. Levantar é tão difícil que tenho oito — sim, OITO — alarmes programados, um a cada 15 minutos pela manhã, só para conseguir sair da cama no horário e não chegar atrasada ao trabalho.

Levanto devagar, me espreguiçando, e vou até o banheiro para tomar um belo banho quente e me preparar para mais um dia na *Be*, uma das revistas de moda mais conceituadas do país.

Sou assistente do presidente da empresa, Carlos Eduardo Moraes, há quase três anos. É um trabalho desafiador e cansativo, que exige criatividade e comprometimento da minha parte. Tenho hora para chegar, mas não para sair. Em compensação, aprendo muito e consigo colocar em prática muita coisa que estudei na faculdade de administração.

A *Be* é um ótimo lugar para se trabalhar. Tenho um excelente salário, muitos benefícios, e pude fazer um MBA numa conceituada universidade – tudo pago pela empresa. Adoro o meu trabalho, apesar de algumas coisas me incomodarem – principalmente, a forma como a maioria das pessoas me trata.

Talvez seja injusto dizer *a maioria das pessoas*... boa parte dos meus colegas de trabalho é

legal. Meu problema é com as modelos, seus empresários e as pessoas ligadas a elas. Apesar de gentil com todos, sou muito diferente da maior parte das pessoas que trabalham no meio.

Saio do banho e volto para me vestir no quarto. Paro em frente ao espelho e observo, por alguns instantes, meus longos cabelos castanhos, rosto "comum" e o corpo que não se encaixa nos padrões de beleza que vejo diariamente ou que são impostos pela sociedade.

Dá pra entender por que sou diferente? Pois é, mas isso não me deprime, muito pelo contrário. A Laís, minha melhor amiga, diz que sou como uma das mulheres de uma propaganda que a agência de publicidade em que ela trabalha havia criado e recebido vários prêmios: *a mulher de verdade*. A típica brasileira com corpo violão, um pouco mais avantajado. Aquela que, em vez de 36, veste 44.

Balanço a cabeça, afastando esses pensamentos que não levam a lugar algum e me concentro em me arrumar e não chegar atrasada. Meu chefe é ótimo, mas detesta atrasos. E nem pensar em alterar seu ritual da manhã.

Ligo o som e a voz melodiosa de Nando Reis invade o quarto. Enquanto canto os versos da música *De janeiro a janeiro*, visto uma saia lápis preta, que valoriza o meu corpo, com uma camisa branca de seda com manga curtinha.

Calço um *scarpin* nude e complemento o visual com um brinco bonito e um bracelete. Se tem algo de que me orgulho, é do meu estilo. Não sou uma das magrelas da revista, mas estou sempre arrumada e elegante, pronta para qualquer situação.

Aplico rapidamente a maquiagem, e o celular toca. O rosto divertido da minha amiga aparece no visor.

— Oi!

— Bom dia, Mari! Já estou aqui embaixo. A van não vai nos esperar! — Ela me apressa, como faz diariamente. Abro um sorriso, pegando o blazer e a bolsa.

— Estou descendo! — Moramos no bairro do Méier, na zona norte carioca. Nós duas trabalhamos na zona sul da cidade e demos sorte de conseguir uma van que fazia o trajeto do Méier até o Leblon, algo raro. Laís descia antes de mim, na porta da agência *Prime*, em Botafogo, enquanto eu seguia até Ipanema, onde ficava o luxuoso escritório, à beira-mar, da *Be*.

Pego o elevador, ainda ajeitando a roupa e, ao chegar no térreo, vejo Laís conversando com um dos meus vizinhos, o Márcio. Gatinho, 25 anos, dono de uma loja de roupas masculinas no shopping. E *super*galinha.

— Olha quem apareceu, a linda Mariana — diz ele, sorrindo, com seu jeito de galã. Apesar de arrancar suspiros, nós sabemos que ele não é o tipo de cara certo para nos envolvermos. Garantia de coração partido.

— Oi, Márcio, bom dia! Vamos, Laís? Estamos em cima da hora — falo apressada e nos despedimos dele, indo para o ponto, que ficava a alguns metros de casa.

— Ai, Mari, ele é um gatinho!

— Eu sei, mas não é para o nosso bico. Vamos! Circulando! — brinco enquanto ela ri.

Laís é minha amiga de infância. Crescemos na mesma vila, frequentamos as mesmas escolas e nossas mães são amigas até hoje. Quando decidimos sair da casa dos nossos pais, aos 22 anos, nada mais natural do que morarmos perto uma da outra. Somos tão amigas que, com um simples olhar, sabemos o que a outra está pensando. Eu sei tudo sobre ela e ela, sobre mim.

Ou *quase* tudo.

— E aquele seu chefe gato, hein? Ainda está saindo com a Barbie Fashionista? — pergunta ela, e não posso deixar de rir.

Lembram quando falei do *quase* tudo? O que a Laís não sabe é que meus quatro pneus estão

arriados pelo meu "chefe gato". Eu sei, não precisa me olhar assim. Tenho total consciência de que o Carlos Eduardo não é para mim. Ele costuma sair com as *Barbies* da vida e eu não sou uma delas. Mas babar pelo cara não é proibido, né?

— Não, agora ele está pegando uma sósia siliconada da Gisele Bündchen — respondo, rindo.

Apesar da atração que sinto por ele — quando vocês o conhecerem, vão babar como eu —, sigo a minha vida sem qualquer esperança. Ele é um cara lindo, só sai com modelos e sempre me veria como sua assistente.

A van chega e seguimos para o trabalho, conversando. Somos o mesmo grupo fazendo aquele percurso todos os dias, há três anos, então, o caminho é sempre animado. Isso é essencial para que eu consiga chegar bem-disposta ao trabalho depois de acordar tão cedo.

Em Botafogo, Laís me abraça e me beija.

— Entra no *Messenger* quando chegar! — pede e dá tchau. A gente se fala diariamente enquanto trabalha. Nunca deixamos de fazer nossas obrigações, mas o papo é parte do nosso dia.

Cerca de 20 minutos depois, chegamos à Avenida Vieira Souto, uma das ruas mais valorizadas da cidade e onde fica o escritório da *Be*.

— Pronto, Marizinha. Está entregue! — diz Ruan, o motorista, e sorri. Desço em frente ao prédio, respiro a maresia e me preparo para deixar de ser Mari, a garota comum, e virar Mariana Costa, a competente assistente de Carlos Eduardo.



MARI MARIANA
Victor e Léo

Cadu

Hoje vai ser um dia daqueles.

Três reuniões e uma delas é com a equipe para falar da prévia da revista do próximo mês, que está uma droga. Páginas e mais páginas prontas para ir direto para o lixo. Eu sabia que precisava procurar um novo editor, mas estava adiando esse momento. Renée estava conosco há muito tempo e tinha certeza de que a demissão seria um baque para ela.

Saio do carro, que está estacionado na garagem do prédio onde fica o escritório da *Be*, a revista de moda que "herdei" do meu pai como castigo pela minha "adolescência louca" (como ele costumava dizer), em vez de uma das publicações mais "sérias" do grupo, como era de se esperar, mas que hoje era a minha vida.

Visto o paletó antes de entrar no elevador. Observo o reflexo no espelho e fico satisfeito com a minha aparência. O terno feito sob medida e a gravata de seda pura são a imagem de um empresário de sucesso.

Enquanto espero que o elevador vazio me leve até o décimo segundo andar, confiro as horas no relógio e sorrio ao pensar que a Mariana, minha supercompetente assistente, vai preparar o meu café e o levará à minha sala exatamente três minutos após a minha chegada.

Ela trabalha comigo há três anos e é excelente. Tem ideias criativas e é um sopro de realidade no mundo "plástico" em que vivemos. *Caramba, estou poético hoje*, penso comigo mesmo. Temos um bom relacionamento profissional e tenho a sorte de contar com alguém que, além de tudo, atura meus momentos de mau humor e mantém minha rotina em ordem.

O elevador para no meu andar e eu respiro fundo, me preparando para deixar de ser Cadu, apaixonado por praia e música, e virar Carlos Eduardo Moraes, diretor de redação de uma das maiores revistas do país. Sigo até a entrada e a recepcionista abre um sorriso enorme ao me ver. A menina é bonita, mas tem o cérebro do tamanho de uma noz.

— Bom dia, Sr. Carlos Eduardo. — Ela me cumprimenta; sorrio e balanço a cabeça. Vou em direção à minha sala, respondendo aos cumprimentos da equipe. Na metade do caminho até a área da diretoria, meu cérebro já entrou no modo de trabalho e vou seguindo pelo corredor, pensando nas coisas que Mariana precisa providenciar para as reuniões de hoje. Vou aproveitar e pedir que ela faça um levantamento dos editores da concorrência. Quem sabe consigo trazer um bom para cá?

Entro na sala e a visão que tenho me desestabiliza completamente. Mariana está abaixada perto da mesa, de costas para a porta, pegando uma pilha de papéis que caiu no chão. Ela resmunga, reclamando que a papelada pareciam ter vida própria, mas meus olhos estão vidrados naquelas pernas incríveis e no corpo que eu nunca havia notado antes. Caramba, onde ela escondeu aquilo tudo? Ela se levanta de repente, e, quando se vira, está corada. Os cabelos, que normalmente ficam presos, estão soltos, deixando-a com uma aparência, no mínimo, sedutora.

— Ai, Carlos Eduardo, desculpe. Não percebi que você tinha chegado. Eu estava separando esses documentos e caiu tudo no chão. — Ela se desculpa, atrapalhada. Não consigo segurar o sorriso ao vê-la tão desconcertada. Mariana era o exemplo da perfeição e vê-la assim tornava-a quase... humana!

— Tudo bem, Mariana. Devo esperar que meu café chegue tranquilamente ou corro o risco de levar um banho quente? — Não resisto e brinco com ela.

Ela me olha surpresa. Nós nos entendemos bem, mas não temos o costume de brincar um com o outro. Sou um cara brincalhão, divertido, mas não no trabalho. Não sei o que aconteceu comigo, só que o comentário pareceu... certo. Ela abre um sorriso tímido e, cara, não sei o que acontece naquele momento, mas sinto o mesmo que senti quando Rodrigo me deu um soco no estômago no último treino de jiu-jitsu. Foi inesperado. Ele errou o golpe e me atingiu, me deixando sem ar, exatamente como eu me sentia agora.

— Não. — O sorriso é acompanhado de bochechas coradas. *Quem ainda cora nos dias de hoje?* — Prometo que vou entregar seu café em segurança — responde ela, ainda sorrindo. Então coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e meu olhar segue o movimento. Ela cora novamente com a atenção, e eu balanço a cabeça na tentativa de sair do transe no qual estou preso.

— Obrigado, Mariana. Estarei em minha sala. Não se apresse para trazer o café — digo e sigo para a minha sala, tentando entender o que estava acontecendo comigo. Fecho a porta e vou direto para a janela, torcendo para que a bela vista do mar de Ipanema consiga apagar aquela imagem sedutora e acalme meu corpo.

Tenho uma reunião com investidores em meia-hora e não será nada bom demonstrar o que estava sentindo pela minha surpreendente assistente.



CORPITCHO
Maria Rita

Mari

Ai, meu Deus! Essas coisas só acontecem comigo. O Carlos Eduardo tinha que entrar na sala bem na hora em que eu estava abaixada pegando o arquivo que caiu? E o que foi aquela brincadeirinha com o café? Ele sempre foi simpático, mas nunca tinha feito brincadeiras. Era muito profissional, assim como eu.

O telefone não parou de tocar desde a hora em que coloquei os pés no escritório. Não tive tempo nem mesmo de prender o cabelo antes que ele chegasse. Caminho em direção à pequena copa anexa ao escritório e, quando vejo meu reflexo no vidro do armário quase caio dura no chão. Ligo a máquina de café expresso e corro para o banheiro. Estou descabelada e vermelha. Droga. Não é à toa que ele me olhou de um jeito estranho. Eu não me pareço em nada com a sua assistente. Respiro fundo e volto à minha sala. Pego a nécessaire na bolsa e me fecho novamente no banheiro. Prendo o cabelo num rabo de cavalo alto. Simples, mas profissional. Retoco a maquiagem e arrumo a roupa. Pronto! Agora estou mais condizente com a imagem que o *big boss*, como eu o chamo, vê diariamente.

Saio do banheiro, corro até a minha sala para guardar minhas coisas e volto para a copa. Preparo uma bandeja com café, água mineral e biscoitinhos amanteigados. O *big boss*, apesar da

aparência cem por cento profissional, tem uns gostos meio adolescentes. Ele ama biscoitos de leite condensado. E, às vezes, no meio da tarde, me faz descer para comprar um pacote de M&M's de amendoim nas máquinas de doce no segundo andar do prédio. Não sei como ele consegue manter a forma comendo tantas besteiras.

Respiro fundo, coloco meu sorriso mais profissional no rosto e bato na porta, abrindo-a devagar. Jesus, que dia estranho. Ele estava parado, em frente à grande janela com vista para o mar, em vez de estar sentado à mesa, trabalhando a todo vapor.

Entro na sala e vou até a mesa dele como sempre faço. Sirvo o café, a água e os biscoitos, em silêncio, com medo de atrapalhá-lo. Talvez estivesse refletindo sobre algo importante, que poderia mudar os rumos da indústria de moda brasileira. Deus me livre atrapalhar. Carlos Eduardo é um bom líder, mas eu não gostaria de enfrentar sua ira. Ele é gentil até certo ponto.

Ouço seu suspiro quando me preparo para sair. Ao chegar perto da porta, a voz rouca e baixa dele me faz parar:

— Você deveria manter o cabelo solto, Mariana. É um crime algo tão bonito ficar preso — diz ele e, quando me viro, já está sentado tomando o café e olhando para o computador, como se não tivesse dito nada.

Acho que estou ficando maluca. Balanço a cabeça e volto para a minha sala. Acho que eu que preciso de um café agora.

Pego uma xícara e, finalmente, ligo o computador. Mal abro o *Messenger* e já tem seis mensagens da Laís:

@lalala: Amigaaaaaa!
@lalala: Ei! Kd vc?
@lalala: Me abandonou? :'(
@lalala: KD VC?? Estou entrando em alerta amarelo com meu chefe. Quero matá-lo!
@lalala: O gatinho do financeiro esteve aqui. Me deu um chocolate de presente e me chamou para ir ao show do grupo dele no fds, vamos?? Juro que não é pagode!!! :P
@lalala: é um saco qdo vc me larga falando sozinha :/

@mari: Deixa d ser dramática. Tive uma manhã TERRÍVEL!

@lalala: Qual a escala de gostosura "dele" hoje?

Diariamente, fazemos a escala de gostosura do *big boss*, e hoje eu estava atordoada demais para dar algo menor que um nove.

@mari: Nove.

@lalala: NOVE?? Jura? OMG!

@mari: Volto já. Intrusos na sala!

Fecho o *Messenger* quando vejo Fernando e Miguel. São dois funcionários da empresa, mas não gosto muito deles. Trabalham aqui, mas forçam muito a barra para serem amigos do big boss, principalmente, o Miguel, que é meio sem noção. Ele não é muito seletivo e canta todo mundo no escritório. *O que cair na rede é peixe*.

— *Fica combinado assim... Te dou a lua do sertão. Você me dá você pra mim... Mari Mariana...* — Miguel canta a música de Victor e Léo que tem meu nome, como sempre faz quando me encontra.

— Bom dia, Fernando e Miguel. — Eu cumprimento, mantendo o tom profissional.

Fernando ri, disfarçando com uma tossida, e Miguel tenta se aproximar, mas tiro o telefone do gancho para avisar a Carlos Eduardo que eles estão aqui.

— Carlos Eduardo, Fernando e Miguel estão aqui. Certo, obrigada. — Ele diz que já podem entrar, e eu me levanto para acompanhá-los até a porta.

Eles fazem sinal para que eu siga na frente, e, quando chego na porta, me viro para que eles prossigam. Nesse momento, pego os dois safados olhando para o meu traseiro. Faço cara feia e eles sequer parecem constrangidos. Indico a sala e, antes de fechar a porta, meu olhar cruza com o de Carlos Eduardo. Ele franze a testa ao ver minha expressão aborrecida e, em seguida, encara os dois com um olhar de reprovação. Então, ele diz:

— Vocês estão chateando a minha assistente de novo?

— Ela é a maior gata — fala Miguel, e Carlos Eduardo o corta.

— Fica longe dela. A Mariana não é como aquelas cabeças de vento da produção — retruca,

parecendo sério. Finalmente fecho a porta, surpresa. O ambiente da empresa era favorável para esse tipo de paquera. Muita gente jovem, mulheres bonitas. Mas não era comum acontecer comigo. E ainda menos comum era o *big boss* se envolver.

Volto para minha mesa e reabro o *Messenger*.

@mari: Desculpa, dois imbecis entraram na sala.

A manhã segue agitada com uma série de reuniões. A tarde seria ainda mais complicada. Temos três reuniões importantes agendadas, e eu participaria de todas elas.

Ao meio-dia, Carlos Eduardo sai da sala e, pela primeira vez no dia, me permito observá-lo melhor. Ele está lindo, como sempre. Seus cabelos escuros estão bagunçados, como se tivesse passado a mão por eles várias vezes, além de estarem mais compridos do que se esperaria do diretor de uma revista. Ele usa um terno cinza que valoriza ainda mais seu corpo forte e bronzeado. Uma leve sombra de barba já aparece no rosto, mas o que faria qualquer homem parecer bagunçado, nele é sexy.

— Mariana, vou almoçar — diz ele, me tirando da fantasia. — Volto antes das duas, tá?

— Hum... err... tudo bem — respondo e me xingo por dentro. Burra! Não pode baixar a guarda e parecer um daqueles cachorros que ficam babando em frente ao frango na padaria!

Ele sorri, parecendo se divertir e sai para o almoço. Aproveito que o escritório está vazio e resolvo almoçar também. Preciso me apressar para que, à tarde, esteja pronta para acompanhar as reuniões.



EQUALIZE
Pitty

Cadu

O dia está tão agitado que resolvo almoçar sozinho num restaurante na beira da praia do qual gosto muito. Não consigo parar de pensar em como Mariana se revelou uma surpresa. Ela é realmente bonita e me surpreendo por não ter notado isso antes. Fui obrigado até a dar um esporro no Miguel, o maior galinha da revista, para deixá-la em paz. Ela é uma garota de respeito, não é como a maioria das mulheres que trabalham na revista e que sempre parecem estar interessadas em sair com alguém. Mariana é séria, dedicada e doce. E eu começo a estranhar o tanto que estou pensando nela.

Sentado na mesa ao lado da enorme janela do restaurante, volto minha atenção para a praia. Eu amo o mar. Em dias como hoje, tenho que me segurar para não tirar o terno, cair na água com minha prancha e esquecer o mundo. De repente, algo me chama atenção. Ela está ali, sentada em um banco no calçadão. Cabelos ao vento, sorriso no rosto, parecendo uma ninfa que emergiu da praia. *O que está acontecendo comigo?* Estou ficando obcecado pela Mariana e não consigo entender o porquê. Passo a mão no cabelo e chamo o garçom, pedindo a conta. Depois de pagar, ajo de forma impulsiva, coisa que não costumo fazer, e atravesso a rua, seguindo em direção à praia. Ela vira de costas para

mim e fica de frente para o mar. Sento ao seu lado em silêncio e, de repente, ela se vira e solta um gritinho:

— Ai, meu Deus! Você quase me mata do coração! — fala, levando a mão ao peito.

— Desculpe, Mariana. Não quis te assustar... — respondo, sem saber o que mais dizer.

— Hum... o que você está fazendo aqui? — pergunta ela e me olha com curiosidade. Sabia que não era uma boa ideia. Nem entendo o que estou fazendo ali. Sou um cara de 26 anos, bem-sucedido, experiente e estou agindo como um adolescente de 15.

— Estava almoçando. Aí, vi você aqui — falo e então fico quieto sem dar mais detalhes sobre algo que não sei explicar. O vento sopra em minha direção e eu consigo sentir o seu perfume. É doce, suave e profundamente feminino. Fecho os olhos, me sentindo tomado por aquele cheiro.

Quando abro, ela está me encarando com uma expressão engraçada, como se eu fosse louco ou algo assim. Acho que realmente estou ficando maluco.

— Está tudo bem? — pergunta ela com um esboço de sorriso no rosto. Balanço a cabeça em concordância.

Que droga! Ela vai me achar um idiota. Olho para frente e foco minha atenção no mar. Então ouço uma risada. Desvio o olhar para ela, que está rindo, tentando segurar a gargalhada.

— O que houve? — pergunto e ela tem a audácia de corar depois de rir da minha cara.

— Desculpe. É só que nunca te vi sem palavras. É bonitinho — fala e ri um pouco mais. *Bonitinho?* Nunca ninguém me chamou de bonitinho.

— Que bom que você se diverte comigo — falo, sério, e ela para de repente e me olha assustada. — O que foi? — pergunto, curioso.

— Desculpe. Não foi nada educado rir de você, Carlos Eduardo — murmura ela, olhando para baixo. Sinto um desejo irresistível de colocar uma mecha de cabelo atrás da sua orelha.

— Cadu — falo, sem conseguir segurar o impulso.

— Oi? — Ela levanta o rosto e me olha surpresa.

— Aqui fora eu sou Cadu, Mariana.

Ela abre um sorriso genuíno.

— Mari — responde e meu sorriso é um reflexo do seu.

O vento balança seus cabelos escuros, e eu não resisto mais ao desejo de tocá-los. Estendo a mão e coloco uma mecha atrás da sua orelha enquanto ela fecha os olhos. Parece que estou fora do corpo, em outra dimensão. Não tenho ideia do que raios está acontecendo comigo, mas é como se um ímã estivesse me puxando para ela. De repente, um barulho nos assusta, e eu puxo a mão rapidamente, cortando o contato.

— O que é isso? — pergunto, confuso, e ela pega o celular que estava enfiado na blusa, entre os seios. *Ah, Senhor! Ela quer me matar.*

— Meu alarme — explica, silenciando o alerta. A imagem me faz rir. Tem muitos horários programados naquele telefone.

— Quantos alertas você tem aí? — pergunto, curioso. Ela ri.

— Muitos. Meu chefe tem muitos compromissos — diz bem-humorada e eu sorrio. — Vamos voltar? — pergunta e eu concordo com um aceno. — O gato comeu sua língua?

Rio. Ela é diferente de todas as mulheres que conheço.

— Não. Uma gata me deixou sem palavras — respondo, sem conseguir controlar o tom de paquera. Mari sorri de um jeito adorável.

Seguimos até o prédio em silêncio e, quando estamos quase chegando, ela começa a se recompor. Pega o elástico que está no braço e prende o cabelo, assumindo imediatamente uma

postura profissional. Entramos no elevador, sozinhos e me sinto muito consciente da sua presença vibrante ao meu lado. Sorrimos um para o outro, mas ainda estamos em silêncio. Pela primeira vez na vida, estou sem palavras, mas também não preciso delas.

O elevador chega, e seguro a porta para ela. Seguimos até a sala, ainda em silêncio. Deixo Mari andar à minha frente enquanto observo o balanço suave do seu quadril. Nunca me envolvi com alguém que trabalhasse na empresa. Foi uma regra que me impus desde o início, mas, nesse momento, me esqueço de todas as regras. Tudo em que consigo pensar é naquele sorriso suave e na vontade que sinto de beijar aquela boca e descobrir se é tão macia quanto parece. Entramos na área da presidência e ela sorri para mim.

— Obrigada pela companhia.

— Disponha, Mari. — Eu a chamo pelo apelido e ela sorri, pedindo licença e caminhando em direção ao banheiro. Respiro fundo e entro em minha sala. Me jogo no sofá de couro preto com a sensação de que fui atropelado por um caminhão desgovernado e nem tive a chance de anotar a placa.

* * *

Mari

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Assunto: ALERTA VERMELHO!!!!!!!!!!
Mensagem: Estou hiperventilando no banheiro. Meu chefe foi abduzido e deixaram um estranho charmoso no lugar.

De: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: ALERTA VERMELHO!!!!!!!!!!
Mensagem: OMG! Como assim? Chefe novo?

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Assunto: Re: Re: ALERTA VERMELHO!!!!!!!!!!
Mensagem: Não! É o antigo, mas reciclado. Ai, Deus, estou tonta. Ele é encantador.

De: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: ALERTA VERMELHO!!!!!!!!!!
Mensagem: WTF? Pq estamos nos falando por e-mail em vez de falar no telefone? Vou te ligar.

O telefone toca e me assusta.

— Quer fazer o favor de me contar isso direito? — Ela grita comigo.

— Não sei o que contar. Estava na praia, olhando o mar. Ele se materializou e tivemos a conversa mais estranha do mundo!

— O que ele disse?

— Ele... ele me disse que lá fora ele se chamava Cadu! — explico, apavorada, e Laís solta uma gargalhada.

— Ainda bem que é Cadu e não Eduarda, por exemplo. Vai que ele diz que o negócio dele é o mesmo que o nosso! — Ela brinca e nós duas rimos.

— Lalá, ele tem covinhas! Covinhas! — Não consigo acreditar no momento surreal que passei.

— Qual é a escala de gostosura?

— Onze! Doze! Quinze!!! — respondo com empolgação e soltamos mais gargalhadas. Ouço um barulho no telefone. Outro alarme. — Droga. Tenho que ir. Está quase na hora da reunião. Preciso preparar a sala.

— Tá bom. Mari, acho bom você anotar todos os detalhes para não esquecer nada. Quero saber de tudo hoje à noite!

— Pode deixar. — Me despeço e saio correndo do banheiro.

Passo na minha mesa para pegar o material e sigo para a sala de reuniões, fazendo aqueles exercícios respiratórios calmantes que aprendi no YouTube. Começo a arrumar a mesa, colocando as pastas com o material da reunião nos lugares e, pouco a pouco, vou me acalmando e permitindo que a Mariana Costa assuma o lugar da Mari. Isso até que o *big boss* entra na sala acompanhado da equipe e, enquanto estão todos se acomodando nas cadeiras, sinto seu olhar sobre mim. Quando eu o encaro,

ele pisca. Se eu já estava interessada antes, agora estou completamente de quatro!



EPITÁFIO
Titãs

Mari

Depois daquela segunda-feira estranha, tive pouco contato com Cadu. Tivemos sucessivas reuniões e, na terça à tarde, ele precisou ir às pressas para São Paulo, resolver algo na sucursal de lá. Considerei que aquela segunda foi uma anomalia em nossa relação profissional e a varri para debaixo do tapete. Eu sequer havia entendido o que tinha acontecido e não estava preparada para analisar aquilo.

Sexta à noite eu costumava sair com a Lalá para dançar. A gente gostava de variar a balada, mas o objetivo era sempre o mesmo: sacudir o corpo e liberar as energias. Hoje, vamos a uma festinha na Lagoa, com show de uma banda de rock nacional indicada por uma amiga de trabalho da Lalá.

Tomo um banho rápido. Abro o armário procurando uma roupa. Em dias como este eu gostava de me arrumar de uma forma diferente. Deixava de ser a Mariana profissional e elegante, que usa terninho e vestido tubinho, para ser a Mari, a moça alegre e divertida.

Pego uma calça jeans *skinny* desbotada, camiseta preta com brilho na frente e um saltão. Seco o cabelo, deixando-o solto e ondulado, diferente do que uso no dia a dia. Quando vou começar a me maquiar, ligo o som do quarto e Maria Rita soa, cantando *Corpitcho*. Eu adoro essa música, e

acompanho, ainda que um pouco desafinada.

Sou uma pessoa muito musical. Adoro todo tipo de música e adoro cantar e dançar. E é por esse motivo que as sextas são tão esperadas. É nesse dia que eu consigo colocar para fora a energia que seguro a semana inteira.

Capricho na maquiagem, destacando os olhos com o delineador. Na boca, um batom clarinho. Me olho no espelho e fico satisfeita com a minha aparência. Só falta uma bolsinha para os documentos, dinheiro e celular. Estou guardando tudo quando o telefone toca.

— Mariana, você tem mãe, sabia? — É minha mãe quem fala, rindo.

— Oi, mãe. Eu sei! Tudo bem?

— Tudo! Vai sair com a Laís? Ela disse para a mãe dela que ia à Lagoa.

As nossas mães vivem fofocando e armando para arrancar informações de nós duas.

— Vou sim, já estava quase saindo, mãe. Vamos a um show.

— Cuidado, filha. Vão de táxi.

— Pode deixar. Beijos, mãe. — Eu me despeço dela, achando graça do que conversamos, e saio de casa em direção ao prédio da Lalá ainda cantarolando.

* * *

Depois de esperar quase 40 minutos para a Laís ficar pronta, finalmente chamamos seu Luiz, nosso taxista de confiança e motorista das baladas, para nos levar até lá. Vamos animadas, rindo e brincando no caminho, até que Lalá fica séria de repente.

— O que foi? — pergunto, preocupada.

— Sei lá... Fiquei com uma sensação estranha.

— Estranha como? Ai, meu Deus! Odeio essa coisa de sexto sentido — reclamo, já que toda vez que alguém fala que está com uma sensação estranha, algo de ruim acontece. Seu Luiz me olha e se benze três vezes.

— Não sei... como se algo fosse acontecer, sabe? Algo muito grande.

— Vai ver que você vai arrumar um namorado — diz seu Luiz e nós duas rimos.

— Ih, seu Luiz, acho que não. Lá só tem ricaço. Esses carinhas da zona sul não dão bola pra gente, não. Quando falamos que moramos do outro lado do túnel, eles saem correndo — explica Lalá, e nós três rimos.

E ela tem razão. A maioria das vezes que saíamos e conhecíamos alguém, se o carinha morasse na zona sul, o negócio não andava. Sabíamos que era um pouco de bairrismo, mas entendíamos. É muito longe e, com tanta mulher bonita por lá, os caras não fazem esse tipo de sacrifício. A não ser que fosse uma paixão avassaladora.

— Isso porque são uns tolos. Vocês são meninas bacanas, bonitas e trabalhadoras. Se meu filho

fosse um pouquinho mais velho, eu mandava namorar uma de vocês — fala seu Luiz e nós duas rimos, lembrando do menino bonitinho de 12 anos.

Em pouco tempo cruzamos o Túnel Rebouças e avistamos a bela Lagoa Rodrigo de Freitas. O tempo está bom, o céu estrelado e com a perspectiva de uma noite divertida. Seu Luiz para o táxi em frente ao barzinho, recebe o dinheiro da corrida e diz que podemos ligar quando quisermos voltar. É sempre assim.

O *barzinho.com* fica numa antiga casa de tijolos aparentes, que já serviu de espaço para uma boate. O primeiro andar é um bar mesmo, repleto de mesas e gente bebendo. No segundo, fica a pista de dança e o palco.

— Quer beber, Mari? — pergunta Lalá, e faço que não com a cabeça, louca para subir e dançar. Ela ri, já sabendo o que se passa na minha mente. Seguimos em direção ao segundo piso, que já está lotado.

A banda toca *O que eu também não entendo*, do Jota Quest. É uma das minhas músicas favoritas. Mal entramos e já me enfio na pista de dança com a minha amiga, dançando e cantando. Em momentos como este, quando ouço esse tipo de música, sinto falta de ter alguém, uma companhia. Ando um pouco decepcionada com os relacionamentos, mas seria muito legal dançar abraçadinho.

A noite vai passando, a banda é incrível e nós cantamos todas as músicas com eles. Eu e Lalá dançamos, conversamos e rimos. Até que eles começam a cantar *Equalize*, da Pitty.

Acompanho a banda, mas uma sensação estranha se apodera de mim. É uma vibração, como se algo estivesse me chamando, mas não sei o que é. Olho ao redor e não vejo nada, mas sinto um frio na barriga e um arrepio na nuca. Se eu tivesse bebido alguma coisa, poderia dizer que a bebida estava batizada, mas não havíamos consumido nada. E então meu olhar cruza com um par de olhos castanhos sedutores. Vejo uma covinha incrível aparecer, deixando minhas pernas bambas.

O que a gente faz quando vai para a balada e encontra o chefe gato encarando como se você fosse um grande sorvete? Foge!

* * *

Cadu

Eu não costumo sair na sexta à noite, ainda mais depois de uma viagem. Mas o Rodrigo me

perturbou tanto que não consegui dizer não. É aniversário de um amigo nosso da pós-graduação e o *barzinho.com* fica perto de casa.

— A gente vai lá, faz uma hora e depois vai embora. Você está ficando velho, cara! — Rodrigo reclama e acabo concordando em ir. É mais fácil do que recusar e ficar ouvindo o mimimi eterno.

Chego em casa do aeroporto e tomo banho correndo. Nem a barba eu faço. Visto uma calça jeans e uma camisa branca.

Era para ser uma noite tranquila de bate-papo com os amigos. Nem bem cheguei, senti alguma coisa no ar. Um incômodo, como se algo fosse acontecer. Olho ao redor. Rodrigo conta uma situação engraçada que ele passou quando eu a vejo. Bom, pelo menos, eu acho que a vi. Porque do mesmo jeito que ela apareceu, sumiu. Eu tenho certeza de que vi a Mari dançando. Não é possível que eu esteja tão ligado nela a ponto de imaginar coisas.

Olho cuidadosamente ao redor e não a encontro. Deus, acho que estou ficando louco mesmo, só pode. Dou de ombros, tentando tirar aquele sorriso da cabeça, quando Rodrigo diz que vai à caça. Rio do comentário e fico observando, tentando descobrir quem será sua "vítima". Meu coração acelera e, por um segundo, acho que precisarei brigar com meu amigo, mas então, ele vai falar com a loirinha ao lado dela. Sim, *dela*. Eu sabia que não podia estar maluco.

Fico afastado, fora do campo de visão dela, apenas observando. Ela está tão diferente da Mariana que trabalha comigo. Está linda e sexy, produzida e relaxada. A banda está tocando *Epitáfio,* do Titãs, e ela canta a letra animada, como se estivesse fazendo seu próprio show.

Fico alguns minutos admirando aquela mulher que me chamou a atenção como ninguém antes, e sem nem fazer esforço. É engraçado, porque a Mari não se parece em nada com as mulheres com quem costumo sair. Normalmente, elas são muito magras, loiras ou ruivas, cheias de artifícios para chamar a atenção. Ela é completamente diferente. Sim, ela está arrumada, maquiada, mas parece uma pessoa de verdade, uma mulher com belas curvas e não uma dessas bonecas sem sentimentos.

Estranho essa linha de pensamento. Não sou do tipo que se compromete. Nunca conheci alguém que fizesse com que valesse a pena investir numa relação. A maior parte das mulheres com quem saio, parecem só estar interessadas em ser vistas com alguém influente, arrumar um marido rico ou sair na capa da *Be*... mas a Mari parece ser diferente delas.

A banda continua no ritmo romântico e a música muda. Vê-la cantar que "deseja beijos intermináveis até que os olhos mudem de cor" me dá o impulso que faltava para ir atrás dela. Caminho na direção contrária; queria surpreendê-la. Me aproximo por trás e antes que a coragem me deixe, passo o braço ao redor da sua cintura e canto os próximos versos da canção baixinho em seu ouvido.



NÃO ME DEIXE SÓ
Vanessa da Mata

Mari

Sabe aquele momento em que você sente que o mundo parou? Como se alguém tivesse pego um controle remoto e apertado a tecla de pausa, e tudo ao redor tivesse simplesmente deixado de existir?

Pois é, eu também não sabia, até sentir o braço de Cadu me enlaçando e ele cantar baixinho em meu ouvido.

Depois da minha retirada de emergência para o banheiro, Lalá precisa me sacudir e me mandar respirar, porque estou entrando em parafuso. Ei, não façam essa cara para mim. Sabe há quanto tempo eu estou sozinha? Dois anos! Meu último namoro terminou de um jeito doloroso. Ele era muito ciumento e, desde então, não me sinto segura para me envolver com ninguém. E eu, com certeza, nunca beijei um cara como o Cadu. Não mesmo. Com certeza, eu me lembraria, ainda que tivesse sido só um beijinho.

Lalá me manda inspirar e expirar do mesmo jeito que aprendi no vídeo. Além disso, ela me dá um esporro, me manda deixar de ser boba e agir de acordo com a mulher adulta que já sou. Consigo me acalmar e a acompanho até a pista, tentando parecer calma e serena, mas tudo o que eu quero é sair correndo e ir para casa. Tenho medo do que posso sentir se me deixar envolver naquela paquera,

mesmo que seja um flerte sem consequências. Porque eu sei que ele é o tipo de cara que tira o nosso chão apenas com um piscar de olhos.

Saímos do banheiro, olho ao redor, mas não o vejo. Será que é coisa da minha cabeça? Não acredito que estou tão mexida a ponto de imaginar coisas. Vamos para o outro lado do salão, por via das dúvidas, e eu consigo relaxar quando não encontro mais o *big boss* gato ali. Respiro aliviada e me deixo levar pela música. A banda é realmente boa e toca o estilo que eu gosto.

Mas durante uma música romântica tudo muda. Sinto aquela eletricidade de novo. Borboletas no estômago. Arrepios na nuca. Olho ao redor e não vejo nada. Lalá estava conversando com um gato e ele está investindo para ficar com ela. Continuo dançando até sentir um braço me enlaçar mais uma vez e uma voz rouca cantar em meu ouvido.

Tento me afastar, mas ele não deixa.

— Fica aqui comigo, Mari. Quero dançar com você — sussurra Cadu em meu ouvido e eu não consigo dizer não. Não consigo falar, na verdade. Perdi a voz e minhas pernas parecem feitas de gelatina. Se ele me soltasse, eu cairia no chão como uma boneca de pano.

Ele me mantém presa contra seu corpo. Ele é quente e mais musculoso do que eu imaginava. Deve malhar muito para ter um corpo assim e acabo ficando um pouco insegura. Mão na cintura não é legal. Dá para sentir as gordurinhas que a gente quer esconder. Droga.

Sinto-o, então, cheirar meus cabelos. Ele inspira profundamente e me puxa ainda mais para perto. É nesse momento que tudo ao redor se apaga, restando só nós dois. Ele me segura com um braço e com o outro acaricia meu pescoço, meu cabelo e meu rosto. A música continua. Lalá e o rapaz estão ao nosso lado, num beijo de causar inveja, e eu estou abraçada, na *night,* com meu chefe gato, sem saber o que fazer. Isso muda tudo, mas ainda que me apavore, eu não consigo resistir. Seu toque é doce, quente, delicado. Quase como se estivesse tentando conhecer cada pedaço meu, mas sem ser invasivo demais para um primeiro encontro.

Ele me vira de frente, enlaçando minha cintura de novo. Ouço, por alto, a canção ao fundo. Então, ele se aproxima do meu ouvido mais uma vez. A música fala sobre desejo e sentimentos sem justificativa ou explicação. É quase uma afirmação para mim, como se o que estivéssemos vivendo ali não precisasse de explicação. Eu mesma não saberia dar uma se alguém me pedisse.

Sua boca passeia por minha orelha, descendo para o meu pescoço. É um toque muito leve, mas que provoca as sensações mais fortes que já senti. Sua boca deixa uma trilha de beijos suaves pelo caminho onde a barba me arranha.

As horas passam e eu não percebo. Só me dou conta do quão tarde está quando Lalá me chama, dizendo que é hora de ir.

— Gata, eu te levo em casa — diz o rapaz que ficou com ela, mas ela balança a cabeça e sorri.

— Não precisa. É muito longe do seu caminho. Eu já mandei mensagem para o taxista que vem nos buscar.

Eles continuam a conversar, e então Cadu me vira de volta para ele.

— Fica comigo, Mari? — pede, e eu levo um susto.

— Ficar com você? Eu não... eu não costumo... — começo a tentar explicar que não sou tão arrojada quanto as mulheres com quem ele sai, mas ele me interrompe.

— Não, linda. Não vamos fazer nada além do que estamos fazendo aqui. Eu só quero ter você mais um pouco em meus braços. Ainda não estou pronto para deixar você ir embora. — Sua voz sai ainda mais rouca e ele olha em meus olhos, parecendo ansioso pela minha resposta.

— Mas depois... para eu ir embora... — falo e ele me interrompe.

— Eu te levo em casa.

— Eu moro longe, Cadu — explico, mas ele balança a cabeça.

— De carro, nada é longe. De moto, menos ainda. Por favor? — Ele pede e não consigo dizer não.

— Lalá, vai na frente — falo baixinho para a minha amiga.

— Você tem certeza, amiga? — pergunta ela, surpresa com meu comportamento inesperado.

— Não... mas não consigo recusar... nem sei explicar — desabafo, e ela sorri. — Eu só preciso estar com ele um pouco mais. — Ela me olha, assente e me abraça.

— Qualquer coisa, me liga. Se ele fosse outra pessoa e não o seu chefe, eu não deixaria você ficar, mas vocês já se conhecem há tanto tempo...

— Pode deixar. Eu ligo. — Nos despedimos e ela sai, acompanhada do rapaz, que se chama Rodrigo. Me viro para Cadu, que está com um sorriso no rosto, mostrando as covinhas. — E então? O bar vai fechar daqui a pouco — falo, tentando descobrir o que ele vai querer fazer comigo às três da manhã.

— Com fome? — pergunta ele e eu sorrio, concordando. Ele retribui o sorriso, me puxa num abraço apertado e fala em meu ouvido. — Vem, vamos comer. — Segurando a minha mão, ele me leva em direção à saída. Me sinto leve ao seu lado, quase como se eu pudesse voar.

Este é, com certeza, o momento mais incrível que já passei com alguém, em toda minha vida. Cadu me faz sentir um turbilhão de emoções, e sinto que eu iria com ele a qualquer lugar depois de um pedido como esse.



PRA VOCÊ, GUARDEI O AMOR
Nando Reis

Cadu

Eu era um cara experiente, já tinha namorado atrizes, modelos, executivas bem-sucedidas. Mas, em todo esse tempo, nenhuma delas me fez sentir o que estou sentindo ao lado da Mari. Correndo o risco de me repetir, ela é especial. É doce e divertida, e eu nunca estive com alguém como ela, que me trata como um cara comum.

Não que eu fosse uma celebridade ou algo assim. Mas a maioria das pessoas me trata cheia de dedos, porque sou o diretor de uma das revistas mais vendidas do país. Só que ela não.

Saímos do *barzinho.com* de mãos dadas. O tempo tinha esfriado um pouco, já que era madrugada, e eu a sinto estremecer ao meu lado. Eu a puxo para mais perto e a aqueço com o calor do meu corpo. Seguimos abraçados em direção ao estacionamento e me recrimino por ter vindo de moto. Ainda bem que não vamos muito longe.

Paramos ao lado da moto e ela arregala os olhos. Fico esperando um elogio, mas ela me surpreende mais uma vez.

— Nós vamos nisso? — pergunta, e eu fico chocado ao vê-la chamar minha Harley de *isso*.

— *Isso* é uma Harley, e, sim, vamos nela — falo e entrego a ela o capacete. Ela olha para mim e

para o objeto, como se não entendesse para que serve. — *Isso* você coloca na cabeça, menina — brinco e aperto seu nariz. Ela ri e responde:

— Eu sei, só que nunca usei um desses. Não sei direito como fazer — fala e abaixa os olhos, suas bochechas ficam vermelhas e eu sinto meu coração apertado.

— Vem aqui, vou colocar em você — retruco, e ela se aproxima de mim. Tiro o capacete de suas mãos e ajusto nela, sem conseguir parar de sorrir. Quando está pronta, espero que suba na moto. Sinto suas mãos leves segurarem a minha cintura e, antes de dar a partida, falo: — Você precisa me abraçar mais forte para não cair. — Ela se aproxima um pouco e eu sorrio. — Mais perto, linda. Me abrace como se eu fosse seu ursinho de pelúcia — brinco, e ela solta uma risada.

— Esse ursinho está grande demais e não é tão fofo quanto deveria — retruca ela, colando o corpo ao meu e me abraçando com força, o que me dá arrepios.

— É um ursinho sarado — respondo, brincando, e ela ri.

— Pois é. E eu jamais seria dona de um urso sarado — retruca ela, e é a minha vez de dar uma risada.

— E por que não?

— É só você me olhar que vai entender. Eu não sou sarada, Cadu. Odeio academia — fala e eu sinto uma pontinha de insegurança no seu comentário.

— E você não precisa. É linda assim, do jeito que é — emendo e seguro sua mão. Dou a partida na moto e sigo em direção ao Leblon, para o segundo lugar no mundo em que eu mais gosto de ficar.

Minha casa.

* * *

Mari

Seguimos de moto pela Lagoa Rodrigo de Freitas e, apesar de amar aquela vista maravilhosa, só consigo me concentrar no corpo quente ao qual estou abraçada. Estou nervosa, já não tenho mais borboletas no estômago, mas sim, uma revoada de pássaros enlouquecidos. Não faço ideia de aonde ele está me levando, mas, como ele falou, também não estou pronta para nos despedirmos. Enquanto sinto a vibração da moto, penso em como as coisas serão daqui para frente. Ao mesmo tempo que estou encantada, fico apavorada. Ele é meu chefe, afinal de contas, e não faço ideia de como vamos

conduzir as coisas daqui para a frente.

Seguimos até o Leblon. Fico olhando as ruas passarem e me sinto no meio de uma novela de Manoel Carlos. Ele entra na garagem de um prédio chique, na esquina da praia. Depois de estacionar, descemos da moto e ele me ajuda a tirar o capacete. Enquanto ele o pendura, ajeito o cabelo, que deve estar uma bagunça. Sinto um tremor, estou nervosa, mas quando ele vira e olha em meus olhos, eu me perco. A intensidade do olhar desse homem é uma coisa de louco, e nunca me vi com um cara que me olhasse como se estivesse tentando desvendar todos os meus segredos. Seus olhos baixam para a minha boca e eu imagino que ele, finalmente, vai me beijar, mas apenas umedece os lábios com a ponta da língua, sorri e estende a mão para que eu o siga. Estou confusa, atraída, enfeitiçada. Os caras com quem já saí nunca agiram assim comigo e eu me sinto... seduzida.

Damos as mãos e ele me conduz até o elevador, aperta o botão do último andar e vira para mim. Abro um sorrisinho e ele retribui. Me puxando para mais perto, encosta a testa na minha.

Respirando fundo, ele fala:

— Ah, Mari... o que vou fazer com você?

Antes que eu tenha tempo de responder qualquer coisa, o elevador chega e ele segura a porta para que eu saia. Então, enlaça de novo os dedos nos meus. Seguimos por um pequeno corredor, que só tem duas portas, uma em cada extremidade. Vamos em direção a uma delas. Ele tira um chaveiro do bolso e abre. Claro que quase caio dura com a beleza de seu apartamento. É tudo tão lindo e tão bem-arrumado que fico parada perto da entrada, com medo de esbarrar em algo e quebrar. Sou tão desastrada quanto um elefante numa loja de cristais.

Ele segue pela sala, e, quando se dá conta de que não o acompanho, se vira e me olha de um jeito engraçado.

— Gostou do apartamento? — pergunta, com uma expressão estranha. Fico confusa com a forma como ele fala.

— Claro. É lindo. Eu só... — Eu me interrompo, sem saber como continuar.

— Você só... — Ele insiste, com uma sobrancelha arqueada.

— Sou um pouco desastrada. Fico preocupada de encostar em algo e quebrar sem querer. — Seu olhar muda e ele abre um grande sorriso, mostrando aquelas covinhas.

Minha Nossa Senhora Protetora das Solteiras em Perigo, me ajude a não perder a cabeça por um homem com covinhas!

Ele volta até onde estou, com aquele sorriso aberto, e, antes que eu tenha chance de esboçar qualquer reação, me pega no colo como se eu não pesasse quase nada.

— Oh... — sussurro, ainda assustada. Ele me aperta contra o peito, cruza um grande corredor e entra na cozinha.

Ao me colocar no chão com cuidado, ele passa as mãos pelos meus braços, seguindo pelos ombros e subindo, até chegar ao meu rosto. Cadu não desvia o olhar em momento algum e, enquanto acaricia meu rosto, se aproxima e me dá um beijo suave na testa. Minhas pernas tremem e os pássaros em meu estômago entram em guerra contra as borboletas, me fazendo sentir como se eu fosse desmaiar de nervoso a qualquer momento. Ele se afasta devagar e sorri, então, respira fundo novamente e caminha em direção à geladeira.

* * *

Cadu

Não consigo entender o que está acontecendo comigo. Nunca agi assim com nenhuma outra mulher. Tudo que quero é cuidar, tocar, sentir o perfume dela. Ainda não nos beijamos, e sei que quando acontecer, vai ser diferente de todos os outros beijos, porque a Mari é diferente. Quando ela parou na sala e ficou olhando ao redor, confundi a confusão dela com interesse. Eu raramente trago alguém aqui, a não ser em festas ou reuniões de amigos, mas, quando acontece, as mulheres olham a casa, medindo o valor das coisas. Ainda sinto vontade de rir com sua confissão inocente de que tinha medo de quebrar algo. Ela é encantadora e muito diferente das mulheres do meu mundo. Como eu não a notei antes? Como não enxerguei o que estava, literalmente, bem à minha frente antes?

Ao mesmo tempo que eu a quero, sinto um pouco de medo. Ela não é mais uma transa, tenho total consciência disso. E sei que seria muito fácil me apaixonar por ela, mas a pergunta é: *será que estou realmente pronto para me apaixonar?*

Vou até a geladeira pegar os ingredientes para fazer uma omelete e, quando me viro, ela está parada, remexendo as mãos. A gente quase não conversou, só ficamos ali, sentido a presença um do outro. É como se as palavras não fossem necessárias. Mas sei que precisamos conversar, ainda que sobre besteiras. Caramba! Estou agindo como um garoto de 15 anos de novo.

— Por que você não escolhe uma música para ouvirmos enquanto comemos, Mari? — Aponto o aparelho de som, que fica atrás dela. Amo música, e todos os cômodos da casa têm equipamentos de som.

— Claro. Alguma preferência? — pergunta ela com um sorriso.

— Não, você escolhe. Gosta de omelete? — Lembro de perguntar.

— Adoro — responde ela, sorrindo, e volta a atenção para o aparelho de som. Vejo-a passar pela playlist até que abre um sorriso.

— Encontrou algo de que você gosta? — pergunto. Ela aperta o play e a música enche o ambiente.

— Ah, Cadu, só tem música boa! Adoro esses estilos. Pop, MPB, rock nacional — emenda ela, sentando-se numa banqueta da ilha central da cozinha, e uma música romântica soa nas caixas de som. Ela fala sobre a surpresa de encontrar alguém que tem a capacidade de despertar sentimentos adormecidos, mesmo no meio de tanta gente.

Tento não me concentrar na letra, que descreve exatamente o que sinto no momento. Estou enfeitiçado por aquele anjo de cabelos castanhos e preciso segurar minha onda ou vou acabar pedindo Mariana em casamento até o final da noite. Ai, caramba! De onde saiu isso?

Ela continua a conversa leve, falando das músicas de que gosta, e eu a acompanho, tentando

colocar ordem na bagunça que a minha cabeça está. A omelete fica pronta, e eu a sirvo com suco de laranja. Ofereço uma salada, mas ela recusa.

Conversamos enquanto comemos, e pergunto mais a seu respeito, as coisas de que gosta, aonde costuma ir. A conversa se mantém descontraída, e ela me conta sobre a amizade que tem com a Laís — a garota que ficou com Rodrigo —, a paixão pela música e os almoços divertidos em família. Mari é descontraída, engraçada e inteligente. Fora do expediente é muito diferente da profissional séria e competente que conheço. Ela conta uma história sobre o cachorro de uma amiga que me faz chorar de rir.

— Você é tão diferente da Mariana, a minha assistente— brinco, e ela cora novamente. Ver esse tom rosado em seu rosto me leva à loucura.

— Ah, Cadu... lá é trabalho. Sei que você precisa de alguém competente para te ajudar. Não teria cabimento se eu ficasse contando essas besteiras para entreter as pessoas — diz ela e ri, mas seu olhar parece um pouco triste.

— O que foi? Você não gosta de lá? — Meu estômago se aperta com a possibilidade de ela não estar feliz trabalhando comigo.

— Não, não é isso. Adoro meu emprego. Aprendo muito trabalhando com você, e amo o que faço.

— Mas...

— Mas nada. — Ela sorri, tentando desconversar.

— Fala, Mari. — Agora estou curioso e preocupado. Será que ela está tentando me usar para conseguir uma promoção?

— É só que não tenho motivos para ser assim com as pessoas de lá. Não tenho muita intimidade com eles — responde ela e sorri, mas tenho a sensação de que está me escondendo algo mais.

— E por que não?

— Hum... — Ela pensa, e emenda: — O pessoal da revista é bastante diferente de mim. Falo com todo mundo, não me entenda mal, mas... não sei se eu sou o tipo de pessoa que eles estão acostumados a ter como amiga. — Ela sorri, e perco a concentração ao olhar para aquele sorriso bonito. — Mas não quero ficar falando de trabalho. Tenho um contrato de confidencialidade assinado com meu chefe, então, me desculpe, não posso falar muito sobre a empresa — conclui e ri. Não posso deixar de achar graça da brincadeira.

Continuamos ali, na cozinha, conversando, rindo e brincando enquanto a música continua tocando no aparelho de som. O papo é leve e descontraído, e Mari consegue acompanhar a conversa sobre qualquer assunto. Até que ela dá um bocejo, e eu olho no relógio para ver a hora. Nossa! Cinco e meia da manhã.

— Vem! — Dou um pulo do banco, e ela me olha, confusa e sonolenta. — Quero te mostrar uma coisa. — Mari olha para o relógio da cozinha e começa a protestar, mas eu a interrompo.

— Nossa, Cadu! Cinco e meia! Preciso ir para casa. — Eu a pego no colo de novo e ela ri.

— Depois vou te levar, mas antes, quero que você veja uma coisa. — Ela ri ainda mais, e eu a levo até os fundos do apartamento, onde fica o meu quarto. Abro a porta com ela nos braços, e seu olhar vai direto para a grande janela.

— Nossa, que vista linda! — fala e eu a coloco sobre a cama. Sento atrás dela e a puxo contra meu peito, nós dois em frente à janela vendo o sol nascer. A vista é realmente linda, com a praia do Leblon aos nossos pés. O céu parece uma pintura impressionista, colorida e incrível.

Puxo o controle do aparelho de som do meu quarto e, como se tivesse sido planejado, a música perfeita toca para completar aquele momento. Então resolvo dar vazão ao que senti vontade de fazer

a noite inteira.



NÃO VÁ EMBORA
Marisa Monte

Mari

Cadu me conduz por um corredor comprido. Abre a porta e entramos em um quarto que acredito ser o dele. Meu olhar se volta para a vista mais maravilhosa que já vi na vida.

— Nossa, que vista linda! — O sol está nascendo e o céu está colorido, indicando o nascer de um dia maravilhoso. Ele me deita na cama e me puxa para seus braços enquanto ficamos admirando aquela paisagem que me deixa sem palavras. Eu estou exausta por causa da noite sem dormir, mas não troco isto por nada no mundo. Ele me faz sentir protegida e especial. Eu realmente espero que ele não seja assim com todas...

Sinto Cadu se mexer e o vejo pegar um controle remoto. Ele liga o som e a música perfeita invade o quarto, transformando aquele momento em algo único.

Aquela vibração que sinto sempre que ele me toca volta com força total. Sua respiração está tão ofegante quanto a minha. Ele me vira e seus olhos se prendem nos meus. Estamos em silêncio, mas aqueles olhos expressivos dizem tudo o que eu preciso saber. Então me puxa para ainda mais perto, colando o peito no meu. Suas mãos seguram meu rosto e ele se aproxima do meu pescoço, inspirando meu perfume. Cadu não é só lindo e sedutor. É o cara mais sensual com quem já estive, me provoca e me arrepia. E se eu já era atraída por ele antes, agora ele me tem completamente nas mãos.

Cadu beija meu pescoço devagar, traçando um caminho de beijos. Suspiro e solto um gemido baixinho. Mas então ele consegue me fazer perder completamente a razão, a noção e a vergonha. Ele morde meu pescoço de leve, provocando arrepios do dedinho do pé até o último fio de cabelo. Nesse momento, deixo a louca que tem dentro de mim sair, e eu o empurro contra a cama e colo meus lábios nos dele num beijo enlouquecedor. Somos uma confusão de mãos, bocas e línguas, e tudo o que eu consigo ouvir são os sons dos nossos gemidos. Ele segura meu cabelo e aprofunda o beijo, me apertando ainda mais contra seu corpo. Quando eu o solto, ele nos vira, ficando sobre mim, conduzindo o beijo mais maravilhoso da minha vida. Minha mente grita: *tranquem a porta e joguem a chave fora! Não vou soltá-lo nunca mais!*

Pouco a pouco, ele vai diminuindo o ritmo até que nossos lábios se afastam e ele sorri para mim, com a respiração tão ofegante quanto a minha.

— Ah, Mari... — Ele suspira e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Sorrio e ele me dá mais um beijo leve nos lábios. — Vou levar você para casa antes que eu descumpra minha promessa. — *Oi? Promessa? Casa? Nãooooo!*

Ele levanta e me estende a mão. Faço o meu melhor para levantar da maneira mais graciosa possível. Seguimos pelo corredor em direção à saída e, antes que ele abra a porta, seguro sua mão e falo, sem conseguir segurar o que estou sentindo.

— Obrigada... — digo, sorrindo. Ele me olha, parecendo curioso e eu emendo: — …pelo melhor nascer do sol que já vi.

Ele abre *aquele* sorriso e eu me sinto levitar de tão feliz.

* * *

Seguimos até a minha casa, mas desta vez no carro dele, conversando sobre viagens. Ele viaja muito e fala sobre os lugares que conheceu e achou incríveis. Rapidamente, chegamos ao meu prédio e ele desce para abrir a porta para mim.

— Obrigado pela noite, Mari — murmura, parecendo um pouco envergonhado. Sorrio, ele retribui e me dá um beijo suave no rosto. Então, abre o caminho para que eu siga até o prédio enquanto espera, encostado no carro com os braços cruzados.

Olho para trás antes de entrar e, quando o vejo, me sinto a própria Cinderela voltando do baile, mas, desta vez, acompanhada do Príncipe Encantado. Aceno para ele, que retribui e entra no carro, indo embora e levando meu coração junto.

* * *

Passo boa parte do sábado dormindo, depois de uma noite inteira acordada. Finalmente, às cinco da tarde, sou despertada pelo som do telefone tocando.

— Sua cachorra, eu vou te matar! — grita Lalá antes que eu tenha chance de dizer "alô".

— Ai, o que houve? — pergunto, ainda atordoada de sono.

— Você não me ligou para contar sobre a noite com o chefe gato! E, PELO AMOR DE DEUS!!! O que era aquilo? Lindo! Gato! Tudo! Por que você não pulou nele antes, sua louca? — pergunta ela, e nós duas caímos na risada.

— Desculpa, Lalá. Cheguei em casa às sete da manhã — começo a me explicar e ela dá um grito no telefone. — Ai, para. Acabei de acordar!

— Quero saber de tudo! — E eu conto tudo que aconteceu naquela noite incrível.

Não preciso dizer que estou apaixonada. É nítido, pela minha voz, o quanto estou feliz e envolvida. Eu ainda não sei como será dali em diante, mas tenho certeza de que daremos um jeito.

— Ai, amiga, estou tão feliz por você. Será que ele vai te ligar no fim de semana? Vocês estão namorando?

— Não sei se ele vai ligar, nem o que estamos fazendo, Lalá. Só sei que estou feliz como nunca estive — falo e lembro que a Laís ficou com um carinha ontem. — E você, amiga? Como foi com seu gatinho?

— Ah, Rodrigo! Lindo, né? Ele é advogado. Trocamos telefones, mas acho que ele não vai me ligar.

— Por quê?

— Ah, sei lá. Vidas diferentes, essas coisas — explica e eu entendo perfeitamente o que ela quer dizer. — Vai no almoço amanhã? — pergunta ela.

— Imagina se não? Eles vêm me buscar em casa — falo, e nós duas rimos.

— E hoje, quer fazer alguma coisa? — pergunta ela, mas estou com muita preguiça para qualquer coisa.

— Ah... acho que não. Vou levantar, tomar um banho e organizar as coisas para a semana.

— Certo, vou ficar por aqui. Se quiser ver um filminho, passa aqui em casa. Tem pipoca — emenda e eu sorrio, feliz com a sua amizade. Laís é uma amiga incrível.

— Pode deixar, Lalá. Nos falamos mais tarde. — Nós nos despedimos e mexo no celular, curiosa para ver se tem alguma mensagem. Não consigo evitar a pontinha de tristeza ao não encontrar nenhuma mensagem dele.

Tento ser positiva, pensando que ele poderia estar dormindo, assim como eu estava até agora pouco. Resolvo tomar um banho, fazer as coisas e aproveitar a alegria pelos momentos da noite passada em vez de me deixar abater com inseguranças bobas.

* * *

O sábado passou e não tive notícias do Cadu. Tentei manter o bom humor, apesar da pontinha de decepção. Lalá passou na minha casa por volta das dez da manhã de domingo para irmos para a casa dos nossos pais. Eles moram em Vila Isabel, um bairro próximo, também na zona norte do Rio, conhecido como o berço do samba, e não levaríamos mais de meia hora até lá de ônibus.

Vamos até o ponto conversando sobre o nosso sábado e, por sorte, o ônibus passa assim que chegamos.

— Amiga, tenho que te mostrar uma coisa — diz ela com cara de gato que comeu o canário.

— Mostra, o que é? — peço, ansiosa.

— Olha. — Ela abre a galeria de fotos do celular e me mostra uma foto. Cadu e eu abraçados. Eu estava falando algo e ele sorrindo e me olhando. É uma foto linda e, apesar de estar escura, transmite um pouco do brilho daquela noite mágica.

— Ahhhh — suspiro. Ela ri.

— Vou te mandar, tá? — Concordo com um aceno e, pela primeira vez desde a sexta-feira à noite, me bate um medinho. Então, Lalá começa a falar sobre o trabalho dela e contar histórias, e eu me desligo desse sentimento estranho.

* * *

Passamos um dia divertido. Nossos pais moram numa vila onde todos se conhecem há anos. É quase uma única família. Pelo menos uma vez por mês nos reunimos para um almoço, sempre muito animado e divertido. É bom matar a saudade da comidinha de casa e curtir a família.

Por volta das seis e meia da tarde, Lalá recebe uma ligação e vai lá fora atender. Nesse momento, minha mãe senta do meu lado e faz o inquérito regular.

— Como você está? E o trabalho? E os namoradinhos?

— Tudo bem, mãe. O trabalho vai bem e os namoradinhos estão nos livros. — Ela ri, mas continua:

— Mas tem alguém na área. Vi você olhando comprido para esse telefone algumas vezes — diz e eu sorrio. Não quero preocupar minha mãe dizendo que saí com meu chefe.

— Ah, não é nada demais, mãe.

— Se quiser falar, mamãe está aqui. — E me abraça.

— Eu sei. — Sorrio e dou um beijo em seu rosto. Nesse momento, Lalá entra na sala.

— Mari, você se importa se a gente for agora? — pergunta ela e eu estranho um pouco, mas não me oponho. Nos despedimos e pegamos o ônibus de volta para casa.

— Está tudo bem? — pergunto quando sentamos.

— Sim, é que o Rodrigo ligou — explica ela, parecendo contente. Abro um grande sorriso, feliz pela minha amiga.

— Jura? E aí?

— Ah, ele me chamou para bater um papo e comer alguma coisa.

— E onde vocês vão? — pergunto.

— Na Rua do Rio — diz ela, indicando uma área a céu aberto, cheia de barzinhos num shopping próximo de casa. — Amiga, você me ajuda a arrumar o cabelo?

— Claro! Você vai ficar linda — respondo, rindo e já planejando o que vou fazer no cabelo dela. Enquanto o meu era comprido, liso e castanho, o dela é ondulado e loiro natural.

Chegamos no nosso ponto e descemos, falando sobre a roupa que ela vai usar, animadas como duas adolescentes. São sete da noite e falta uma hora para o Rodrigo passar para buscá-la. Corremos com os preparativos e, às quinze para as oito, ela está pronta e linda.

— Você está perfeita!

— Ahhh! Estou tão nervosa!

— Fica tranquila, vai dar tudo certo.

Alguns minutos depois, Rodrigo chega e ela desce junto comigo para encontrá-lo. Nos despedimos no portão do prédio e aceno para ele, que está saindo do carro. Ele é muito bonito. Loiro, alto, olhos claros. Ele não se parece em nada com os caras que ela costuma sair, mas fazem um lindo casal. A Lalá é linda, alta e com um sorriso contagiante. Ela é uma amiga maravilhosa e eu torço demais para que ela encontre um cara legal, que goste dela de verdade.

— Marina, né? — pergunta ele e eu sorrio, acostumada com a troca de nomes.

— Mariana. Tudo bem?

— Desculpa! Mariana! Tudo bem e você? — Ele abre um sorriso, e eu e Laís trocamos olhares animados.

— Tudo legal. Bom, vou para casa. Tchau, Lalá. — Eu a abraço e falo baixinho. — Qualquer coisa, me liga, tá?

— Pode deixar.

— Tchau, Rodrigo! — Eu me despeço dele e sigo para minha casa, cantarolando, enquanto minha amiga sai com seu novo gatinho.



PALAVRAS DE UM FUTURO BOM
Jota Quest

Cadu

Chego no escritório mais cedo que o normal. Eu estava inquieto desde sábado. Depois de deixar a Mari em casa, voltei para o meu apartamento, caí na cama e dormi até a noite. Depois de acordar, fui tomar um banho e planejava ligar para ela quando meu interfone tocou. Era o porteiro avisando que meu irmão e minha cunhada estavam lá com meus sobrinhos. Autorizei a subida e resolvi telefonar depois que eles fossem embora.

O Zeca era mais velho do que eu, estava casado com a Lucinha há cinco anos e tinham um casal de gêmeos de três anos. Eles eram muito próximos de mim e eu os considerava amigos.

Fiz um jantar para nós e, a certa altura da conversa, acabei me abrindo e falando da Mari. Não contei quem ela era, apenas que estava saindo com uma menina e sobre onde ela morava. Eles me ouviram, mas Lucinha tinha uma expressão preocupada no rosto.

— Cadu, você acha que vale a pena investir numa relação com essa moça? — Olho para ela, confuso — Você mal a conhece e ela nem faz parte do nosso grupo de amigos. Além disso, mora tão longe de você. Pelo bairro onde mora, com certeza, é de uma classe social inferior — observa e meu irmão acena com a cabeça, concordando.

— Pensando no que a Lucinha está falando, tenho que concordar. Não quero julgar, meu irmão,

mas você é um "bom partido", um cara bem de vida, diretor de uma revista em crescimento... Sei lá, acho que precisa pensar bem se quer correr o risco de se envolver com uma pessoa que pode ser uma aproveitadora... — disse ele.

Começo a repassar a noite anterior e lembro dos comentários que ela fez que me chamaram a atenção... eu sabia que eles tinham razão. Era um grande risco mesmo, por mais que eu estivesse balançado. Não pelo lugar onde ela mora, mas pelo agravante de que ela trabalhava comigo.

— Desculpa, Cadu, mas fico lembrando do que aconteceu com meu pai, sabe? — emenda ela, e eu balanço a cabeça concordando. O pai da Lucinha tinha se envolvido com uma moça que aparentava ser um anjo. Era doce, meiga, delicada, mas, no fim das contas, quase arrancou as calças do coroa.

Depois que eles foram embora, fiquei refletindo sobre o assunto e desisti de ligar. Ao mesmo tempo que lembrava do seu jeito doce e meigo, e achava que era impossível que ela estivesse fingindo, também lembrava daquele beijo na minha cama. Aquilo me deixava louco só de pensar. Ela tinha se transformado de gatinha em tigresa num piscar de olhos, e isso só reforçava o que meu irmão e minha cunhada haviam falado.

No domingo, depois de pensar muito, decidi acabar com o que tinha acontecido entre a gente logo na segunda de manhã. Eu não queria perder a assistente por um caso que poderia não dar em nada ou ainda lhe dar chance de me prejudicar.

* * *

Depois de uma hora sentado em minha sala, ouço barulho na sala ao lado. Ela chegou. Pego o telefone e ligo para seu ramal.

— Mariana, você pode vir aqui, por favor?

— Claro, só um instante.

Em menos de cinco minutos, ela entra na sala com um sorriso no rosto e a bandeja do café. Quando nossos olhares se cruzam, o sorriso dela murcha, e eu sinto um aperto no peito, mas sigo em frente.

— Sente-se, por favor — falo, indicando a cadeira à minha frente. Ela senta, os olhos castanhos arregalados. Falo de uma vez, antes que eu perca a coragem: — Mariana, pensei muito durante o fim de semana. Preciso me desculpar. Passei dos limites com você, não devia ter feito o que fiz. Trabalhamos juntos, e as coisas podem ficar complicadas — Foco num ponto além dela, sem coragem de olhar em seus olhos. Um gemido baixinho me chama atenção e ela está olhando para baixo, com a mão na boca e uma aparência chocada. Meu estômago dói com sua expressão, mas não tenho como voltar atrás. — Queria pedir que você esquecesse o que aconteceu na sexta e... — Não consigo terminar de falar. Ela levanta, respira fundo e fala.

— Claro, Carlos Eduardo. Sem problemas. Preciso responder a alguns e-mails que chegaram no fim de semana. É só isso? — pergunta e eu aceno com a cabeça.

— Claro, Mariana. Obrigado — falo, assustado com a sua reação. Ela sai da sala sem dizer mais nada e fecha a porta. Me sinto mal, como se aquela porta fosse uma barreira real entre mim e algo que quero muito, apesar de ser tão errado para mim. Só espero não me arrepender depois.

* * *

Mari

Eu me tranco no banheiro e só então me permito desmoronar. As lágrimas de mágoa, decepção e vergonha caem de forma incontrolável. Eu não consigo acreditar que isso está acontecendo. Por que ele tinha ido atrás de mim e insistido daquele jeito, se não estava interessado? *Burra! Burra! Burra!* Ele deve ter achado que eu era uma suburbana idiota que cairia facilmente em seu papo. Ainda chorando, pego o celular no bolso da calça e envio um e-mail para a Lalá.

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Assunto: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem: Arrasada. Ele me deu o fora.

De: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!

Mensagem: O QUÊ???? Vou enfiar a mão na cara desse idiota. Onde vc está? Ele não te mandou embora, né?

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Assunto: Re: Re: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem: Não!!! Estou no banheiro, sem ar e chorando igual a uma louca. Queria ir para casa e me esconder do mundo.
BURRA!!!

De: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem: Não! Vc vai respirar fundo, lavar o rosto, dar um jeito na cara e trabalhar como se nada tivesse acontecido. Vou mandar o boy da empresa levar uma coisa para vc. À noite teremos uma overdose de sorvete. Cara, não acredito que o idiota fez isso.

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem: :'(:'(:'(:'(

De: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem: Pensa assim: ele é um imbecil. Um riquinho idiota com um pinto pequeno. Se livrou de uma boa.

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem: Ai, amiga. Não é pequeno. :O
De: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem:
Cachorra! Vc disse que não tinha ido p/ cama com ele! :O :O :O :O
.
.
.
.
PS: É grande?

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem:
Eu não fui! Vc pensa que eu sou o quê? kkkkkkkkkkkk Mas eu senti.
.
.
.
PS: Sim, é grande! :O

* * *

Passo o dia num estado lastimável. Me sinto deprimida e não vejo a hora de sair dali, mas tenho que manter a pose, apesar de estar destruída por dentro. Cadu passa a manhã inteira trancado na sala dele. O idiota me manda um e-mail pedindo para desmarcar todos os seus compromissos. Quase uma hora depois do meu surto no banheiro, um portador traz uma encomenda para mim. *Que estranho, não pedi nada!*

É uma caixinha pequena. Quando abro, me deparo com cinco barras de chocolate e um bilhetinho escrito à mão e vários corações desenhados. E logo me lembro do que se tratava:

Chocolate para aquecer seu coração! ♥♥♥
Sim, eu sei que dói, mas pensa que um pé na bunda te empurra para a frente. Cabeça erguida, amiga!
O que é seu está por vir!
Amo vc!
Lalá ♥

Na hora do almoço, levanto ao ouvir barulho na sala e corro para o banheiro para não vê-lo. Não sinto vontade nenhuma de comer ou de sair. Só quero que este dia acabe. Mas ainda não me sinto pronta para encará-lo. Choro um pouco mais no banheiro e, quando está perto da hora de ele voltar, me acalmo, retoco a maquiagem e respiro fundo algumas vezes.

A tarde passa arrastada. Ele não sai de dentro da sala e fico grata por isso. Nossa comunicação é feita unicamente por e-mail, e eu respiro aliviada quando o dia chega ao fim. Arrumo minhas coisas, e, quando estou pronta para sair, bato na porta do cachorro, deixando-a entreaberta, como faço todos os dias.

— Com licença — falo, surpresa com o fato de ele estar com a cadeira virada para a janela, olhando a vista, em vez de enfiado no computador como sempre. Ele se volta na minha direção, parecendo surpreso com a interrupção. — Estou saindo. Precisa de algo mais? — Uso meu tom mais profissional.

— Não... pode ir, Mariana — responde, e aceno com a cabeça. Quando estou quase fechando a porta, ele me chama de novo. — Mariana?

— Pois não? — Abro a porta de novo. Meu coração parece ter corrido uma maratona de tão agitado que está.

— Você está bem? — pergunta, e sinto vontade de socar a cara dele. Passei o dia tentando controlar minhas emoções para conseguir falar com ele no final, antes de sair, e ele tem que me desestabilizar logo quando eu estava conseguindo? *Inspira e expira, Mari.*

— Se estou bem? Sim, claro! Por que não estaria? — pergunto, conseguindo manter a voz firme. — Bom, desculpe, preciso ir. Tenho compromisso.

— Claro. Boa noite.

— Boa noite — respondo e fecho a porta.

* * *

Cadu

Vou para casa extremamente chateado, mas sem saber direito o motivo. Eu deveria estar satisfeito com o fato de a Mari aceitar bem o nosso afastamento. Mas, na verdade, me sinto meio estranho. Entro no apartamento, arranco a gravata, o terno e vou direto para o chuveiro. Tomo um banho demorado e, quando termino, enrolo uma toalha na cintura e ando pela casa. Ali, no silêncio, sinto a cobertura grande demais para mim. Vou até o bar e pego um copo de uísque. Viro a dose de uma vez e resolvo me deitar. Eu devia estar cansado, só podia ser isso. Entro no quarto, deito na cama e fecho os olhos. No mesmo instante, um perfume doce me envolve, e a imagem de um par de olhos castanhos expressivos me vem à mente. Merda. Estou ficando obcecado com a droga de uma mulher só porque não posso tê-la. O telefone celular toca, e eu o pego de cima da mesa de cabeceira. Miguel.

— Fala, cara!

— E aí, Cadu, beleza? Tentei falar com você hoje, mas a Srta. Dragão não permitiu.

— Quem? — pergunto, confuso.

— Srta. Dragão. Sua secretária mal-humorada.

— Não fale assim dela, Miguel. Eu pedi que não deixasse ninguém entrar hoje. Estava ocupado.

— Ah, ela é até bonitinha. Mas parece que vai morder — diz ele e ri. — Se bem que se ela quisesse me morder na cama, não seria ruim. — Ele solta uma gargalhada e eu fico irritado com a brincadeira.

Miguel é assim, acha que todas as mulheres são objetos. Não se envolve com ninguém a sério. Sai com as mulheres por um tempo e depois as descarta. Sim, sei que você vai dizer que eu também sou assim, mas sempre falo para as minhas mulheres que não quero compromisso. Assim, não gero expectativa. Ele faz de tudo para conquistar, não importa a que preço.

— Miguel, já pedi para você deixar a Mariana em paz. Eu não posso perder a assistente porque você acha que tem que ir atrás sempre que vê um rabo de saia.

— Ok, ok, cara! Não está mais aqui quem falou.

— Você queria falar algo comigo ou só jogar conversa fora?

— Fiz o levantamento tecnológico da sucursal de São Paulo, como você pediu.

— E aí?

— Vai ser preciso fazer algum investimento para implantar o software para rastreamento, mas acho que será viável.

Há alguns meses, venho notando que algumas de nossas matérias são muito parecidas com as da concorrência, principalmente as produzidas pela equipe que trabalha em nosso escritório de São Paulo, me deixando com a sensação de que algo está errado e que alguém está tentando nos passar para trás. Então, pedi a Miguel, que é o coordenador da área de TI, para verificar se há uma forma de rastrear e-mails, conversas online e dados transmitidos para tentarmos descobrir se alguém está vendendo informações para a concorrência.

— Ótimo. Então se prepare que vamos amanhã mesmo para São Paulo resolver isso — falo, e ele concorda.

— Certo.

— Vou pedir a Mariana para providenciar as passagens para a parte da tarde. Não vou ficar no escritório de manhã; se precisar de mim, liga para o celular.

— Claro, amigão. Pode deixar — diz ele, e encerramos a ligação.

De: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Passagem
Mensagem: Mari,
Providencia p mim duas passagens p SP em meu nome e do Miguel saindo hoje (terça) logo apos o almoco.

Odeio digitar e-mail no celular. Sai tudo errado e sem acentos. Não tenho paciência para corrigir depois que digitei. Estou quase apertando o botão envia, quando um impulso me faz acrescentar:

Você vai ficar bem?
Cadu



ME ADORA
Pitty

Mari

Minha cabeça dói.

Isso que dá misturar sorvete com tequila em plena segunda-feira. Mas, segundo a Lalá, era o remédio que eu precisava para começar a odiar o idiota do meu chefe. E se ele era o responsável pela minha dor de cabeça pavorosa, eu já o odiava com todas as minhas forças.

Chego no trabalho e encontro um e-mail do dito cujo.

De: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Passagem
Mensagem: Mari,
Providencia p mim duas passagens p SP em meu nome e do Miguel saindo hoje (terça) logo apos o almoco.

Você vai ficar bem?
Cadu

Argh! Eu não sei qual é o problema dele, que não consegue colocar um acento ou vírgula nos e-mails. Que nervoso!

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Assunto: Re: Passagem
Mensagem: Prezado Carlos Eduardo,
Passagens compradas e check-in on-line realizado. Os comprovantes estão nos respectivos e-mails.
Ficarei bem, com certeza. Ficaria melhor se você utilizasse corretamente os acentos, pontos e vírgulas, tão importantes em nossa língua portuguesa.
Façam uma boa viagem.
Mariana.

De: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Passagem
Mensagem:
Mariana,
desculpe pela informalidade. Eu realmente enviei a mensagem sem me dar conta do que tinha escrito. Sua resposta atrevida me faz pensar que voce esta mal-humorada. Fico me perguntando o motivo e cheguei a seguinte conclusao:
a) Vc nao gostou de eu te-la chamado de Mari
b) Vc esta irritada comg pq eu perguntei se vc vai ficar bem
c) Vc e uma defensora ferrenha da lingua portuguesa e se sentiu ofendida pelo fato d eu odiar escrever e-mails no cel e nao colocar essas porcarias d acentos e virgulas q sao difíceis de marcar no teclado virtual do aparelho
d) Vc ainda esta irritada cmg
e) T.R.A

Atenciosamente,
Carlos Eduardo

Ainda bem que *você-sabe-quem* não está na sala ao lado ou eu o teria esbofeteado. Você consegue acreditar numa resposta como essa? Convencido! Quem ele pensa que é?? Clico imediatamente em responder e digito com força, transferindo minha ira para o teclado.

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Passagem
Mensagem:
Prezado Carlos Eduardo,
Para uma pessoa que não gosta de escrever no celular e que usa argumentos fracos para não escrever corretamente e justificar sua preguiça, você escreve e-mails muito grandes. Grandes e confusos, tendo em vista a falta de pontuação necessária para o bom entendimento da mensagem.
Entre suas opções, com certeza, a letra C é a alternativa que mais se aproxima dos meus sentimentos atuais.
Sem mais.
Cordialmente,
Mariana Costa
Assistente do Diretor de Redação da Revista Be

* * *

A semana passou atribulada. Apesar de estar grata por *você-sabe-quem* estar longe, tenho que dar o braço a torcer de que é muito mais complicado trabalharmos dessa forma. Nós ainda não estamos nos falando ao telefone. Parece que temos um acordo tácito com relação a isso. E damos preferência ao e-mail. Mas sinto que ele está tentando me provocar, só não consigo entender o porquê.

@lalala: É óbvio. Ele está tentando se fazer presente. O famoso “nem fode nem sai de cima”

@mari: Fiquei pensando se ele não está forçando uma barra p/ eu pedir demissão.

@lalala: Pode ser. Mas vc NÃO vai fazer isso!!!

@mari: Não, claro que não. Não vou sair com uma mão na frente e outra atrás depois de tudo.

Na quinta-feira, logo após o almoço, a porta da sala se abre de supetão e eu levo um susto. Lynn entra, invadindo como se estivesse desfilando numa passarela. Não sabe quem é a Lynn? Nossa, onde você esteve por todo esse tempo? Lynn é a "new face" do momento. Queridinha dos fotógrafos e dos estilistas, e uma vaca total com pobres mortais como eu. Ah! Eu contei que ela teve um caso com *você-sabe-quem*?

— Desculpe, Lynn, ele não está. — Corro na frente dela, impedindo-a de entrar na sala. Ela me olha de cima a baixo, o que não é nada difícil, já que é uma gigante pernuda, e eu tenho "apenas" 1,70 m.

— Não tem problema, queridinha. Vou esperar por ele — retruca ela com desdém. Argh!!! Que vontade de tirá-la de lá pelos cabelos! Nossa, como ando irritada!

— Ele não volta. Está viajando. Desculpe, mas não posso permitir que você entre na sala sem que ele esteja aqui. Sinto muito. — Ela me olha com indiferença e tira o telefone celular da bolsa com um floreio.

— Oi, queridinho. Tudo bem? Ownn, bebê, que saudade — ela geme no telefone; quem escuta do outro lado pensaria que ela está à beira do clímax. — Estou aqui para ver você — diz e ouve silenciosamente, fazendo um biquinho.

Alguém avisa que ele não consegue enxergar essa palhaçada do outro lado da linha?

— Essa sua secretária esquisita falou. Ela me impediu de entrar em sua sala — reclama, e eu fico de boca aberta com a ousadia dela. Vaca!!! — E você volta quando? Ah, está bem. Vou ver minha agenda com a Lucy e te falo. Você deveria considerar colocar uma secretária melhor, querido. Essa que trabalha com você destoa completamente da revista — ela fala, me deixando irada. Então segue para a saída com um sorriso no rosto. — Um beijo. *Au revoir! — Blerghhh.*

O resto da tarde passa devagar e eu me sinto melancólica. Tento não deixar que comentários maldosos a meu respeito me abatam, mas estou mais sensível do que o normal essa semana. E Lynn, a vaca, conseguiu me fazer sentir feia, gorda, desajeitada e inferior. Droga. Quase na hora de sair, um e-mail chega.

De: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Forte
Mensagem: Fiquei sabendo que você está tomando conta do forte. Obrigado. :)
Devo voltar só na segunda, ok? Antes de sair, pode me mandar o contrato da By Kyra? Ah! Eu tinha um compromisso com a Lucca amanhã. Se puder desmarcar, agradeço.
C.

Só me falta essa. A mulher arrasa comigo e ele fala que estou tomando conta do *forte*. É tudo de que preciso para me sentir uma versão feminina do viking Hagar, o Horrível. Sinto vontade de matá-lo por me fazer desmarcar seus encontros amorosos. Lucca era outra modelo que eu já vi ciscando por aqui várias vezes. É muito abuso. E que porcaria é essa de assinar com a letra do primeiro nome? Acho que estou na TPM, tudo me irrita!

@mari: Preciso de chocolate, emagrecer, um porre e beijar na boca. Não necessariamente nessa ordem.

@lalala: Tudo isso eu posso arranjar. Menos emagrecer. Vc é linda do jeito que é. Não tem que emagrecer nada.

@mari: Vc diz isso pq é magrela. Falta pouco para chegar aos 30. Estou me sentindo idosa, enrugada e flácida. Será q o plano de saúde cobre Botox?

@lalala: Palhaça! Vc só tem 24. É linda, tem a pele de bebê e não é flácida, é macia. E se for aplicar Botox, vou te enfiar a mão na cara! Kkkkkk

@mari: :(

@lalala: Vou organizar nosso programa de fds! \o/

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Assunto: Re: Forte
Mensagem: Prezado Carlos Eduardo,
Segue anexo o contrato solicitado.
Não tenho autorização para deixar quem quer que seja entrar em seu escritório durante a sua ausência. Nem mesmo suas namoradas. Estou apenas fazendo meu trabalho.
Por falar nisso, vou desmarcar seu encontro, mas peço que procure organizar sua agenda pessoal sozinho. Não faz parte das minhas atribuições cuidar dos seus encontros amorosos.
Atenciosamente,
Mariana

Levanto para começar a guardar as coisas quando o aviso de mensagem apita, e eu não resisto à curiosidade de ler.

De: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Forte
Mensagem: Mariana,
É por coisas desse tipo que você é a minha assistente e pessoa de confiança.
Não se preocupe. Minha agenda pessoal está fechada no momento. O “encontro” com a Lucca não é pessoal, mas uma reunião profissional para discutir a próxima capa, que será com ela. Nem a Lynn é minha namorada. Eu jamais teria deixado as coisas avançarem daquele jeito se eu estivesse envolvido com alguém.
Você parece um camaleão, sabia? A cada vez que nos falamos, você mostra um lado que eu não conhecia. Acho que quando estou longe, vc deixa a Mari tomar conta da Mariana, que é mto mais passional do que a minha assistente.

Obrigado pelo contrato. Vc só não falou se ia sentir minha falta até segunda. ;)
C.

Esse homem quer me matar, né? Como assim, sentir sua falta? Depois, nós mulheres é que somos confusas.

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Forte
Mensagem: Carlos Eduardo,
Obrigada pela confiança.
Não entendi seus últimos comentários. Só estou agindo como você mesmo pediu. Profissionalmente. Peço desculpas se agi de forma impertinente em algum dos meus e-mails. Não foi intencional.

Sim, sim, foi! Mas ele não precisa saber.

Estou de saída. Precisa de algo mais?
Atenciosamente,
Mariana Costa
Assistente do Diretor de Redação da Revista Be

Imediatamente, a resposta dele chega e eu quase caio da cadeira.

De: Carlos E. de Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Forte
Mensagem: Ah, Mari... O que vou fazer com vc?
Cadu.

Hora de ir para casa imediatamente!!!



POR ONDE ANDEI
Nando Reis

Cadu

Depois de uma semana longe, finalmente chego em casa. Estou cansado e... confuso. Sim, confuso. Sei que coloquei um ponto final na *coisa* com a Mari, mas ela mexe comigo de um jeito que não sei explicar.

Passamos a semana nos falando por e-mail. Achei que seria mais fácil para ela. Tá, confesso, para mim também. Mas então, ela demonstrou um lado que eu não conhecia. Aquele lado abusadinho, que me fazia gargalhar a cada e-mail, imaginando sua expressão ao escrever. Aquelas últimas mensagens me balançaram ainda mais. Fiquei irado com a forma como a Lynn falou dela ao telefone e tentei compensá-la de alguma forma. Mas, ao mesmo tempo que eu quis afastá-la, não consegui resistir ao seu jeito de ser. Ela é diferente de todas as mulheres que conheço ou já namorei. Não tem um pingo de futilidade nela e, nesse mundo em que trabalhamos, isso é algo muito, muito raro.

O telefone toca, me tirando daquele devaneio louco.

— Fala, Rodrigo!

— E aí, Cadu! Já de volta?

— Acabei de chegar.

— Show! Toma um banho e me encontra na casa da Michelle. Hoje é aniversário dela.

— Cara, acho que não vou. Estou cansado e...

— Deixa de ser velho, *bro*. Vou levar uma gatinha, mas vai estar cheio de mulher lá! — Hum... essa podia ser uma forma de tirar a atrevida da minha cabeça.

— Tá bom, eu vou. Lá pelas onze eu tô chegando.

— Valeu. Vou lá buscar a gatinha.

— Está namorando, cara? — pergunto, assustado. Rodrigo nunca foi de namorar e levar uma mulher para uma festa é algo totalmente fora de seus padrões.

— Ah, não é bem namorando. Estou saindo com ela. Mas...

— Mas?

— Sei lá, Cadu. Estou gostando, sabe? Ela é diferente. Divertida, carinhosa. É superinteligente, tem resposta pra tudo. E me faz rir. — Lógico que a descrição dele me faz pensar *nela*.

— Legal, cara. Tomara que dê certo.

— É, estive na casa do meu irmão essa semana, e ele disse para eu tentar não estragar tudo dessa vez — diz ele, e ri. Nos despedimos, e vou para o chuveiro, tentando tirá-la do pensamento e me preparar para a noite.

* * *

A festa está lotada. Michelle mora na Barra da Tijuca, em um condomínio de casas, e tem um quintal enorme. Suas festas são muito disputadas e sempre têm alguma coisa de diferente. Dessa vez, ela contratou uma banda para fazer um show para seus convidados.

Cumprimento algumas pessoas que conheço e vou em direção aos fundos da casa, onde o show está rolando.

Os convidados estão animados, dançando. Vou olhando ao redor para ver se encontro o Rodrigo, até que o vejo abraçado com uma garota que me parece familiar. Ele me vê e faz sinal para eu me aproximar.

Próximo a eles, uma mulher dança. Ela está de costas, mas suas pernas são incríveis. Subo o olhar por seu corpo, até chegar na cintura. Então, ela se vira na minha direção, e eu levanto o olhar, observando suas curvas. Quando foco no rosto, solto um xingamento baixinho, e ela canta junto com a música, virada para mim, de olhos fechados.

Antes que eu tenha chance de esboçar qualquer reação, um mauricinho chega perto dela, enlaçando sua cintura e falando algo no ouvido dela. Ela para de dançar e sorri para ele, e eu começo a enxergar vermelho. O que ela está pensando, dando mole para um cara que nem sabe quem é? Eu só penso em dar um soco na cara desse idiota e tirá-la dali.

Saio como um homem numa missão. Sigo em direção aos dois, pisando duro. Passo por Rodrigo, que abre a boca para me cumprimentar, mas nem dou chance a ele de falar. Paro ao lado da

Mari e pego sua mão, puxando-a para mim.

— Ei! — Ela protesta. Quando se vira e percebe que sou eu, fica boquiaberta. E então dispenso o cara:

— Ela está acompanhada, cara. — Ele levanta as mãos, se desculpando.

— Não estou, não! — Ela grita comigo.

— Está sim! — grito de volta. Ela me olha surpresa e começa a rir.

— Não. Estou. Não. — fala ela, pontuando cada palavra como se eu fosse uma criança, e tenta se afastar. — Quem você pensa que é? — grita para mim, dando alguns passos para trás, mas eu não afrouxo meu aperto em sua mão. — Você é louco!

— É você quem está me deixando louco! — grito de volta, e ela ri.

— Você nem sabe o que quer! Me deu o fora na segunda e hoje vem empatar a minha paquera?

— Eu sei sim o que eu quero! — Ela me olha irritada, fazendo-me lembrar da Mari atrevida, aquela que tem respostas espirituosas e que me faz rir com sua lógica maluca. Ela tenta se afastar de mim, e não tenho dúvidas do que fazer. Puxo-a na minha direção, colando seu corpo no meu e a beijo para encerrar a discussão.



VELHA E LOUCA
Mallu Magalhães

Mari

Sabe aqueles beijos de filmes? Aqueles que a gente chega a virar o pescoço quando vê? O tipo de beijo que a gente sente o ar faltar e as pernas tremerem? Esquece! Esse beijo foi um milhão de vezes melhor. Cadu mostrou seu lado fofo e sedutor na semana passada, mas agora? O homem parece um furacão. Nunca fui beijada assim. Nunca. Ele me puxa contra o peito, segura meu cabelo e me beija. Nem sei se isso é um beijo. É quase um assalto a mão armada à minha boca com a língua! Esqueço de tudo ao redor, onde estou, quem eu sou, tudo. Só consigo sentir aquele corpo quente colado no meu, as pernas bambas e aquela boca mais gostosa que chocolate derretido.

É um beijo tão profundo, tão sexy, tão maravilhoso, que, com o outro braço, ele enlaça a minha cintura e quase me levanta do chão, de tão enrolados que estamos. Ainda abraçados, ele me empurra em direção ao muro da casa, sem parar de me beijar. Quando chegamos ao final da linha, ele cola o corpo inteiro no meu.

Mas então, eu me lembro. De tudo: do quanto chorei na segunda, do quanto ele me fez sofrer, primeiro, me dando esperanças e depois acabando com cada uma delas. Da tristeza e de tudo o que senti ao longo da semana. É nesse momento que a Mari rebelde ganha vida de novo. Mordo seu lábio inferior com força, e ele me solta, gemendo alto.

— Ai, Mari! O que é isso? — pergunta, passando a mão na boca e limpando um pouquinho de sangue que começa a sair. Bem feito!

— Eu disse para você me largar, idiota — falo, me sentindo corajosa.

— Idiota? Você me beijou também! — reclama ele, fazendo uma carinha confusa. *Fofo!*

— E você disse que não queria nada comigo. Você está pensando o quê? Dentro da empresa eu realmente te devo respeito e você decide como as coisas funcionam. Mas aqui fora, não sou obrigada. Não te devo nada, nem te dou o direito de me agarrar assim. Ou de tentar me impedir de beijar quem eu quiser. — Enquanto falo, cutuco o peito dele com o dedo em riste.

— Beijar? Você ia mesmo beijar aquele idiota? — pergunta ele, irritado.

— Isso é algo que só diz respeito a mim, você não acha? — Começo a me afastar. Então, me viro e acerto o golpe final. — Pelo menos, ele sabe o que quer.

Touché!

Viro em direção à saída e vou embora, sem nem me despedir da Lalá.

* * *

Sabia que não deveria ter ido àquela festa. Acordo com todos os sintomas de uma ressaca braba sem nem ter bebido. Chego em casa, acalmo a Laís — que surta quando percebe que fui embora sem falar com ela — e vou dormir. Quando viu o Cadu na festa, ela o chamou de otário, e Rodrigo quis saber o porquê. Então ele disse que Cadu é seu melhor amigo, e a Terra tremeu. Pois é, você sabia disso? Nós não. Estamos tão envolvidas em nossas bolhas particulares que esse "pequeno" detalhe simplesmente passou despercebido. Ela pensou em se afastar, em solidariedade a mim, mas pedi que ela dê uma chance a ele, que parece ser um cara legal e não tem nada a ver com o amigo idiota.

Passo o domingo presa em casa, arrumando armário. Era difícil eu ficar deprimida a ponto de não sentir vontade de sair ou falar com alguém, mas foi isso que aconteceu. Estou confusa, irritada, frustrada e um pouco triste. E ainda tenho que trabalhar amanhã e fazer de conta que está tudo bem. Deixo o telefone fixo fora do gancho e o celular desligado. Óbvio que não adianta nada. Por volta das cinco da tarde, a campainha toca.

— Sério que você vai ficar enfurnada nesse apartamento, sem falar com ninguém, o domingo inteiro? — Lalá nem espera eu abrir a porta completamente e já entra sem me dar a chance de falar alguma coisa.

— Vou. Estou cansada — retruco, desanimada e volto para o quarto.

— Se te serve de consolo, o *idiota-que-você-sabe-quem-é* ficou péssimo depois que você foi embora da festa.

— Péssimo como? — Lógico que quero saber.

— Uma cara horrível. Bebeu todas e a gente teve que levá-lo para casa.

— Humpf. — Solto um grunhido abafado.

— Rodrigo ficou muito surpreso. Disse que o Cadu não costuma beber assim. E no caminho... — Ela para de falar, fazendo mistério.

— No caminho? — pergunto, já nervosa.

— Ele ficou falando coisas desconexas como, aquela atrevida, maluca. Lembro que ele também falou "*Ela está me deixando maluco*". Acho que você acabou com ele — conclui e começa a rir.

— Nossa, quanta loucura numa frase só — digo, ainda séria.

— Sim, ele falou isso inúmeras vezes. E com voz de bêbado. Acho que você o deixou piradinho. E aquele beijo, Mari? UAU! O que foi aquilo? — Jogo uma almofada na cabeça dela. — Ai!

— Ele é o inimigo, lembra?

— Ah, é. Desculpa. É que foi tão...

— Tão?

— Sexy, amiga. Parecia uma cena de novela. Fiquei de boca aberta olhando. A festa parou. Foi o beijo mais quente que já vi na vida. Se com um beijo ele é assim, imagina... — Jogo outra almofada. — Ai!

— Não me faça ter fantasias com o inimigo. Já bastam meus pensamentos confusos. — Nós duas rimos.

— E o que você vai fazer?

— Agir profissionalmente. Procurar outro emprego. Pedir demissão. Esquecê-lo.

— Ah, Mari.

— Sem "ah", Lalá. Quero alguém que me queira. Não quero ser o casinho de ninguém. E ele não me quer assim. Com certeza, ele se sente atraído, mas não quer assumir uma relação ou algo do tipo. Serei a comidinha da semana e acabou. E aí, amiga, quem vai chorar na cama, que é lugar quente, sou eu.

— Você tem razão.

— Sim, eu tenho. Agora vamos arrumar o armário que é o melhor que a gente faz. — Jogo uma pilha de roupas para ela dobrar. Lalá resmunga, desanimada.



PRIMAVERA
Los Hermanos

Cadu

Passo o fim de semana na pior.

Depois que ela foi embora da festa, tomei um porre histórico, daqueles de não esquecer. A amiga loirinha dela me xingou de otário, disse que eu era digno de pena e nem pude contestar. Ela estava certa!

No domingo continua tudo horrível. Passo na cama, com gosto de cabo de guarda-chuva na boca. Rodrigo passa lá no final da tarde e conversa um pouco comigo. Diz que não vai se envolver nisso, que está gostando da Laís, que a Mari é a melhor amiga dela e que não quer ficar no meio dessa história. Entendo o lado dele, realmente entendo. Mas fico curioso com o fato de ele estar disposto a investir numa relação com uma pessoa tão diferente dele. Sua explicação me deixa ainda mais confuso e faz pouco sentido.

— Cara, não sei se estou apaixonado ou qualquer dessas merdas românticas. Você sabe que sou um cara prático e que não acredito muito nisso. Mas a Lalá é engraçada e inteligente. É uma das poucas mulheres que conheço que sabe conversar sobre qualquer assunto e que não é fútil. E à noite, quando eu chego em casa cansado do trabalho, ligo para ela, o som da sua risada ao telefone me deixa feliz. Teve uns dias que me obriguei a não ligar e senti falta, sabe? E estou cansado de estar só.

A companhia dela é melhor do que a minha própria.

Depois de um domingo ruim, chego ao escritório às sete da manhã com uma baita enxaqueca. Minha sala está toda fechada, com as persianas abaixadas, pois a luz me incomoda. E então, ela chega. Deve ser por volta das oito, o silêncio é invadido por uma voz cantarolando ao longe. Fico quieto, deitado no sofá da minha sala, ouvindo sua voz desafinada e me perguntando o que está acontecendo comigo. A porta se abre e ela entra.

E já sabia que eu estava lá dentro, não sei como.

Está com a bandeja de café nas mãos, como faz todos os dias. Mas hoje é diferente. Mari cruza a sala, fala bom-dia ao passar por mim no sofá e coloca a xícara em cima da mesa. Ela está um espetáculo: vestido preto justo, na altura do joelho, que deixa a panturrilha de fora. Cara, nunca pensei que essa parte do corpo pudesse ser sexy!

O maldito vestido modela seu corpo de uma forma que eu nunca tinha visto antes e me faz desejar arrancá-lo e senti-la contra mim. Ele tem manga curta e, quando ela se vira de frente, quase babo com o decote quadrado e baixo que a deixa extremamente sensual.

Mari passa pela frente da mesa, dá a volta e segue em direção à janela, me proporcionando uma vista maravilhosa das suas costas. Nos pés, ela usa um salto muito alto, como eu nunca a tinha visto usar. Estou enfeitiçado pelo balanço do seu quadril, quando ela, sem dó nem piedade, abre com força a persiana, deixando a claridade entrar.

— Ai, Mariana! Por que você abriu isso? — reclamo. Ela deixa a janela aberta e anda pela sala, a caminho da sua.

— Bom dia. Porque está escuro aqui dentro, você tem uma reunião em meia-hora e tem que estar apresentável. Não pode aparecer como uma imitação barata de Edward Cullen — diz ela, sem me dispensar um segundo olhar.

— Estou com enxaqueca. E quem é Edward Cullen? — reclamo, e coloco a mão sobre os olhos. Em menos de dois minutos, ela volta, seus saltos soando contra o piso de madeira. Sinto-a vir em minha direção e, quando tiro a mão dos olhos, ela está na minha frente, empurrando dois comprimidos de Advil em uma mão e um copo de água na outra.

— Engula os dois e vá tomar seu café. E por favor, dá um jeito nessa barba, porque está com cara de quem bebeu todas. Essa reunião é importante — explica ela e sai de novo da sala. Dessa vez, bate a porta, me deixa com cara de bobo segurando a água e o remédio, e me pergunto quem é aquela mulher e o que ela fez com a minha doce assistente.

* * *

Mari

@mari: Acabei de voltar da sala de você-sabe-quem.

@lalala: E aí? Morreu quando te viu nesse vestido? Nem acredito que você tinha aquelas roupas em casa e nunca usou.

@mari: Ele já estava morto, deitado no sofá da sala com tudo fechado.

@lalala: :O E aí?

@mari: Deixei o café lá dentro e abri a persiana. Com força!

@lalala: Ui! Adorooooo! E aí?

@mari: Ele parece estar do avesso. Disse que estava com enxaqueca. Enfiei dois Advil e um copo d'água na mão dele, mandei engolir e ir ajeitar a cara pq tem reunião daqui a pouco.

@lalala: #BichaMá #BichaVingativa

@mari: hauhauahuaha O pessoal da reunião está chegando. Mais tarde nos falamos! Bjokas

* * *

Participo da primeira reunião da manhã com os acionistas. Ele está com uma cara horrível. Apesar de querer que sofra profundamente com a enxaqueca, o meu lado profissional se preocupa com o fato de ele não estar bem. Sabendo que ele não está focado no que estão dizendo, me esforço para não perder as informações relevantes. A certa altura, enquanto um dos acionistas fala, ele aperta as têmporas, indicando que a cabeça ainda está doendo. Fico com pena e acabo lhe servindo café para ver se melhora. Sem açúcar, porque também não sou tão boazinha assim.

Instantes depois, enquanto digito alguns dados, um e-mail aparece na minha caixa de entrada.

De: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Café
Mensagem: Mariana,
Você me deu café sem açúcar? Mesmo sabendo que eu odeio? Que espécie de assistente faz esse tipo de maldade com uma pessoa doente?

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Assunto: Re: Café
Mensagem: Carlos Eduardo,
Sim. Quer açúcar? Levanta e pega. Está bem aí, na sua frente. E eu não sou enfermeira, sou assistente. E das melhores.
Mariana

De: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Café
Mensagem: Com isso eu tenho que concordar. Você está linda hoje.

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Café
Mensagem: Obrigada. Mas você não deveria prestar atenção na minha aparência, e sim, na reunião.

De: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Café
Mensagem: Foi a primeira coisa que notei quando você entrou na sala. Esse vestido te deixa maravilhosa. Almoça comigo?

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Café
Mensagem: Obrigada pelo convite, mas preciso declinar. Tenho compromisso na hora do almoço.

De: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Café
Mensagem: Compromisso? Que compromisso?

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Café
Mensagem: Pelo que li em meu contrato de trabalho, meu horário de almoço só diz respeito a mim. Você, como meu empregador, não tem direito sobre ele. Então, o que eu faço e com quem, na hora do meu almoço, não é da sua conta.

E preste atenção na reunião que o coroa do seu lado está fazendo uma pergunta.

* * *

A reunião acaba quase na hora do almoço, e aproveito que ele desce com os investidores para pegar minha bolsa e sair. Consegui uma entrevista para assistente de um diplomata em um prédio ali mesmo em Ipanema, indicação de um colega da van. O irmão dele trabalha no consulado da França e comentou sobre a vaga, mas não conseguiram bons candidatos, porque era necessário ter tido experiência com altos executivos, falar inglês fluente e, preferencialmente, um segundo idioma, entre outras coisas.

Fico pouco tempo na sala de espera, e então um senhor alto de cabelos brancos vem me chamar.

— Mariana?

— Sim, como vai? — Levanto e o cumprimento com um aperto de mão e um sorriso.

— Sou Pierre. Por favor, *mademoiselle*, vamos entrar. Antônio me enviou seu currículo. É excelente. — Ele começa a falar quando já estamos acomodados, conduzindo a entrevista.

Falamos sobre a minha experiência, o trabalho que eu faço na Revista *Be* e a minha formação. Ele pergunta por que desejo sair de lá e respondo que já estou ali há três anos e gostaria de novos desafios. Não seria bom dizer que me apaixonei pelo meu chefe, mas que ele é um cachorro.

E então ele fala da vaga, das atividades que seriam executadas e do salário, que é um pouco maior do que o meu, com benefícios tão bons quanto os que eu já tenho. Depois de quase uma hora de conversa, em inglês e francês também, a entrevista acaba e ele fica de retornar o contato, mesmo que eu não tenha passado.

Nós nos despedimos, e corro de volta para a *Be* sem ter conseguido comer. Pego um pacote de salgadinhos na máquina do segundo andar e vou comendo no caminho para não correr o risco de Carlos Eduardo ver e questionar por que eu não almocei.

Chego ao meu andar e, quando estou seguindo em direção à área da presidência, ouço alguém chamar meu nome.

— Ora, ora, se não é a Mariana... — Miguel fala sorrindo para mim, e sorrio educadamente de volta.

— Aquela que tem cara de... — Roberta, assistente de um dos diretores da empresa, fala. Ela ri e debocha de mim.

De repente, eu fico séria.

— Você é tão infantil — falo para ela, que ri ainda mais.

— E eu não sei por que você ainda trabalha aqui. Já se olhou no espelho? Você não tem nada a ver com a empresa. — Ela me olha de cima a baixo e eu me sinto mal.

— Opa, opa! — Miguel tenta interceder, mas, ao olhar para o rosto dele, percebo que ele sorri para a debochada. Olho de um para o outro e viro para ir embora.

— Ah! Mariana! — Ela me chama alto, e eu me viro novamente. — Você não deveria usar esse tipo de roupa, sabe? Não favorece as suas formas — diz ela, fazendo sinal com as mãos indicando meu quadril. Eu me viro e ando em direção à sala, perplexa demais com tamanha hostilidade para conseguir esboçar qualquer reação.

Roberta começou a trabalhar na *Be* na mesma época que eu. Concorremos à mesma vaga, de assistente do Beto Rocha, diretor de logística da revista, mas Carlos Eduardo acabou precisando de uma assistente também. Fui a escolhida e ela nunca me "perdoou" por isso. Ela é linda, loira, alta, corpo de modelo e olhos verdes. Mas, no fim das contas, o que pesou mais foi a minha formação e não a aparência dela.

Entro na sala e dou graças a Deus por ver que o escritório do *big boss* estava fechado. Olho para o relógio. Estou *muito* atrasada e agora desanimada também. Começo a trabalhar, mas não sinto vontade nem de abrir o *Messenger* para conversar com a Lalá. Como diria o Patrick, amigo do Bob Esponja, minha vida, que antes era tão simples, está *coisada* com tudo que anda acontecendo, e eu não sei o que fazer para *descoisá-la*.

Uma hora e meia depois, Cadu sai da sala com dois homens de terno e os acompanha até a porta. Na volta, ele não perde a oportunidade de implicar comigo.

— Compromisso demorado, Mariana.

Ele encosta ao lado da minha mesa e eu fico sem ar. Está lindo. Fez a barba e está usando um terno cinza com gravata vinho. Ele abre aquele sorriso e a porcaria da covinha aparece.

— Achei que você estaria aqui para a reunião — diz ele e apoia as mãos na borda da mesa, aproximando o corpo. Seus olhos se prendem nos meus e me sinto fraca. — Janta comigo? — Sua voz não passa de um sussurro, e eu me sinto enfeitiçada. Como se resiste a algo assim, meu Deus?

— O quê? — Não estou acreditando nisso. Há uma semana ele me dispensou e agora quer sair comigo para jantar?

— Jantar. Aquela refeição que fazemos à noite — explica e solta uma risada sem desviar o olhar do meu.

Fico em silêncio, sem saber o que dizer. Ao mesmo tempo que quero dizer sim, tenho muito, muito medo.

— Por favor? — Ele insiste, e eu me sinto acuada.

— Desculpe. — Baixo o olhar. Então, foco nele novamente — Não posso.

— Por que, Mari? — pergunta ele baixinho, e não posso dizer tudo que se passa na minha cabeça.

— Porque você é meu chefe, Carlos Eduardo. E tem tudo o que aconteceu e... — Levanto da mesa, pensando em seguir até a copa para me afastar dele, mas sua reação me surpreende. Ele segura minha mão e me empurra contra a parede próxima a mim, colando o corpo ao meu.

— Eu quero você — diz ele, com o rosto na direção do meu pescoço. Sua respiração, assim como a minha, está entrecortada, e a voz, extremamente rouca. — Você está me deixando louco, Mari. — Neste momento, o telefone da sala dele toca, me trazendo de volta à realidade.

— Não posso — falo, empurrando-o de leve para que ele me deixe sair. — Você não sabe o que quer. Primeiro, queria ficar comigo. Fez toda aquela cena na sua casa, me deu esperança de que algo realmente especial tinha acontecido entre nós. E então, você pensou melhor e desistiu. Tudo bem, eu

respeito. Nós trabalhamos juntos, e sei que é complicado. Mas agora você decidiu que me quer de novo. E quando você cansar? Ou quando desistir porque apareceu uma mulher mais interessante? — Ele se afasta, e eu sigo em direção à copa, deixando-o sozinho na sala.



UM CERTO ALGUÉM
Lulu Santos

Cadu

Aquela segunda-feira foi um divisor de águas. Depois do nosso breve encontro na sala dela, percebo que é hora de recuar. Para preparar o bote, é claro! Sim, sei que posso entrar numa furada e ela pode não ser o que parece. Mas depois daquele beijo na festa da Michelle, resolvi jogar toda a cautela pela janela e investir pesado para ter Mari exatamente onde eu quero: preferencialmente, colada a mim.

Vou para casa e resolvo traçar uma estratégia para conquistá-la de volta. Obviamente, vou precisar da ajuda das tropas aliadas.

— Cadu, você tem certeza disso? Porque a Lalá te mata e me mata se você magoar a Mari — fala Rodrigo, e eu entendo o receio dele. A Laís é de dar medo mesmo.

— Tenho, mas preciso pensar em como agir. Tentei hoje, mas ela se afastou. Disse que a gente precisa manter as coisas profissionais.

— Profissionais? Hum... — Ficamos em silêncio, pensando, até que ele dá um pulo. — Já sei! Você tem que fazer o seguinte... — E nos debruçamos sobre a mesa, traçando estratégias de conquista às tropas inimigas.

* * *

A terça-feira passa sem incidentes. Trato a Mari como eu a tratava antes do nosso beijo e tenho que segurar o riso ao vê-la me olhar desconfiada algumas vezes. Na quarta, ela está linda, usando um vestido rosa claro, sandália de salto bege clarinha e os cabelos soltos, do jeito que eu gosto. Ela está perfeita para que os dados comecem a rolar.

No meio da manhã, ligo para a sala dela e faço o melhor para não transparecer a ansiedade.

— Pois não? — Ela atende, e eu seguro o riso.

— Mariana, vou precisar de você hoje.

— Sim? — Eu a ouço abrir a agenda e folhear as páginas como se estivesse procurando espaço para fazer as anotações.

— Vou precisar levar um grande anunciante para jantar à noite...

— Precisa que eu faça as reservas? Já sabe qual o restaurante? — pergunta ela, sempre competente.

— Sim, preciso de uma reserva para três pessoas, hoje, às oito da noite. E vou precisar que você vá para tomar notas.

— Eu? — Ela fica surpresa, e eu abro um grande sorriso.

— Sim, desculpe avisar em cima da hora, mas ele acabou de confirmar comigo — falo e cruzo os dedos. — Espero que não atrapalhe nenhum compromisso seu. — Tento parecer preocupado.

— Ah... não, tudo bem. Tem preferência de restaurante?

— Não. Um lugar calmo. Talvez em um hotel? Um lugar onde não sejamos interrompidos a toda hora e que fique aqui pela zona sul.

— Certo, vou fazer as reservas e te aviso.

— Obrigado — falo e desligo o telefone.

Meninos 1 x 0 Meninas.



NOITE DO PRAZER
Cláudio Zoli

Cadu

Por volta das sete da noite, saio da sala para chamar a Mari e irmos ao restaurante. Sinto um frio na barriga e minhas mãos estão suadas, com aquela expectativa que não sinto há muito, muito tempo. Abro a porta e o que vejo tem o mesmo efeito de um soco no estômago. Mari, que estava de costas para mim, tinha prendido o cabelo num coque elaborado, deixando o pescoço esguio à mostra e despertando em mim um desejo intenso de enterrar o rosto ali e sentir seu cheiro. E o perfume... ah, o perfume... sinto o aroma doce me envolver completamente. Estou sendo arrastado para um turbilhão de emoções, sem chance de defesa. Então, ela se vira de frente e sorri. Ela retocou a maquiagem, destacando mais os olhos castanhos. Sorrio e meu olhar baixa para aquela boca macia. Tudo o que quero é tomá-la para mim até que estejamos completamente sem ar, mas sei que não é o momento certo. Fiz besteira ao querer me afastar definitivamente e sei que tenho que conquistar sua confiança aos poucos.

— Está pronta? — pergunto, com um sorriso. Ela balança a cabeça em concordância. — Então vamos. — Indico a porta, deixando-a ir na frente enquanto observo o balanço dos seus quadris. Não consigo entender como nunca notei o que estava bem debaixo do meu nariz.

Ela é linda. Seu corpo é curvilíneo e macio, e seu sorriso verdadeiro faz com que aquela boca se torne ainda mais desejável. Sua pele clara é suave e com pequenas sardas no nariz, que deixam o rosto bonito ainda mais adorável. Os cabelos castanhos e compridos são bem-tratados e completam a beleza natural, tão incomum nesse mundo artificial em que vivemos.

Descemos até a garagem para pegar o carro. Abro a porta do carona para ela entrar e ela sorri para mim antes de se sentar. Dou a volta até o lado do motorista e entro no carro, sentindo aquele perfume que me deixa atordoado. Ligo o carro rapidamente, antes que eu meta os pés pelas mãos.

— Escolhe uma música, Mariana — peço, indicando o aparelho de som.

— Alguma preferência? — pergunta ela, e eu balanço a cabeça.

— Não, fique à vontade para escolher o que te agrada. — Ela sorri e começa a mexer no som, parecendo concentrada. Enquanto eu saio da garagem, ela vai percorrendo a playlist até que sorri, parecendo satisfeita. A voz de Nando Reis enche o carro, e eu sorrio, pensando em como aquela letra é perfeita para mim.

— Gostou da música? — ela quer saber, puxando assunto. Desvio o olhar do trânsito para ver seu sorriso.

— Sim. Gosto muito de Nando Reis e acho essa música muito bonita.

— Eu também adoro — emenda ela, baixando a guarda. — Nunca fui a um show dele. Já falei com a Lalá que no próximo quero ir. Mas toda vez que a gente marca, acontece alguma coisa e não conseguimos.

Seguimos para o *Gero*, um restaurante italiano cinco estrelas que fica em Ipanema, um dos melhores do Rio. A construção de tijolinhos aparentes dá um ar intimista e acolhedor e é perfeito para a noite que eu tenho em mente. Estaciono e saio do carro rapidamente para abrir a porta para ela, que me olha surpresa.

— Obrigada — diz e sorri. Sorrio de volta, controlando a vontade de roubar um beijo. *Calma, cara!* Andamos por dentro do hotel em direção ao restaurante, e, quando chegamos na porta, ouço um suspiro surpreso.

— Gostou? — pergunto, enquanto cumprimento o *maître*.

— Sim, é lindo — diz ela e sorri para o funcionário do restaurante, que nos acompanha até a mesa.

Nós nos sentamos e ela mexe na bolsa, tirando o iPad e colocando-o em cima da cadeira ao lado dela, se preparando para a *reunião*.

— Você precisa de algo em especial em relação ao Dr. Bragança? — pergunta.

— Não... — respondo, pensativo. — Vamos tentar fazê-lo anunciar na revista e... — Nesse momento, meu celular, que está em cima da mesa, toca e o nome *Dr. Bragança* aparece no visor. — É ele — falo e atendo o telefone. — Boa noite, Bragança!

— Cara, só você para fazer isso comigo. Espero que a Lalá não descubra, porque ela vai me matar. — Ouço a voz de Rodrigo, rindo do outro lado da linha.

— Que é isso, imagina, doutor!

— Bom, essa é a minha deixa para me desculpar, mas não vou poder comparecer a esse compromisso *fake* que você criou para conseguir levar a mocinha-jogo-duro para jantar. Você já foi melhor nisso, hein? — diz ele rindo, e eu não consigo segurar o riso também.

— Não, doutor, tudo bem. Compreendo — respondo. Sinto o olhar de Mari em cima de mim, parecendo curiosa. — Vamos marcar novamente na próxima semana?

— Claro. Sábado eu te espero para pegar onda! — retruca ele, e eu concordo.

— Combinado então. Um abraço. Até lá.

— Valeu, *bro*! Me deve uma! — Rodrigo ri, e desligamos. Faço cara de chateado.

— Ele não vai poder vir. Teve um compromisso de última hora — explico, e ela me olha um pouco surpresa. Então, pega a bolsa, guarda o iPad e começa a se levantar. — Ei! Aonde você vai?

— Ué, embora. Não vai ter reunião... — diz ela, confusa.

— Senta, Mariana. Vamos jantar.

— Mas... — Não dou chance para ela completar a frase, e falo num tom firme.

— É só um jantar. Já estamos aqui. Você precisa comer e eu também. — Ela me olha, parecendo incerta. Emendo: — Por favor.

— Err... hum — Bochechas coradas! — Certo. Vamos jantar, então. — Ela se senta e antes que eu tenha a chance de dizer qualquer coisa, se levanta com uma adorável expressão confusa no rosto e fala: — Preciso ir ao toalete.

— Claro. Fica ali atrás, à direita. — Eu indico, e ela agradece, seguindo para o banheiro.

Meninos 2 x 0 Meninas.

* * *

Mari

@mari: Socorrooooo!!!

@lalala: O que houve??? :O :O :O

@mari: O cliente não veio. Estou sozinha com você-sabe-quem. #TENSA

@lalala: OMG! E agora? Corra! Fuja para as colinas!!!

@mari: Eu tentei, mas ele disse que é só um jantar, que precisa comer e eu tb.

@lalala: :O :O :O

@mari: Pq essa cara?? Vc está me deixando nervosa!

@lalala: Fiquei pensando... coisas!

@mari: Que coisas? :O

@lalala: Na frase: “Você precisa comer e ele também”, quem será a comida? Hauahuahuah

@mari: Palhaça! Kkkkkkk Provavelmente a massa :D

@lalala: Onde vcs estão?

@mari: Gero, Ipanema.

@lalala: Vai comer. E depois de jantar, aí, se quiser ser a sobremesa, eu não vou te julgar! hauhauhauhauhauahua

@mari: kkkkkkkkkkk Palhaça!!! Vou voltar para a mesa. Me deseje sorte.

@lalala: Boa sorte. <3 <3

* * *

Respiro fundo e saio do banheiro, tentando ficar calma. Sim, estou muito nervosa. Sei que preciso me manter afastada dele, mas é tão difícil. Estou sozinha há tanto tempo e, além do mais, ele é tão lindo... é o tipo de cara que eu jamais imaginei sequer beijar um dia, apesar de arrastar todos os bondinhos de Santa Teresa por ele, porque um bonde só não é suficiente! Estava ainda mais nervosa depois de descobrir que ele pediu um vinho tão caro. Tenho uma vida muito simples, não estou acostumada a essas coisas. Nem costumo beber. Duas taças são o meu limite; mais do que isso corro o risco de dançar a Macarena em cima da mesa e fazer topless.

Fico em seu campo de visão e sou recebida com um sorriso amplo e AS covinhas. Juro que minha vontade é sair correndo. E pular em cima dele, óbvio. Mas tento me concentrar enquanto

caminho de volta para a mesa, pensando que eu seria apenas mais uma entre as muitas mulheres na sua cama. Repetindo isso como um mantra, chego à mesa um pouco mais calma, e ele se levanta para puxar a cadeira para mim. Sento, agradeço, e ele pergunta se estou pronta para pedirmos. Concordo e fico indecisa quanto ao que comer.

— Quer uma sugestão? — pergunta ele, percebendo que não sei o que pedir.

— Tudo parece tão gostoso... — falo, e ele concorda.

— A comida aqui é maravilhosa. Recomendo o ravioloni recheado com *mozarela* de búfala, molho de tomate fresco e manjericão. É delicioso e combina perfeitamente com o vinho que estou tomando. E de sobremesa, tiramisù de chocolate.

— Oh... chocolate? — Não resisto a chocolate.

— Sim. Se você for uma boa menina e comer tudinho, deixo você comer um pedaço do meu — diz ele rindo, e eu não resisto à brincadeira.

— Vou comer tudinho, inclusive o tiramisù — respondo. Ele solta uma gargalhada e segura minha mão sobre a mesa, me deixando trêmula.

— Você é uma excelente companhia, Mari. Estou feliz por estar aqui com você. — Seus olhos parecem brilhar, mas então, ele solta minha mão e chama o garçom. Será que foi só impressão?

O jantar é estupendo. Comida maravilhosa, vinho delicioso — três taças e eu estava soltinha! — e a companhia não poderia ter sido melhor. Ele foi um perfeito cavalheiro. Conversou sobre diversos assuntos: música, artes, moda, bairros, coisas que gostávamos de fazer. A noite acabou rápido demais, como sempre acontece quando temos um momento inesquecível. Ele, que não bebeu porque estava dirigindo, pagou a conta e me conduziu até o estacionamento, segurando educadamente meu cotovelo. Eu estava arrepiada pelo seu toque e só pensava em como seria sentir seu corpo contra o meu enquanto eu estivesse encostada no seu carro. Respiro fundo e me esforço para retomar o controle.

— Acho que devo me despedir de você aqui — falo. Ele para e me olha confuso.

— Por quê?

— Vai ser mais fácil para pegar um táxi.

— Táxi? Ah, não. Vou levar você — responde ele e volta a andar.

— Não precisa se incomodar. Eu moro longe e não faz sentido você ir até lá e voltar depois, se posso pegar um táxi e você ir para sua casa.— Ele para novamente e me vira de frente, olhando dentro dos meus olhos. Me sinto hipnotizada por aquele olhar tão cheio de magnetismo.

— Mari. Eu *quero* levar você. Faço questão. Não vou deixar que você vá de táxi, ainda mais a essa hora da noite. Sem discussões, certo?

Ele volta a andar, segurando em meu braço, me conduzindo novamente para o carro, e me vejo sem fala. Ele me ajuda a entrar. Quando estou acomodada, dá a volta e se senta no banco do motorista. Em seguida, se debruça em minha direção e sem tirar os olhos dos meus, puxa o cinto de segurança, afivelando-o. Eu juro, nunca vivi experiências mais sensuais do que essas que tenho com ele. Cadu tem o poder de me tirar o chão só com esse olhar poderoso.

Ele segue pela praia, em direção à zona norte da cidade. No som do carro, Mallu Magalhães canta, e estou relaxada o suficiente para cantar junto. Ele abre *aquele* sorriso, sem tirar os olhos da pista.

Quando a música acaba, estamos os dois rindo, quase às gargalhadas, da minha horrível interpretação. Ao sairmos do túnel, ele pega na minha mão inesperadamente, levando-a aos lábios com aquele ar de riso feliz. Cadu beija a minha mão e fala:

— Você seria uma namorada incrível, sabia? — *Segurem os forninhos!* Esse homem quer me

matar!

— O quê? — pergunto, boquiaberta, e ele sorri, ainda segurando a minha mão.

— Eu disse que você seria uma namorada incrível.

— Cadu... — Esqueço de chamá-lo pelo nome inteiro depois daquela frase bombástica. *Eu seria, mas ele não quis, né?*

— O quê? Estou sendo sincero — retruca ele, olhando para a frente. A mistura do vinho com o choque me deixa corajosa.

— Que droga de comentário é esse? Sim, eu seria uma namorada incrível. Mas você não quis. Então, não vem com essa conversa. — Tento puxar a mão, mas ele não solta.

— Sabe, Mari, as pessoas têm direito de se arrepender de determinadas decisões... de pensar melhor e admitir que estão erradas — continua. De repente, o carro para, e eu olho ao redor, me dando conta de que estamos um pouco antes do estádio do Maracanã, num sinal vermelho. É nesse instante que perco o chão. Ele vira para mim, os olhos brilhando e refletindo uma mistura de desejo com algo que não sei identificar. — Me arrependi da decisão que tomei. Eu quero você. Todos os dias, quando te vejo no trabalho, tudo que penso é em te empurrar contra minha mesa enquanto tomo o máximo de você para aplacar o meu desejo.

— Eu não quero ser a *comidinha* da semana — digo, irritada. Mas ele continua, como se eu não tivesse dito nada.

— Quero levar você para jantar para te ouvir gemer quando comer uma sobremesa com chocolate e conversar sobre o nosso dia e as coisas que temos em comum. Quero te levar para dançar, porque você me excita quando remexe esse corpo, mas também porque você fica adorável cantando desafinada e isso me faz rir. — O sinal abre, e ele segue, sem parar de falar: — Eu poderia ficar aqui, pelo resto da noite e fazer uma longa lista das coisas de que gosto em você, principalmente, desse seu jeito atrevido que me desafia a cada resposta, mas optei por fazer diferente. — Engulo em seco, atordoada com a intensidade do que ele fala.

Ele fica em silêncio, e eu não me contenho.

— O que você... vai fazer? — pergunto baixinho, mas ele continua em silêncio, finalmente entrando em meu bairro. Quando chegamos na frente do meu prédio, ele para, desliga o carro, solta o cinto e se vira para mim. *Primavera*, do Los Hermanos, é o único som no carro enquanto nos olhamos.

Ele solta minha mão e desafivela meu cinto de segurança. Suas mãos seguram meu rosto, e não consigo desviar o olhar do seu.

— Vou te beijar. Intensamente como naquela última noite. Até você se convencer de que somos perfeitos juntos e me aceitar de volta — diz e me beija, me fazendo perder o ar ao sentir sua boca colada à minha. Uma das mãos vai até meu cabelo, segurando-o com firmeza. Seu beijo é impiedoso e sua língua invade a minha boca sem me dar chance de fugir. Seu corpo cola no meu, e eu não consigo segurar um gemido quando ele se aprofunda mais. Estou quase me desmanchando numa poça e segurando seus cabelos espessos quando ele se afasta apenas o suficiente para falar.

— Namora comigo, Mari?

— Você quer *namorar* comigo? — pergunto, chocada. Ele não é esse tipo de homem. Quero dizer, eu *acho* que ele não é esse tipo de homem. Cadu toma minha boca mais uma vez, e é quase uma reivindicação. Estou completamente inebriada por seu cheiro, seu toque, seu gosto. E, mais uma vez, ele se afasta um pouquinho.

— Eu quero você, Mari. Você por inteiro. Quero tudo. Quero que você cumpra as promessas silenciosas que fez durante toda a noite...

— Promessas? — *Será que eu bebi demais? O que eu prometi, gente?*

— Sim. Encontros divertidos, noites inesquecíveis, conversa inteligente, beijos que me deixam sem ar, amassos no carro. Quero tudo, Mari. Quero passar as noites fazendo amor com você, sem hora para acabar. Quer me namorar, Mari? — Ele enfia o rosto em meu pescoço, passando a língua por toda a extensão, e eu não consigo mais pensar.

— Sim... — falo num gemido, e ele para. — Oh... — gemo novamente, um pouco decepcionada dessa vez. E ele abre um grande sorriso satisfeito.

— Obrigado. — Ele me beija devagar, e eu me apaixono por ele mais uma vez. — Vou te levar até a porta — diz, com *aquele* sorriso, e eu fico confusa. Depois dessa pegação toda no carro ele vai embora???

Acho que sou muito expressiva, e ele nota a minha confusão. O sorriso muda para algo safado, e ele se aproxima do meu ouvido, me puxando para o colo para que eu sinta seu corpo rígido embaixo do meu.

— Vou para casa, tomar um banho frio. Não por não te querer, linda. Mas porque quando formos para a cama, quero que você confie em mim e no que eu sinto. Sem arrependimentos.

Como posso sair de dentro desse carro agora? Minhas pernas estão trêmulas como gelatina. Ele quer me deixar louca!!!!

Então Cadu sorri e me dá um selinho. Me coloca de volta no banco do carona, sai do carro e dá a volta para abrir a porta para mim. Me conduz até a entrada do prédio e, antes que eu entre, me beija mais uma vez. Intensamente.

— Boa noite, namorada — diz sorrindo e vai embora, me deixando em chamas.



PODE SER
Pedro Mariano

Mari

No dia seguinte, me olhando no espelho, vejo que estou com olheiras enormes. Sim, porque não dormi. Fritei na cama igual a um bolinho de chuva, virando de um lado para o outro, pensando, lembrando e sonhando acordada.

Levanto antes dos meus oito alarmes tocarem e vou tomar um banho quente e me arrumar. Aproveito o tempo sobrando e capricho na produção do dia. Pego um vestido de malha vermelho com uma estampa delicada. Ele é justo no busto e cinturado, com a saia soltinha, lembrando um modelo da década de cinquenta. Coloco um *peep toe* vinho e deixo o cabelo solto, arrumado em ondas. A maquiagem suave complementa o visual *vintage*, e eu sorrio satisfeita com o resultado final. Saio de casa para pegar a van sem conseguir tomar café, de tão nervosa que estou. E se ele tiver mudado de ideia? E se não me quiser mais? Se estiver brincando comigo? E se...

— Bom dia, Srta. fui-jantar-e-acabei-jantada. — Lalá me cumprimenta rindo. Eu não resisto à brincadeira e caio na risada. Nós nos abraçamos, e ela se espanta. — Nossa, você está gelada. Está tudo bem?

— Sim, acho que estou nervosa — falo. Ela me olha de lado, e nós duas rimos. — Eu *estou*

nervosa!

— Quero saber de tudo! Pode colocar tudinho para fora — pede, e nós entramos na van, que já está parada no ponto. Cumprimentamos a todos e vamos para o fundo, no nosso lugar de sempre. Então, depois de acomodadas, conto tudo. A noite divertida e leve que tivemos, as risadas, a música. As coisas intensas que ele me falou e *o* beijo. E então, o pedido. Vocês acreditaram naquilo? Até agora estou chocada!

Olho para Lalá quando acabo a história e ela está de boca aberta, me olhando. Ela a fecha e abre de novo, parecendo um peixe.

— Fala, Lalá!

— Esse foi o pedido de namoro mais romantiquinho que já ouvi. E também o mais safado! — responde ela e cai na gargalhada. — Como você está se sentindo?

— Nervosa? Com o estômago revirado? Com medo? — falo de uma vez, e ela segura a minha mão.

— Amiga, calma. Vai dar tudo certo...

— Mas, Lalá, e se... se ele...

— Ele não vai fazer aquilo de novo. Se fizer, eu vou lá dar na cara dele pessoalmente. Mari, ele sabe que errou. Ele é um homem, não um garoto. Acho que o sentimento entre vocês dois é muito intenso e acaba assustando. Dá uma chance. Cadu parece ser um cara legal. Errou, mas demonstrou que quer consertar. — Eu balanço a cabeça, e a van chega no trabalho dela. — Fica calma, vai dar tudo certo — conclui, me abraçando antes de sair. Sigo na van até chegar na revista, pensando no conselho da Laís para confiar nele.

Chego no escritório e vou direto para a minha sala, cumprimentando as pessoas no caminho. Entro no setor da presidência e sei que ele já está lá. Ligo o computador com um sorriso e vou até a copa preparar o café. Com tudo pronto, sigo até sua sala, bato na porta de leve e entro sorrindo. A cena me leva a uma semana atrás, e sinto minhas pernas tremerem com a lembrança ruim. Mas então, olho em seu rosto, e ele sorri. Enquanto me aproximo, ele me olha de cima a baixo, parecendo apreciar meu visual.

— Você é a visão mais linda que um cara pode ter logo pela manhã — diz enquanto eu sirvo o café com um sorriso.

— Não, você tem a vista mais linda da cidade bem atrás de você. É só virar a cadeira e olhar pela janela. — Meu sorriso se amplia.

— Ah, mas é uma vista que não chega aos pés da sua beleza. — Ele insiste e me puxa para um beijo antes que eu perceba o que está acontecendo. É um beijo suave, não tão intenso quanto o de ontem à noite. É um verdadeiro carinho, no mais belo sentido da palavra, e eu me sinto querida ali em seus braços.

— Bom dia — diz ele, afastando os lábios dos meus e sorrindo.

— Bom dia — respondo. Ele acaricia meu rosto com um olhar sonhador. Sorrimos um para o outro, e eu me afasto. — Vamos trabalhar?

— Vamos. — Ele sorri de novo, parecendo esconder algo de mim.

— O que foi? — Não consigo segurar a curiosidade.

— Nada, Mari. Só estou feliz — diz ele, parecendo tão sincero que não consigo conter um suspiro.

— Eu também — respondo e me afasto, indo em direção à minha sala.

Começo a trabalhar, concentrada numa planilha, quando ouço uma batida na porta. Um entregador enfia a cabeça, perguntando se pode entrar e eu assinto, olhando no relógio. Nossa! Quase

dez e meia da manhã. O entregador para na minha frente.

— Mariana Costa?

— Sou eu mesma. — Ele entrega uma caixa branca comprida. Assino o recibo, e ele vai embora, me deixando com a caixa misteriosa. Ela deve ter uns 60 centímetros e tem uma fita de cetim vermelho amarrada num lindo laço. Eu o desfaço, abro a caixa e fico completamente atônita. Ali dentro, repousa a flor mais linda que já vi. É uma única flor grande, num tom rosa pálido. Dentro, tem um cartão, também branco, impresso em letras douradas.

A peônia é uma flor rara e repleta de simbolismos. Na cultura oriental, a peônia clara representa as mulheres inteligentes e arrebatadoramente bonitas e é muito comum ser mencionada na música, geralmente com a expressão: "quando a peônia desabrocha, sua fragrância se espalha por quilômetros, atraindo borboletas de todos os lugares", uma clara referência à volúpia, onde as borboletas referem-se aos rapazes.

Sorrio ao ler sobre aquela flor linda e, mesmo sem ler o outro cartão, já sei quem me enviou. Pego o outro, que está dentro de um pequeno envelope, e numa bela letra masculina está escrito:

"Acho uma delícia quando você esquece os olhos em cima dos meus ou quando sua risada se confunde com a minha".

Com carinho,

Namorado

Meus olhos obviamente se enchem de lágrimas com aquela mensagem. Sempre fui romântica, mas meu último namoro acabou me transformando numa pessoa um pouco mais dura. Mais difícil de confiar e de acreditar que coisas assim poderiam acontecer. Olho para aquela flor tão linda e que sei que é tão rara e depois de volta para o cartão e permito chorar de emoção. É incrível como nossos momentos são sempre cercados de músicas marcantes, mas citar Chico Buarque em seu primeiro cartão "oficial" como namorado é algo que tira meus pés do chão.

Sem parar para pensar, levanto e corro até sua sala. Abro a porta, sem bater. Ele está sentado à mesa, os cabelos bagunçados de tanto passar as mãos, coisa que costuma fazer quando está pensando. Sua expressão é de concentração. Quando dou um passo atravessando a porta, ele levanta num salto ao ver as lágrimas que escorrem pelo meu rosto.

— Mari, o que houve? — pergunta, preocupado e vem até mim rapidamente. Eu sorrio e choro ao mesmo tempo, então levanto o cartão, que estou segurando. Imediatamente ele abre *aquele* sorriso. — Hum... o que é isso? — Ele se faz de desentendido, e sorrio para ele.

— Um presente que ganhei. — Meu sorriso aumenta quando vejo o brilho em seu olhar.

— Presente? De quem? O que é? — Ele se aproxima mais e seca minhas lágrimas com o polegar.

— Do meu namorado — falo simplesmente. Suas covinhas ficam ainda mais profundas, se é que isso é possível. — A flor mais linda que já vi!

— Nada é mais lindo que você, Mari. Nada — diz ele e empurra a porta atrás de mim, fechando-a. O brilho em seu olhar muda e ele se afasta, indo trancar a porta da sala. Fico parada, a respiração, entrecortada, na expectativa do que ele vai fazer. Em questão de segundos, ele volta para perto de mim, pega a minha mão e me puxa para si. Sua boca cola na minha num beijo explosivo. Ele beija minha boca, desce para meu queixo e volta para a boca. Mergulho os dedos no seu cabelo, e a mão de Cadu desce até a curva do meu quadril. Ele abre os dedos e puxa meu corpo para junto do seu calor e consigo sentir ainda mais a sua reação. Um gemido alto escapa da minha garganta quando sinto seu corpo contra o meu, me deixando em ebulição.

Mas tudo desaparece quando a outra mão sobe para espalmar meu seio por cima do vestido. Ele mergulha a língua ainda mais profundamente em minha boca, nossos corpos quase se fundindo. Cadu me conduz devagar até o grande sofá da sala e nos acomoda sobre o couro gelado. Eu me movo, inquieta, meu quadril se contorcendo no pouco movimento que consigo fazer, uma vez que seu corpo pesa sobre o meu.

Sua mão contorna meu quadril, chegando até a perna e alcançando a ponta do meu vestido. Sinto a saia levantar pouco a pouco, enquanto sua boca me toma. Aquilo não é mais um beijo. É um cerco, que me prende e exige que eu me renda. Sua mão sobe pelas minhas pernas, e ele se afasta um pouco de mim, mordendo meu lábio inferior e me fazendo gemer um pouco mais alto. Ele deita ao meu lado e murmura:

— Você é linda, Mari. Perfeita.

Nunca estive envolvida com um homem como ele. Comparar as poucas experiências anteriores com essa força da natureza que é o Cadu seria até covardia. Ele é um homem, no verdadeiro significado da palavra.

— Você é maravilhosa — murmura ele, mordiscando meu pescoço. — Não vejo a hora de fazer amor com você. Por completo — diz, chegando ao lóbulo da minha orelha, e eu estou completamente atordoada com a bomba sensual que somos juntos. Ele volta a me beijar de leve, nossas respirações se acalmando pouco a pouco. Estamos abraçados, ainda deitados no sofá quando sinto seu olhar correr pela minha roupa.

— O que houve? — pergunto, sentindo seus olhos sobre mim. Mas agora não é um olhar de desejo. É algo muito parecido com os olhares que ele me dá quando tem uma ideia.

— Sabe quem você me lembra com esse vestido bonito de corte cinturado e clássico? — Balanço a cabeça, negando, e achando graça do seu jeitinho sério. — Audrey Hepburn — diz ele, e meu sorriso se amplia.

— Uau! Adorei. Isso que é elogio — digo, sorrindo. Adoro a Audrey e tudo o que ela

representa.

— Hum... você gosta dela como atriz?

— Também. Mas, mais do que isso, gosto dela como ícone — falo, sorrindo, e ele continua em silêncio, ouvindo. — As mulheres da época de ouro de Hollywood eram maravilhosas. Naquele período, entre 1950 e 1960, elas eram glamorosas, mas, acima de tudo, retratavam a nova mulher. Aquela que não era mais submissa às vontades do seu parceiro. Estavam em busca do mercado de trabalho, lutando pelo movimento feminista, pelos direitos iguais, mas sem perder a feminilidade. — Ele presta muita atenção no que falo, e quase posso ouvir suas engrenagens em funcionamento. — Além disso, elas tinham algo que hoje não é considerado bonito, o que é uma pena.

— O quê?

— Eram mulheres de verdade. Cintura fina, quadris largos. Seus corpos eram macios e não os monstros musculosos que vemos por aí. Eram mais bonitas, pelo menos, na minha opinião. A Audrey tinha uma beleza diferente, era um rosto suave, com um ar de romantismo quase infantil... tinha uma postura plácida, meio misteriosa, assim como a Ingrid Bergman. Já Rita Hayworth, Marilyn Monroe e Elizabeth Taylor faziam o estilo mulherão com suas roupas sensuais, corpo violão e sempre representando o arquétipo da mulher sedutora... Ai, desculpa. — Balanço a cabeça e dou uma risada.

— O que foi?

— Estou tagarelando! — Ele ri, me deixando sentir a vibração da sua risada contra meu peito.

— Estou adorando ouvir você falar. Você é tão inteligente... — De repente, ele para. Seu rosto parece concentrado. E então, a luz! — Ah, Mari! Você é perfeita! — Ele me puxa para um beijo e começa a rir.

— O que eu fiz? — pergunto, confusa.

— Eu precisava de um tema para o editorial e capa da edição outono/inverno. Na quinta está marcada aquela reunião com os estilistas, e eu estava em dúvida do que poderíamos fazer. Mas agora, você simplesmente acendeu a luz! Você é minha musa inspiradora. — Ele ri e me puxa para um beijo, mas ainda estou um pouco confusa.

— E qual vai ser o tema?

— O glamour da antiga Hollywood. Coleções clássicas, elegantes, com estilo. Modelos curvilíneas, cores e desenhos ousados, cinturas marcadas. Tecidos ricos, cetim, renda, seda. Vestidos fluidos, como o seu. Elegante para trabalhar, sexy para seduzir o namorado — diz ele, rindo, e me puxa para mais um beijo. — Obrigado, linda. Você é um gênio! — Ele me dá outro beijo e nos levantamos do sofá.

Cadu está empolgado, e sei que enquanto não começar a colocar as ideias em andamento, não vai sossegar. A cada estação, representantes das principais publicações se reúnem com estilistas renomados para definirem o que será tendência. Os editores de revista discutiam as ideias com os principais estilistas para que se chegasse a um senso comum do que "seria moda" nas próximas estações. Os editores sugeriam o que gostariam de ver na revista e o pessoal das grifes colocava em prática, fechando uma grande parceria. A Be tem uma participação fundamental nesse processo. Esses *briefings* de coleção são disputadíssimos entre as grifes. Só de pensar que eu, garota do subúrbio, cheinha e totalmente fora dos padrões de beleza seria a "*musa inspiradora*" da próxima coleção outono/inverno, já fico nas nuvens.

Se eu estiver sonhando, não me belisquem!

Desamassamos de leve nossas roupas e nos beijamos. Volto para a minha sala, sorrindo, e coloco a linda flor num vaso, antes de recomeçar a trabalhar. Com certeza, eu poderia me acostumar com dias como esse!

@mari: Estou amando ser a namorada dele. Receber flor rara e o melhor carinho do mundo logo de manhã não tem preço. Hauhauahauhauhauha

Envio a mensagem com uma foto em anexo.

@lalala: :O :O :O #CHOCADA!!!! Que flor linda! Qual é? Não parece rosa...

@mari: Peônia. É linda! E ele é perfeito! Ai...

@lalala: Perfeito? Jura?? :O Pq esse ai?

@mari: Acho que estou me apaixonando.

@lalala: Acha? Feche a boca, Cinderela. Sinto mto te informar, mas vc já está apaixonada.

@mari: :O :O :O :O :O



ENCOSTAR NA TUA
Ana Carolina

Cadu

Estou feliz como há muito tempo não me sinto. Mari é uma mulher doce, divertida e encantadora. Estamos namorando há algumas semanas e tentamos ficar juntos o máximo possível, ainda que durante a semana seja mais complicado. Apesar de sentir vontade de estar colado a ela o tempo todo e ainda roubar alguns minutos da nossa hora de trabalho para beijá-la ou dar uns amassos no sofá da minha sala, eu mal via a hora do fim de semana chegar para ficarmos juntos.

Eu também estou muito empolgado com o projeto para o editorial de outono/inverno. Estou trabalhando em conjunto com mais três grandes estilistas e saio tarde do trabalho todos os dias, o que acaba me impedindo de ficar com a minha garota à noite.

Hoje ela está linda: o cabelo preso num rabo de cavalo elaborado, saia lápis preta, e uma blusa transpassada de poá preto com fundo branco e sapatos vermelhos. Está concentrada no computador, e eu sorrio, lembrando dos planos para o fim de semana, que ela ainda não sabe. Estou louco para fazer amor com ela, mas quero que seja especial. Ela desperta esse tipo de sentimento em mim. Faz anos que não tenho uma *namorada*. Sei lá, desde a adolescência, acho. Mas com ela parece ser, simplesmente, o certo.

Encosto no batente da porta, com os braços cruzados enquanto olho para ela. Tirei o blazer do

terno, deixando à mostra a camisa rosa clarinha que ela disse que gostava. Estou virando um molenga, como o Rodrigo costuma dizer, mas não posso evitar. Ela está virando meu mundo de cabeça para baixo, e eu não quero que ele volte ao normal. Subitamente, ela se dá conta de que estou observando e levanta o olhar do computador, abrindo um sorriso quando me vê.

— Precisando de algo, Carlos Eduardo? — pergunta ela, num tom quase profissional, e eu abro um grande sorriso, atravessando a sala lentamente em direção à sua mesa. Eu me apoio na beirada, ainda sorrindo, e ela retribui, corada daquele jeito que me faz sentir vontade de pegá-la, jogar no ombro e levá-la embora para um lugar onde só nós dois existíssemos.

— Preciso sim, Mariana. — Me aproximo mais, passando o nariz pelo seu pescoço nu, sentindo seu perfume. — Mas infelizmente, o que eu preciso a minha assistente não pode me dar. Só a minha namorada — falo e ela solta uma gargalhada que me contagia.

— O fim de semana está chegando. Vai poder namorar bastante. — Dou uma mordida em sua nuca, e ela solta um gemido baixo. — Cadu... — Eu me afasto, ainda sorrindo.

— Hoje eu tenho uma reunião com o pessoal da *Angèle's* no fim da tarde. Deve demorar. — Todo o processo da nova coleção está sendo feito em sigilo. As únicas pessoas que sabem somos eu, Mari e o pessoal da marca.

— Precisa de mim? — pergunta ela. Nego.

— Não, linda. Pode ir para casa. Você e a Lalá vão sair?

— Acho que não. O Rodrigo a convidou para um evento no fim de semana e disse que ia levá-la para escolher um vestido bonito.

— Ah, sim! É um baile beneficente que o escritório em que ele trabalha patrocina. Ele nos convidou também, mas eu tenho outros planos.

— Hum... — Ela murmura, e eu continuo:

— Planos que envolvem a minha namorada. Na verdade, Mariana, ela é essencial para os meus planos — falo, e seu sorriso se amplia. — Bom, vou trabalhar. Quando o pessoal da *Angèle's* chegar me avisa?

— Claro, pode deixar — responde ela e começo a entrar na sala. Antes de fechar a porta, falo:

— Ah, Mari? Vou te ligar à noite para passar as orientações para o fim de semana, tá?

— Nossa! Tem até orientações?

— Tem, sim. Vou sequestrar minha namorada por todo o fim de semana.

— Caramba!

— Ah! E, Mariana? — Chamo de novo, e ela espera eu completar: — Se eu fosse você, olhava debaixo do seu teclado — falo e fecho a porta, rindo.

Eu tinha colocado um bilhetinho embaixo do teclado dela antes de ela chegar hoje de manhã.

* * *

Mari

"Quando um certo alguém desperta o sentimento
É melhor não resistir... E se entregar"
C.

Dizer que esse homem quer me deixar louca é pouco. Todo dia ele dá um jeito de esconder um bilhete em algum lugar. Na máquina de café, preso ao monitor, dentro da minha bolsa e agora debaixo do teclado. Sinto que, apesar do começo torto que tivemos, ele está entrando na nossa relação com o coração aberto, e isso me deixa mais tranquila. Claro que tenho medo de me magoar, até porque Cadu é muito mais do que sonhei: um cara lindo, bem de vida, carinhoso e sexy. Mas, de certa forma, já me sinto mais tranquila em embarcar nessa história, pois, pela primeira vez, os dois lados parecem estar sentindo a mesma coisa.

No fim da tarde, a equipe da *Angèle's* chega e eu os encaminho direto para a sala do Cadu. Ele está empolgado com o projeto, mas sinto que também está um pouco preocupado. Ninguém da revista sabe a respeito do tema e, obviamente, vou manter a discrição. Esse é um mercado complicado. Qualquer coisa diferente pode ser "vendida" para a concorrência e meses de trabalho são jogados na lata do lixo quando outra revista estampa essas ideias em suas capas. Já vi isso acontecer antes: um editor ou produtor "rouba" as ideias de um editorial, vende por uma fortuna para a concorrência e ainda garante um emprego num cargo melhor.

Cadu não incentiva esse tipo de prática. Ele é muito ético e correto.

Por volta das seis e meia da tarde, mando um e-mail a ele, avisando que eu estou indo embora.

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Assunto: Saindo
Mensagem: Oi!
Estou saindo. Está precisando de algo? :)

De: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Saindo
Mensagem: Hum... sim. Você e eu, numa banheira quente. ;)

De repente ficou quente aqui!!! Vocês estão sentindo também??

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Saindo
Mensagem: O que foi isso? Uma promessa? Uma proposta? Uma fantasia? Hahahahaha

De: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Saindo
Mensagem: A constatação de um fato que vai acontecer. Em breve. ;)

Oh, Deus... ele *definitivamente* quer me matar. Fico uns dois minutos de boca aberta, olhando para o e-mail sem saber o que fazer.

De: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Saindo
Mensagem: O que houve? Já saiu ou ficou muda? Não fique, não. Estou em pior situação: completamente louco pela minha namorada, que está do outro lado da porta, com uma saia que me deixa babando enquanto tenho três pessoas na minha sala, numa reunião chata, que não param de falar.

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Saindo
Mensagem: UAU! :O #sempalavras

De: Carlos E. de Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Saindo
Mensagem: Anda, vai p/ casa antes que eu derrube a porta e deixe o pessoal da reunião escandalizado.

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Carlos E. Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Saindo
Mensagem: OMG! :O Estou completamente vermelha. Mas vc vai ter que cumprir sua promessa no fds. :P
Estou saindo então. Bom trabalho. :)

De: Carlos E. de Moraes [cemoraes@revistabe.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Saindo
Mensagem: Sou um homem de palavra ;)
Vai descansar. Mais tarde eu te ligo.
Ah! Tem um táxi aí na porta para te levar p/ casa. E não aceito não como resposta. Quero minha mulher descansada para o fds. ;)
Beijos, linda.

* * *

@mari: Socorroooo! Estou entrando em combustão!

@lalala: Eu tb entraria se tivesse um namorado como o seu! #ProntoFalei!

@mari: Nem vem. O seu tb é!

@lalala: Eu não tenho namorado.
@lalala: Ainda! Kkkkkkkkk

@mari: Palhaça. Sabe que daqui a pouco ele está “formalizando” o pedido. Estou saindo do trabalho. Tem um táxi me esperando lá em baixo. :)

@lalala: :O :O :O Phynaaaaaa!

@mari: kkkkkkkk Ele me deixa sem ar. Estou com medo desse FDS.

@lalala: Medo de quê? Aposto que vai ser um FDS inesquecível.

@mari: hauahuahuahauha Se depender do que ele me fala/escreve, eu dobro a aposta!
@lalala: Temos um acordo então!

@mari: Valendo o que, sua louca?

@lalala: O perdedor paga o jantar na semana que vem para contar as fofocas do fds. Quero saber de tudo, com detalhes. Minha vida amorosa está meio parada. Preciso me realizar na história de alguém.

@mari: Parada, é? Tô achando que depois de uma certa festa, ela não vai ficar tão parada assim. #ANoiteVaiSerBoa #DeTudoVaiRolar

@lalala: Sou moça direita! Só rola de tudo com compromisso! Hauhauahuahuahauahuahauah

@mari: kkkkkkkkkk Tenho que ir. Minha carruagem chegou. Nos falamos depois <3

@lalala: Beijos <3



BEM QUE SE QUIS
Marisa Monte

Mari

Chego em casa do trabalho me sentindo mimada. O táxi estava me esperando na frente do prédio, e havia uma pequena caixa vermelha no banco de trás. O motorista disse que era para mim e, quando abri, não contive o sorriso. A caixa continha pequenas trufas, além de um cartão igualmente pequeno, escrito à mão:

"Quando a tua boca me rouba um beijo
Sinto meu chão rachar"
C.

Agora a coisa está ficando séria. Nunca conheci um homem capaz de citar Pedro Mariano num bilhete romântico. Ele está me conquistando pouco a pouco com seu romantismo inesperado, seus olhares de desejo, suas covinhas encantadoras e todo esse lance musical. Abro a caixinha azul, que fica dentro do meu guarda-roupa. Ali, eu guardo todos os bilhetinhos que ele me dá. Parece bobo, né? Mas não tenho coragem de jogar fora aqueles papeizinhos que reúnem versos que contam uma pouco da nossa história. *Nossa história*... é até engraçado pensar em algo "nosso" quando se trata de Cadu. Quem imaginaria que ele, um dia, fosse me olhar com outros olhos? Não que eu me achasse feia, gente, não é isso. Mas o cara é um gato e tem modelos lindíssimas em cima dele o tempo todo. Como é que um dia alguém poderia dizer que uma garota comum, gordinha e moradora do subúrbio carioca conseguiria conquistar um gato, sexy e romântico? Eu não diria, com certeza!

Guardo meus bilhetinhos na caixa, tiro a roupa do trabalho e ligo o som. Sigo até o chuveiro para tomar um banho, sem conseguir parar de pensar em tudo que está acontecendo comigo e na ansiedade que começa a tomar conta do meu corpo ao lembrar da chegada do fim de semana. Não sei o que ele está planejando, mas sei o que *vai acontecer*. A semana foi um prelúdio do que está por vir. E, apesar de ter sido receptiva aos seus carinhos mais ousados, nunca permiti que alguém se aproximasse dessa forma, nem tão rápido. Estou ainda mais envolvida do que o aconselhável, já que permito que nossa intimidade se aprofunde. O próximo passo era chegarmos aos "finalmente", como dizem por aí. Só esperava estar preparada para... tudo.

E *tudo* me deixa nervosa. Não é a minha primeira vez, mas não tenho uma relação íntima há muito, muito tempo. E só de pensar que vamos dar um passo nessa direção, minhas pernas ficam trêmulas, e borboletas malucas dão rasante no meu estômago.

Termino o banho, visto uma camiseta e uma calcinha e vou até a cozinha preparar algo para comer. Escolho um sanduíche e levo tudo para a mesa da sala. Apesar de morar sozinha, gosto da rotina de me sentar à mesa de jantar e comer confortavelmente. Mal pego o pão, e a campainha toca. A Lalá escolhe os horários certos para aparecer; normalmente, na hora de filar a comida e não ter trabalho de fazer o jantar. Vou até a porta, falando alto:

— Lalá, você precisa parar com essa mania de... — Abro a porta e fico muda. Em vez da minha amiga, dou de cara com... Cadu. — Oh... — Ele me olha de cima a baixo e então, encosta a cabeça no batente da porta e geme, balançando-a num sinal negativo. — Está tudo bem? — pergunto, receosa. Quando ele levanta o rosto, deixou de ser o Carlos Eduardo com aparência cansada que havia chegado de surpresa para ser a epítome da gostosura masculina: Cadu. Seus olhos estão brilhantes, parecendo ver dentro de mim. Os cabelos revoltos, das milhares de vezes que ele passa a mão durante o dia. E, no rosto, uma sombra de barba aparece, deixando sua aparência ainda mais sensual, se é que isso é possível.

Ele avança em minha direção e, antes que eu me dê conta do que está acontecendo, me joga por cima do ombro, como se eu não pesasse nada. Solto um gritinho enquanto ele cruza o apartamento, não sem antes bater a porta e trancá-la.

Cadu anda pela casa, e eu ainda estou em seus braços. Acho que está à procura do meu quarto.

— Cadu! Me coloca no chão — falo, me remexendo enquanto ele grunhe alguma coisa ininteligível. Tento me mexer para ouvir o que ele está resmungando, mas uma mão grande sobe até o meu bumbum, me fazendo lembrar que estou seminua. Ai, Jesus! Sua mão é forte, e o aperto me faz gemer baixinho.

— Caramba, Mari, você está me matando. — Ele geme e entra no meu quarto, me colocando bem no meio da cama.

Ele está de pé, na minha frente, desfazendo o nó da gravata azul que está usando, sem tirar os

olhos dos meus. Seu olhar é intenso e eu não consigo desviar. Ele joga a gravata na poltrona do canto do quarto e abre os primeiros botões da camisa. Passo a ponta da língua sobre os lábios para umedecê-los, e ele suspira profundamente.

— Você é linda — fala, puxando a camisa para fora da calça, e eu não consigo desviar o olhar.

Ele continua a abrir os botões, um a um, bem devagar, os olhos presos nos meus. O som do quarto ainda está ligado, abafando o ruído da TV, ligada na sala.

— Você sempre liga tanto barulho ao mesmo tempo? — pergunta ele, tirando a camisa, e eu mal consigo formar uma palavra. Então só balanço a cabeça. Ele abre *aquele* sorriso, mostrando as covinhas que me deixam louca.

Sinto o peso do seu corpo sobre o meu, os braços se apoiam em cada lado da minha cabeça, o rosto muito próximo e nossas bocas separadas por um espaço mínimo.

— Acho que você é uma feiticeira — diz ele baixinho, sério, o corpo colado ao meu.

— Eu? Não — respondo trêmula, assustada com a intensidade do que estou sentindo por ele, antecipando o momento que está chegando muito antes do que eu imaginava.

— Sim, você. — Ele me contradiz e respira fundo, fechando os olhos. Sinto a ondulação do seu corpo contra o meu, seu peito rijo, o volume contra meu ventre, e solto um gemido baixinho. — Passei o restante da reunião pensando em você, no seu beijo, no seu gosto. — Ele enterra o rosto no meu pescoço, inspirando o meu perfume e me deixando arrepiada da cabeça aos pés. — Então — emenda ele, afastando o rosto levemente e voltando a me encarar —, quando aquela porcaria acabou, nem raciocinei. Entrei no carro e vim parar aqui. Prometi a mim mesmo que iria me comportar, que ficaria só um pouco, o tempo de pedir algo para nós dois comermos e jogarmos conversa fora. — Ele mordisca meu queixo. — Mas então, enquanto eu tentava convencer a mim mesmo a manter as mãos longe de você, toquei a campainha e uma sereia de lingerie abriu a porta, me deixando louco. — Ele passa a língua pelo mesmo lugar que mordeu, e eu encontro forças para falar.

— Achei que eu era feiticeira... — falo baixinho e rindo. Ele me dá mais uma mordida.

— Feiticeira, sereia... não faz diferença. Todas reduzem homens a meninos, fazendo com que a gente perca a noção do tempo e do espaço... só desejando... tudo. — Finalmente, ele cede à tentação e me beija. E é um beijo completamente diferente de todos que já trocamos até agora. Este é repleto de desejo, sim, mas parece um beijo certo. Um encaixe perfeito, como se nossas bocas tivessem sido moldadas para estarem sempre unidas. Ele o aprofunda e empurra mais o corpo contra o meu. Automaticamente, enlaço minhas pernas ao redor do seu quadril, e ele geme alto quando nossos corpos se encaixam, separados apenas pelas roupas.

Pouco a pouco, ele diminui a intensidade, e eu começo a voltar a mim. Abro os olhos preguiçosamente e ele está me olhando com um sorriso perigoso no rosto. Tento me mexer para ficar por cima, mas ele me mantém firme, presa na cama. Passo as mãos por suas costas, chegando ao cós da calça e então suas palavras me fazem parar.

— Se você não ficar quietinha, vou me envergonhar — diz ele e ri.

— Mas eu quero... — Eu tento falar, mas ele coloca o indicador sobre meus lábios, me calando.

— Eu sei. Eu também quero. Muito. Mas quero tudo. E se a gente começar agora, não serei capaz de parar. A nossa primeira vez não vai ser uma rapidinha depois do trabalho — diz ele e sinto meus olhos se encherem de lágrimas. Nunca estive com um cara preocupado em tornar um momento especial, ainda mais um momento como esse. Começo a me dar conta de que, antes de Cadu, todas as minhas relações tinham sido superficiais... até meu último namoro, que durou mais tempo, nunca foi metade do que era com Cadu.

Ele me olha, parecendo curioso e enxuga uma lágrima que não consigo segurar.

— Shhh... — Seu olhar muda, e ele abre um sorriso carinhoso. — Eu sei... — diz ele, parecendo compreender tudo o que estou sentindo. — Eu sinto o mesmo — diz, e dá um beijo leve em meus lábios. — Mas esse fim de semana você vai ser toda minha. — Ele sorri, aquele ar de menino levado voltando para o seu rosto.

— Vai me contar para onde vamos?

— Vou, sim. Depois que você me indicar onde é o banheiro. Preciso de um banho para refrescar as ideias — diz ele, e nós dois rimos. Ele levanta e estende a mão para me ajudar a levantar também. Mostro a ele onde fica o banheiro, entrego uma toalha de banho limpa e o deixo para tomar banho, pensando em vestir uma roupa enquanto ele está lá. — Mari? — Ele me chama, e eu volto para a porta.

— Oi?

— Não se atreva a trocar de roupa. Quero admirar a vista com calma — emenda com aquele ar safado, e eu fico chocada, achando que ele deve ler meus pensamentos!

* * *

Depois do banho, ele sai do banheiro vestindo só a calça social, que abraça seus quadris, me fazendo lembrar do momento em que minhas pernas estavam enroladas em seu corpo. Balanço a cabeça, tentando apagar a lembrança da minha mente antes que pule em cima dele e o faça terminar o que começou. A campainha toca e, antes que eu consiga me mexer, ele se adianta até a porta.

— A visão do paraíso é exclusivamente minha — diz ele, me fazendo corar ao lembrar da roupa que não estou usando. Cadu segue até a porta enquanto eu me escondo no corredor, e atende o entregador. Nossa! Nem sabia que ele tinha pedido alguma coisa. Eu o ouço conversar com o rapaz e então ele diz um "pode ficar com o troco" e a porta é fechada.

Ele segue para a mesa de jantar, coloca a caixa de pizza em cima da mesa, e vou até a cozinha pegar copos, pratos e talheres. Quando volto para a sala, ele se vira para mim, abrindo um sorriso ao me ver chegar.

— Obrigado, linda — diz ele, mostrando aquelas covinhas para mim.

— Eu que tenho que agradecer. Estava condenada a comer um sanduíche sem graça, e você me salvou com uma pizza apetitosa — falo, rindo. Então me aproximo, sentindo aquele cheiro maravilhoso. — Ai, meu Deus! Peito de peru com cream cheese! — Chego mais perto da caixa e inspiro profundamente o cheiro da perfeição em forma de comida. *Gordice*, eu sei, mas não consigo resistir. Ele solta uma gargalhada, e me viro para ele, sem graça. Boa, Mari. *Gordice* na frente do namorado mais gostoso que você já teve não é uma boa forma de fazê-lo gostar de você. — Desculpe, não resisti — falo e ele me puxa para mais perto dele, dando um beijo no canto da minha boca.

— Não se desculpe. Nunca mais verei uma pizza de peito de peru com cream cheese com os mesmos olhos — murmura ele, ainda colado a mim. — Você é inacreditável, Mari. Nunca conheci alguém como você. Acho que é uma bruxa.

— Ah, não! — falo rindo. — Feiticeira, tudo bem. Sereia também. Mas bruxa? Nãooo. Bruxas são feias. Não têm nada de bom.

— Você é a bruxinha mais gata que já vi. E encantadora. É uma mistura de bruxa, com sereia e feiticeira, no corpo de uma princesa.

Ah, gente. Quero que vocês me falem, como eu posso não me apaixonar por esse homem?

— Vem, vamos comer, antes que eu mude de ideia. — Ele puxa a cadeira para mim e, depois que eu me acomodo, se senta ao meu lado.

Eu sirvo a pizza, e ele fica me olhando de um jeito engraçado. Entrego um dos pratos para ele, com uma fatia, e ele pega com um sorrisinho. De repente, vem à minha cabeça que aquilo não parecia ser algo comum para ele. Não conseguia imaginá-lo sentado em casa, numa sexta-feira à noite, comendo pizza com Coca-Cola. Droga, nem guardanapo bacana de tecido eu tenho.

— Huuuummmmm. — Ele solta um gemido ao meu lado e tenho certeza que eu o observo de boca aberta, quase babando. — Você tinha toda razão. Essa é a melhor pizza que eu já comi.

— Preciso perguntar. De onde ela surgiu? Não vi você fazer o pedido.

— Pedi quando cheguei aqui. Seu porteiro me indicou o telefone — explica ele, colocando mais um pedaço na boca.

— Eu não imaginaria que você é do tipo que come uma pizza tão simples...

— Sou um cara simples, Mari. São os momentos que me fazem feliz, não determinadas coisas ou situações. Não importa se estou sentado na sua sala, comendo pizza ou num restaurante cinco estrelas. A companhia e o momento são muito mais importantes do que qualquer outra coisa — diz ele e sorri.

Continuamos a comer e a conversar. Ele é uma companhia divertida e encantadora. Um cara educado, inteligente e acessível. Sinto que posso conversar sobre tudo com ele, que Cadu sempre vai ter um comentário espirituoso ou interessante a respeito de qualquer coisa. As horas vão passando e a minha sexta-feira, que tinha tudo para ser monótona, se transforma numa noite maravilhosa.

Então ele olha no relógio e passa a mão no cabelo, se levantando do sofá.

— Droga. Tenho que ir. Você precisa dormir. — Caramba! Quase meia-noite!

— Tudo bem, estou acostumada a dormir tarde — falo. Um bocejo surge, contrariando minhas palavras, e ele ri.

— Sim, *senhorita-estou-sem-sono*. Mas você precisa descansar, porque ainda vai ter que fazer mala e vamos pegar a estrada amanhã.

— Estrada?

— Sim. — Ele abre aquele sorriso de menino. — Você vai precisar fazer uma pequena mala. Roupas para sábado e domingo. O clima lá é um pouco mais frio, então leve um casaco. Roupas confortáveis, ok? Um tênis e uma roupa mais arrumada para a noite, se a gente resolver sair. — Eu o encaro, confusa.

— Para onde vamos?

— Para o lugar que eu costumo chamar de paraíso. É só o que você precisa saber.

— Ohhh... — sussurro, e ele se aproxima, passando o braço ao redor da minha cintura.

— Esse fim de semana será especial. Vou te levar para o meu paraíso, porque é lá que eu quero estar com o meu anjo. — Seus lábios encostam nos meus, e eu me arrepio da cabeça aos pés. Seu beijo é leve, mas intenso. A combinação do seu toque com as palavras certas me encanta e me deixa

louca. — Onde está aquele seu celular com os milhares de alarmes? — pergunta ele, e eu indico a mesa.

Cadu pega o telefone, abre o despertador e dá uma risadinha ao ver meus vários alarmes. Ele aperta alguns botões na tela e coloca o aparelho no bolso. Seu sorriso se amplia e ele vem em minha direção. Quando se aproxima, me pega no colo.

— Oh... — murmuro, e ele sorri, me levando para o quarto. — O que você está fazendo? — pergunto, confusa e entorpecida pelo cheiro do meu sabonete no corpo dele.

— Colocando você para dormir. — Ele me coloca na cama e me cobre.

— Mas eu preciso... — Eu começo a falar, mas ele me corta.

— Eu vou deixar tudo limpo antes de sair. Quero que você descanse. Amanhã seu despertador começa a tocar às sete e cinquenta e cinco. Programei oito alarmes, com dez minutos de diferença. Você vai precisar me explicar isso depois.

— É para que eu possa ir acordando devagar — falo, sentindo minhas bochechas esquentarem.

— Ah, Mari. O que eu vou fazer com você? — pergunta ele, sorrindo. Sorrio de volta, pensando o que *eu* faria com ele. Cadu me dá um beijo leve nos lábios e se afasta, apagando a luz. Basta fechar os olhos que sinto meu corpo relaxar e o sono me tomar. Ao longe, ouço o barulho da torneira da cozinha aberta, e meu último pensamento consciente é que, além de tudo, ele ainda é um cara prendado.

Caio num sono profundo e me vejo num lugar lindo, uma noite escura e repleta de estrelas. Não me canso de olhar a beleza da noite e, ainda sonhando, sinto um calor aquecer meu corpo e um beijo leve tocar meus lábios.

— Dorme bem, meu anjo. Amanhã, a essa hora, vamos dormir juntos, com você aninhada em meus braços. E, então, você será minha por completo. — A voz rouca e sensual soa em meus ouvidos, e antes que eu me dê conta, tudo se apaga ao meu redor. Apenas aquela sensação de calor que ele me transmite embala meu sono.



MAGIC
Coldplay

Cadu

Fui para casa embriagado.

De desejo, de felicidade, de paixão. Passei a reunião inteira pensando nela e, quando tudo acabou, nem raciocinei, simplesmente saí da sala, peguei meu carro e fiz o caminho até o bairro onde ela mora. Eu nunca me senti assim. Mari é a pessoa menos superficial que eu conheço. É divertida, engraçada, inteligente. E simples. Nunca conheci uma mulher que me fizesse sentir tão à vontade.

Ao chegar ao prédio, eu estava com um frio na barriga incomum, uma sensação de expectativa. Pedi ajuda ao porteiro para encomendar uma pizza, já que eu não conhecia muita coisa por ali. Ele me sugeriu pedir peito de peru com cream cheese, que era o que ela normalmente pedia.

Subi até o terceiro andar, onde ela morava, com meu coração agitado. Toquei a campainha, planejando sorrir e dizer que senti a falta dela, mas foi tudo por água abaixo quando ela abriu a porta vestindo aquela lingerie preta de algodão. Quem diria que algodão teria o poder de me deixar assim, louco.

Saio do carro no estacionamento do meu prédio, e entro no elevador, revivendo os momentos que passei com ela. A sedução no seu quarto, sua expressão de prazer, seu riso, seu cheiro. Entro em casa lembrando do nosso jantar. Nem sei dizer há quanto tempo eu não comia pizza e batia papo com

uma mulher. No meio em que eu vivia, comer pizza era algo impensável. Vou para o quarto e, ao acender a luz, a imagem dela, ali na minha cama, naquela primeira noite que passamos juntos, me atinge com força total, me fazendo chegar à conclusão de que estou apaixonado. Tiro a camisa, jogando-a na cadeira do canto, e abro um sorriso, pensando que a constatação do meu sentimento em vez de me trazer medo, me traz felicidade. Eu estava irremediavelmente apaixonado por aquela feiticeira de olhos castanhos e curvas deliciosas, e tudo que eu podia pensar era em cuidar dela e fazê-la feliz. E era isso que eu ia fazer durante o fim de semana.

Eu tinha planejado levá-la para a minha casa em Itaipava, meu lugar favorito no mundo. Passei todas as minhas férias do colégio lá, ao lado dos meus avós. Após a morte deles, aquele pedaço do paraíso ficou para mim. Eu nunca tinha levado ninguém lá. Era como um refúgio. Um lugar aonde eu podia ir, curtir o frio e ficar quieto com meus pensamentos. Aquela casa é o lugar onde eu sou verdadeiramente feliz. Mas eu não via a hora de dividir com ela o meu lugar especial, assim como ela dividia todos os aspectos da vida dela.

Sigo para o banheiro. Eu estava ansioso e animado para o fim de semana. Tomo um banho quente, fazendo planos para o dia seguinte. Eu estava pensando em sair de casa por volta das nove e meia, para dar tempo de ela descansar e arrumar suas coisas para a viagem. Para mim, é mais fácil. Eu não preciso arrumar mala, já que muitas coisas minhas estão lá. Deito na cama, me lembrando do momento em que a coloquei para dormir. A lembrança do calor do seu beijo sonolento me aquece e me conduz para um sono tranquilo e repleto de sonhos felizes com aquela garota que já era tão importante para mim.

* * *

O sábado, finalmente, chega. Acordo cedo, tomo um banho e vou direto tomar um café bem quente para acordar. Vou até a janela do meu quarto, com a caneca de café na mão, e olho a vista incrível à minha frente, pensando no quanto eu sou sortudo. Tenho um emprego que eu adoro, uma vida confortável e uma mulher maravilhosa.

Meu telefone toca, me tirando dos meus pensamentos. É uma mensagem de Mari.

Mari: Bom dia, Sr. Misterioso! Já estou acordada, pronta e ansiosa para ser sequestrada. Me passe as coordenadas! Ah! Antes que eu esqueça. Obrigada por colocar meus alarmes para tocar. Assim eu fico mal-acostumada. Kkkkk <3 Beijos

Eu: Bom dia, linda. Estou saindo de casa em cinco minutos. Minha única orientação é para trazer esse seu sorriso gostoso com você. Esse fim de semana, você é minha e não vejo a hora de passarmos esse tempo juntos. Qto aos alarmes, se acostume. Vou mimar vc. Beijos.

Termino de tomar o café, escovo os dentes e saio para buscá-la. No carro, ligo o som, e *Magic*, do Coldplay, toca. Lembro de uma das nossas conversas, na primeira noite que ficamos juntos, sobre música e que ela falou que adorava pop rock nacional. Era engraçado o quanto a música estava presente nos nossos momentos, volta e meia tocava a música perfeita, e isso tornava a nossa história ainda mais especial. Troco a música e *As dores do mundo*, do Jota Quest, começa a tocar e vou cantando enquanto atravesso o Túnel Rebouças. Quando percebo o que estou fazendo, começo a rir, pensando no inusitado da situação. Não me lembro de, em momento algum, nos últimos anos, ter me sentido tão relaxado a ponto de cantar no carro.

Poucos minutos depois, com o trânsito livre do sábado de manhã, chego na rua da Mari e a visão que tenho quando olho em direção do prédio dela me deixa sem ar. Ela está na frente do prédio, com uma blusa rosa que realça seus seios e uma calça jeans escura e justa, que envolve os quadris. Na mão, ela segura uma jaqueta clara e, ao lado dos seus pés, uma pequena sacola de viagem preta. Paro o carro e a vejo sorrir. Saio, vou em direção a ela, e, antes que eu consiga me segurar, corro para levantá-la do chão, num abraço apertado, como se não a visse há muito tempo. Essa mulher estava me dominando de forma irremediável e eu não conseguia segurar minhas emoções.

— Você está linda — sussurro em seu ouvido e ela sorri.

— Obrigada. — Eu a solto, pego a bagagem no chão e seguro sua mão, conduzindo-a até o carro. — Vai dizer para onde estamos indo?

— Hummm... — murmuro, colocando a bagagem na mala, e abro a porta do lado do carona para ela entrar. — Ainda não. Que tipo de sequestrador eu seria se dissesse a você o lugar do seu cativeiro? — pergunto, rindo e fecho a porta, dando a volta no carro. Ao entrar, ela me encara, seu sorriso é amplo e os olhos brilham.

— Você está muito engraçadinho. — Dou uma risada, ligando o carro.

— E você está linda — repito e ela me dá um sorriso. Sigo em direção a Itaipava, na região serrana do Rio.

No caminho, vamos conversando sobre esportes. Conto a ela a minha paixão pelo surfe e que, quando eu era mais novo, tinha pensado em ser profissional.

— Cheguei até a passar uns meses no Havaí, treinando — digo e ela fica misteriosamente silenciosa. — Ei, linda! O que houve? — pergunto, desviando momentaneamente a atenção da estrada e olho para ela.

— Nada... — diz ela e eu franzo a testa.

— Fala.

— Às vezes, fico pensando no quanto somos de mundos diferentes — explica ela e eu a olho confuso. — É, Cadu. Você vem de uma família com uma boa condição financeira. Morou fora, é viajado, mora num apartamento com vista para o mar. — Ela respira fundo, sem olhar para mim, e continua: — Eu sou o extremo oposto. Minha família é supersimples, moro no subúrbio e o mais

longe que já fui da minha casa foi em uma viagem, com amigas da faculdade, até Juiz de Fora. E morro de medo de avião.

— E qual é o problema? — pergunto, confuso com o comentário dela.

— O problema é que eu, às vezes, fico me perguntando até que ponto, quando passar a novidade, você ainda vai estar interessado em mim. — Ela solta e eu encosto o carro num recuo logo à frente. Assim que paro o carro, solto o meu cinto de segurança e me viro para ela, soltando o seu cinto e a puxando para um beijo. O beijo se torna mais intenso do que eu imaginei. No momento em que a minha língua toca a dela, tudo se apaga ao meu redor e o calor do seu corpo me envolve. Ouço seu gemido baixo e aprofundo o beijo, passando o braço ao redor do seu corpo e puxando-a contra mim. Minha outra mão alcança seu cabelo e eu o seguro com força, nos aproximando ainda mais. Continuo a explorar sua boca com a língua, provocando. Pouco a pouco, diminuo a intensidade do beijo, até que nossos lábios se afastam. Sem soltá-la, ainda segurando seu cabelo, eu a encaro e digo:

— Nunca mais ache que o que eu sinto por você é algo fugaz ou sem importância. Não me interessa o que você tem, se sua família é simples ou se você nunca viajou. Eu sinto orgulho das suas conquistas, acho que sua família deve ser muito estruturada por ter criado uma mulher como você. E quero ser a pessoa que vai te levar para conhecer o mundo. A começar pelo nosso destino... — Ela sorri e me interrompe.

— Que você não vai me contar? — Eu dou uma risada e concordo.

— Que eu *ainda* não vou te contar qual é. E, quando formos voar, eu seguro a sua mão. — Dou mais um beijo em seus lábios e, então, puxo seu cinto de segurança, afivelando-o; em seguida, faço o mesmo com o meu e volto para a estrada com um sorriso satisfeito no rosto. E volto a puxar assunto com ela, que parece muito mais leve e despreocupada depois do que eu disse.

* * *

Mari

Seguimos pela estrada, em direção à serra. Eu estava muito curiosa, mas feliz por estar ali. Cadu era uma excelente companhia: divertido, inteligente, interessado. Qualquer comentário que eu fizesse, ele ouvia com atenção. Ele é um sedutor nato e só de lembrar daquele beijo no acostamento, sinto minhas pernas tremerem e meu estômago se contorce de nervosismo e expectativa. Eu sabia que

as coisas aconteceriam nesse fim de semana. Duas pessoas que estavam explodindo de desejo, como nós, não conseguiriam fazer uma viagem *romântica* sem colocar as mãos e outras coisas mais no outro. Suas promessas silenciosas seriam cumpridas e nosso relacionamento subiria um degrau, o que para mim era muito importante.

Estávamos numa animada conversa sobre filmes, quando vi a placa indicando a entrada de Petrópolis. Fiquei animada, já que eu adorava a cidade, mas antes que tivesse a chance de dizer qualquer coisa, ele seguiu direto, mantendo-se na estrada. Abri e fechei a boca como um peixe, sem saber o que falar.

— Tudo bem? — pergunta ele, rindo.

— Eh... claro! É que eu achei... — Eu começo, confusa, e ele ri um pouco mais.

— Estamos quase lá, linda. — Ele segura a minha mão e dá um beijo, me fazendo suspirar. Seguimos mais à frente, na estrada principal, até que avistamos a entrada para Itaipava e ele sorri para mim, conduzindo o carro nessa direção.

— Itaipava? — pergunto.

O belo distrito de Petrópolis era lindo e cheio de lugares maravilhosos para visitar, além dos barzinhos e restaurantes. Ele olha rapidamente para mim, sorri e pisca o olho, voltando a se concentrar no caminho. Nos mantemos em silêncio, curtindo apenas a música que toca no aparelho de som do carro. Cerca de 15 minutos depois, estaciona o carro em frente à casa mais linda que já vi na vida. Então sai e abre a porta para mim, segurando a minha mão para me ajudar a sair. Estou de boca aberta, olhando para aquele lugar mágico. Eu o encaro, sem conseguir formar uma palavra e volto a olhar para frente.

Construída num terreno em declive, a casa de três andares é toda em madeira clara, lembrando um chalé no alto da montanha. — Tá, eu sei que chamar de "chalé" não diz nem metade do que essa casa magnífica é. — A construção toda envidraçada dá um ar moderno ao rústico. A frente da casa é adornada por uma explosão de cores no jardim mais magnífico que eu já vi.

— Vamos entrar — diz ele para mim, entrelaçando os dedos nos meus. O ar mais frio da montanha nos envolve, me fazendo estremecer, e Cadu me puxa para mais perto, me envolvendo em seu calor.

Ele abre a porta com a chave que tira do bolso e me empurra delicadamente para dentro da casa. Olho ao redor e fico ainda mais impressionada. A sala, com um pé direito enorme, tem pilares e paredes revestidos de pedra e madeira e o teto forrado em bambu trançado. Os móveis, um misto de coisas antigas e novas, combinam texturas lisas com estampas e cores, tornando o espaço especial e convidativo. No canto da sala, uma lareira acesa me dá a dica de onde vem o calor gostoso que nos envolve. O mais engraçado é que essa não é a casa de um homem solteiro. Não. É a casa de uma família feliz e unida. Eu consigo ver pessoas reunidas ao redor do fogo, sentadas na sala para um bate papo enquanto as crianças correm ao redor. Oh, Deus! De onde eu tirei isso?

— Bem-vinda ao meu lar — diz ele, com um sorriso enorme e não posso deixar de rir do seu jeito alegre.

— Achei que seu lar era no Leblon e que aqui era uma espécie de casa de campo — falo e fico constrangida em chamar aquela mansão de casa de campo. Ai, Mari, você só dá mancada!

— Não dizem que lar é onde está o nosso coração? O meu está aqui — explica ele e sinto uma vibração em sua voz. — Essa casa era dos meus avós. Passei grande parte da minha infância e adolescência aqui. Eu amo esse lugar e tudo o que ele representava para meus avós. Aqui, nossa família se reunia nas festas, aniversários, feriados. E quando eles se foram, deixaram a casa para mim.

— E é uma linda casa. Obrigada por ter me trazido aqui e por ter compartilhado isso comigo — falo, emocionada e fico na ponta dos pés para dar um beijo suave em seus lábios. Quando nos afastamos, ele olha nos meus olhos e sorri, parecendo feliz.

— Vamos, vem conhecer o resto. — Ele pega minha mão e me leva para dar uma volta pela casa.

Eu já imaginava que era lindo, mas consegui ficar ainda mais atônita com a beleza daquele lugar. Não era à toa que ele amava aquela casa. Além de linda, era extremamente confortável e acolhedora. Passamos por uma bela sala de jantar, seguida da "sala dos meninos": um salão de jogos com mesa de sinuca, pôquer e uma TV gigante. Ele mostra seus "brinquedos" e eu me encosto na mesa de sinuca enquanto ele fala. Até que um olhar diferente atinge seu rosto e ele se aproxima de mim. Suas mãos se apoiam nas laterais do meu corpo, me prendendo entre ele e a mesa. Sinto o corpo estremecer quando ele se aproxima ainda mais, levando seu rosto em direção ao meu pescoço. Ele inspira profundamente, me fazendo arrepiar e, se ele não estivesse me segurando, eu teria, com certeza, caído no chão, sem forças para me manter de pé.

— Esse seu perfume me deixa louco, sabia? — pergunta e eu balanço a cabeça, negando. — Ver você encostada aí, me fez imaginá-la deitada sobre a mesa, seus cabelos soltos e espalhados... — Ele respira profundamente de novo e se afasta um pouco. — Vem, vamos ver o restante da casa, antes que eu volte atrás nos meus planos — diz ele e entrelaça novamente seus dedos nos meus, me levando para o andar superior da casa.

O segundo andar era onde ficavam os quartos. Ele mostra dois grandes quartos de hóspedes, com suíte, e uma bela vista da montanha. O terceiro quarto era uma espécie de quarto infantil, cheio de brinquedos, com dois beliches e dois berços, decorado com motivos de animais.

— Esse espaço foi idealizado pela minha avó. Ela queria que meus tios e meus pais pudessem trazer todos nós para cá, com conforto.

— É lindo, Cadu — falo com sinceridade, tocada pelo amor que cerca aquele lugar. Saindo do quarto, paramos em frente a uma última porta. Ele abre e fala com um sorriso, enquanto me conduz para dentro da suíte principal.

— Esse aqui é meu quarto. — Seu sorriso se amplia e os olhos brilham quando ele fala. — Eu ficaria muito feliz se durante o nosso fim de semana você o dividisse comigo. — Sinto meu rosto esquentar e tenho certeza de que estou vermelha. Baixo o olhar para o chão e busco a coragem dentro de mim, para responder ao que ele quer ouvir.

— Nada me deixaria mais feliz do que dormir em seus braços. — Ele segura minha mão mais firme e me puxa.

Nossos olhares se prendem e eu consigo detectar um brilho de malícia e alegria. Ele sorri para mim, e eu sorrio de volta, sentindo uma paixão avassaladora. Ele provoca sensações em mim que eu nunca senti por ninguém. Com a outra mão, ele faz carinho em meu rosto, seus olhos fixos em minha boca. Vejo-o baixar o rosto lentamente, colando os lábios nos meus. É um beijo lento, suave, e eu diria que é quase romântico. Quando nos afastamos lentamente, ele abre um sorriso amplo, que o deixa com cara de menino, e sussurra em meu ouvido:

— Obrigado. Vem, quero mostrar o restante da casa.

Segurando a minha mão, ele me leva de volta pelo corredor. Subimos por uma escada lateral e chegamos ao espaço mais maravilhoso daquele lugar. No topo da casa, toda cercada de vidros que iam do chão ao teto, havia uma linda piscina hexagonal. O piso em madeira transformava aquele espaço num lugar ainda mais acolhedor e, mesmo estando um pouco frio, fico tentada a mergulhar naquele azul.

— A piscina é aquecida — explica ele, notando meu olhar comprido para a água. — À noite, nosso jantar será aqui em cima, e você poderá mergulhar. — Seu sorriso se amplia.

— Eu não trouxe roupa de banho — falo e seu sorriso fica ainda maior, se é que é possível.

— Eu não me incomodo que você nade nua — sussurra ele e eu sinto meu rosto esquentar. Cadu dá uma risada e me puxa num abraço. — As suas reações me encantam, sabia? Eu sabia que você ia ficar assim, toda linda e vermelha.

Ele beija o alto da minha cabeça e, abraçado comigo, me leva em direção à porta de vidro, que dá acesso a uma grande varanda aberta. O espaço é tão grande que ele poderia tranquilamente dar uma festa ali. Do lado de fora da varanda, a piscina continua, agora na área descoberta, com a lateral circundada com pedras. Ele nos leva até a grade de madeira e uma vista estupenda do alto de Itaipava se abre diante de nós.

— Nossa... — murmuro, olhando aquela imensidão. — Aqui é lindo, Cadu.

— À noite é ainda mais lindo. Com a montanha, todas essas árvores e o ar mais puro, se dermos sorte, e o tempo não virar, teremos uma noite estrelada e mágica. — Ele sorri, passando a mão no meu rosto. Até que um pensamento cruza sua mente e ele fica sério novamente. — Estou feliz por você ter vindo, Mari. Por estar compartilhando isso com você.

— E eu estou feliz pelo convite. Está sendo incrível. — Sorrio para ele, feliz por ter a chance de passarmos mais tempo juntos e nos conhecermos melhor. Volto a encarar a vista e, então, sinto seu olhar sobre mim. Viro para encará-lo e estranho a forma como ele está me olhando. — O que houve? — pergunto, franzindo a testa, preocupada que eu o tenha, de alguma forma, ofendido ou agido de forma desrespeitosa, mas não consigo pensar em nada que eu possa ter feito de errado.

— Nada, linda — diz ele, balançando a cabeça e me abraçando, enquanto admiramos um pouco mais a linda vista da cidade.



AS DORES DO MUNDO
Jota Quest

Cadu

Passamos um dia maravilhoso juntos. Sim, eu ainda tinha alguns momentos de dúvida, até mesmo certa desconfiança, como quando estávamos na casa e ela disse que estava feliz pelo convite. Naquele momento, senti medo de que ela estivesse feliz apenas porque a casa era realmente incrível. Eu já tive minha cota de pessoas interesseiras e, volta e meia, a minha conversa com meu irmão me vem à mente. Mas, então, ela me olhou com aqueles olhos de menina, parecendo preocupada comigo e eu esqueci de tudo e só pensei em puxá-la para perto de mim.

Depois de conhecer a casa, eu a levei para um passeio pelos arredores. Passamos o dia explorando o centro comercial de Itaipava. Mari comprou várias lembrancinhas para a mãe e algumas amigas, inclusive a Lalá, mas o que mais me surpreendeu é que na hora de pagar ela fez uma cara feia quando tirei a carteira do bolso. Seu olhar foi tão aborrecido e, antes que eu tivesse chance, ela tirou o dinheiro da bolsa e pagou as compras. Para mim, isso foi uma surpresa, já que as mulheres com quem eu costumava sair esperavam que eu pagasse não só as despesas, mas também suas compras. Esse comportamento me deixou confuso, sem saber direito o que pensar. Depois que andamos bastante, eu a levei para almoçar num restaurante italiano que ficava próximo ao centro comercial. Durante duas horas, conversamos, rimos, brincamos. Após o almoço, nós pegamos o carro

e fomos até o Castelo de Itaipava. O antigo castelo medieval hoje é cenário de festas e raramente abre para visitação. Mas, com os contatos certos, consegui uma visita guiada para nós. Ela passou a tarde andando por todos aqueles quartos e salões do castelo, fazendo inúmeras perguntas ao guia e eu não conseguia desviar meu olhar dela e pensar nos sentimentos conflitantes que ela despertava em mim.

Quando chegamos à biblioteca do castelo, parecia que ela ia entrar em colapso. Mari parou em frente às enormes estantes esculpidas e ficou admirando os livros raros que estavam em exibição com uma reverência no olhar que eu nunca tinha visto antes.

— Ah, meu Deus! — sussurra ela, fitando um livro.

— O que houve?

— Um exemplar muito antigo de *O Pequeno Príncipe* — explica, olhando para mim, com os olhos cheios de lágrimas. Eu a observo, sem saber como lidar com o fato de ela estar emocionada por encontrar um livro antigo.

— Esse exemplar é uma edição especial, muito antiga e rara. Um colecionador fez a doação para a nossa biblioteca. — O guia explica a ela e sua atenção se volta para ele, que começa a falar dos livros expostos naquelas estantes. Eles conversam e ela faz muitas perguntas sobre os muitos títulos que estavam ali, e eu me repreendo por achar que ela seria capaz de alguma atitude que não fosse verdadeira ou correta. A todo momento, Mari demonstrava sua integridade e era injusto, da minha parte, levantar esse tipo de dúvida a seu respeito.

Quando saímos do castelo, a noite já estava caindo lá fora e o frio tinha aumentado. Nós estamos de mãos dadas e eu a puxo para um abraço, já que ela estava tremendo. Ela me olha e sorri, e eu sinto meu coração disparar no peito. Eu estava ansioso com a chegada da noite. Nós daríamos um passo adiante no relacionamento e, finalmente, eu a teria exatamente onde a queria desde o momento em que a notei, naquele dia, algumas semanas atrás, em meu escritório.

Entramos no carro e, após dar a partida, eu a puxo para um beijo rápido. Ela sorri ao nos afastarmos e coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. Eu viro para frente, me preparando para sair, quando ela chama meu nome:

— Cadu?

— Oi, linda — respondo, voltando a olhá-la.

— Obrigada.

— Pelo quê? — pergunto, confuso.

— Pelo dia maravilhoso. Nunca vou esquecer que você me proporcionou a chance de ver aquele exemplar de *O Pequeno Príncipe*. O passeio inteiro foi maravilhoso. Mas esse é o tipo de coisa que eu talvez nunca tivesse a chance de ver na vida, se não fosse por você. — Ela fala com uma simplicidade que aquece meu coração.

— Não tem o que agradecer. Eu também adorei o dia que passamos juntos. — Sorrio de volta. — Você gosta de *O Pequeno Príncipe*, é?

— Amo. Eu adoro ler, mas esse livro é tão especial. Tem tantos ensinamentos — responde ela sorrindo e eu sorrio de volta, pensando que enquanto ela estivesse tomando banho antes do jantar, eu faria umas compras na internet.

* * *

Mari

Voltamos do fantástico passeio ao Castelo de Itaipava e Cadu me deixou à vontade na suíte, para que eu pudesse tomar um banho e me arrumar para a noite. Um frio na barriga me acompanhou por todo o dia, mas, nesse momento, eu sentia minhas pernas trêmulas e um grande nó na boca do estômago. Eu não era tola. Sabia exatamente o que aconteceria nessa noite. Esperei por isso a cada dia, desde que ele me deu o primeiro beijo. Mas não tornava a situação mais fácil para mim. Nem diminuía a expectativa. Entrei no chuveiro, deixando a água quente cair sobre mim com força, torcendo para que ela lavasse toda a angústia e medo que eu sentia. Sim, claro que eu sentia medo. Eu estava há dois anos sem ninguém. Sem relacionamento, sem namorado, sem sexo. E agora eu tinha um relacionamento, um namorado e a certeza de que essa noite eu faria sexo. Com ele. O homem que tirava meus pés do chão e colocava minha cabeça nas nuvens. Aquele por quem eu estava apaixonada.

Saio do chuveiro e volto para o quarto para me vestir, enrolada numa grande toalha felpuda. Ao cruzar a porta, me deparo com ele deitado sobre a cama, os braços cruzados em baixo da cabeça, olhando para o teto. Até que ele nota a minha presença e seu olhar se prende no meu. Eu sabia, quando entrei no chuveiro, que deveria ter levado a roupa para o banheiro. Mas eu não estava acostumada a compartilhar um quarto com outra pessoa. Com um homem. Quando lembrei disso, já era tarde demais. Senti meu corpo esquentar da cabeça aos pés.

— Desculpe — falo, desviando o olhar do seu, segurando a toalha ao redor do meu corpo como se minha vida dependesse disso.

— Desculpá-la pelo quê? Por proporcionar uma das visões mais lindas que já vi? — pergunta ele e eu arregalo os olhos, sentindo meu rosto corar ainda mais. — Você é uma das mulheres mais lindas que eu já vi. E assim, sem maquiagem, cabelo molhado, quase nua, a poucos passos de distância, é a visão mais sedutora dos últimos tempos.

Eu respiro fundo, tentando afastar o constrangimento e viro em direção ao armário onde minhas coisas estão guardadas, enquanto respondo:

— Eu, com certeza, não sou uma das mulheres mais lindas que você já viu, mas obrigada pelo elogio — falo, sorrindo. — Fico feliz em agradar.

Antes que eu tenha a chance de abrir a porta para pegar uma roupa, sua presença esmagadora me prende contra a porta, virando-me de frente para ele. Seus dois braços estão apoiados, um de cada lado, e seu corpo está colado ao meu, me permitindo sentir cada contorno seu. Ele abaixa a cabeça, passando a boca pelo meu pescoço, a língua traçando o caminho que vai da curva da minha clavícula, passando por toda a base do pescoço, até chegar à minha orelha.

— Nunca duvide quando eu disser que você é maravilhosa e sedutora — diz ele, a língua toca a ponta da minha orelha. Sinto meu corpo arrepiar com seu toque e, quando ele sente a minha reação, estremece. Passa uma das mãos ao redor da minha cintura, me puxando contra ele ainda mais, deixando nossos corpos completamente colados e permitindo que eu sinta a sua excitação contra o meu ventre. — Você é sexy, linda, e eu não quero ouvir você discordar.

— Mas eu...

— Mari.

— Eu já vi as suas namoradas. Não sou modelo.

— Se eu quisesse uma modelo, estaria com uma. É você que eu quero, Mariana. Por inteiro — diz ele e me puxa para um beijo de tirar o fôlego. Acho que esse é o beijo mais intenso que já trocamos, ou melhor, o beijo mais intenso que eu já troquei com alguém. Sua língua invade minha boca, tomando posse, conduzindo aquele beijo ao limite. Me levando ao limite. Estou a ponto de gemer alto, pelas sensações que o beijo me desperta, quando ele se afasta, com a respiração entrecortada.

— Eu vou tomar um banho agora, antes que eu não consiga mais. Sugiro que você esteja vestida quando eu sair do banheiro ou serei obrigado a mudar meus planos — diz ele e se afasta lentamente, arrancando a camisa que estava vestindo, e segue para o banheiro. Eu continuo parada, encostada contra o armário, minhas pernas tremendo e a respiração ofegante. Então, ele para na porta do banheiro, vira para mim e fala: — Mari, eu não costumo demorar no chuveiro. — Seu sorriso sedutor se amplia, enquanto ele abre o primeiro botão da calça jeans. Eu viro depressa, abrindo o armário para pegar uma roupa e ele solta uma risada divertida ao fechar a porta.

* * *

Cadu

Entro no chuveiro frio, para abrandar o calor que envolve meu corpo. Eu nunca havia experimentado momentos tão intensos com uma mulher. A sensação que eu tinha com ela é a mesma de quando se lê um bom livro: ao mesmo tempo que você quer chegar ao fim da história para saber o que vai acontecer, você tenta ir devagar, saboreando com calma as sensações para ampliar ao máximo aquele momento. Tudo que eu pensava era em jogá-la em minha cama e fazer amor com ela

até que ambos estivéssemos tão loucos de prazer que não lembraríamos nem do nosso nome. Mas as sensações que ela provocava em mim, a expectativa, o arrepio na base da coluna, aquela excitação constante, me faziam buscar forças para manter o controle e ir, pouco a pouco, seduzindo-a e deixando-a tão louca por mim quanto eu me sentia por ela.

Acabo o banho e vou para o quarto, pensando que não sei se fico feliz ou triste com o fato de ela não estar ali. Visto uma calça jeans escura e uma camisa polo preta e ando descalço pela casa à procura dela. Eu detesto ficar calçado e, mesmo sabendo que a casa estava gelada, já que nessa época do ano faz frio à noite, prefiro o contato dos meus pés com o chão. Procuro Mari em todos os cômodos, mas sem sucesso. Desço para o térreo da casa e uma música, ao longe, me dá a dica de onde ela deve estar. Ao me aproximar da sala de jogos, a música alcança meus sentidos e meu corpo fica alerta.

Vou me aproximando da porta, ouvindo o som cada vez mais perto. Ao chegar na porta, me deparo com ela, linda, num vestido azul rodado, cuja saia balança com o movimento do seu corpo, dançando no meio do salão.

Ela balança o corpo no ritmo da música, os olhos fechados enquanto canta, parecendo estar totalmente mergulhada na canção. Essa era uma das coisas que me encantava na Mari. Esse jeito tão simples e, ao mesmo tempo, tão intenso, de mergulhar numa música a ponto de tudo se apagar ao seu redor. Ela, definitivamente, é a mulher mais encantadora que já conheci na vida.

Dou alguns passos para dentro do salão. Ela ainda está completamente alheia à minha presença, totalmente ligada na música. Quando ela se vira novamente, de olhos fechados, eu consigo segurar sua mão e a puxo de encontro ao meu peito, passando o braço livre ao redor de sua cintura para que possamos dançar juntos.

Sinto seu corpo estremecer ao ser pega de surpresa. Ela abre os olhos e o rosto, que estava corado pelo movimento, se tinge ainda mais ao ser pega no flagra. Eu abro um sorriso e tudo ao nosso redor se apaga. Ela faz isso comigo. Ela faz com que todo o meu foco fique exclusivamente nela. Basta estar ao alcance de um olhar. Mari sorri de volta, ainda com um olhar confuso, um misto de constrangimento e susto. A música continua e nós dançamos juntos, corpos colados, um pouco mais lentos do que o ritmo da canção.

Meu sorriso se amplia e eu falo próximo ao seu ouvido:

— Não vejo a hora de te ter.

— Ai, meu Deus! — diz ela e eu dou uma risada, divertido.

— Mas é só mais tarde, linda. Eu preparei uma surpresa para você. Está pronta? — pergunto e ela balança a cabeça, concordando. — Então, vem. — Mantenho sua mão presa à minha e a levo para fora do salão de jogos, em direção às escadas.

— Aonde estamos indo? — pergunta, curiosa. — Lá em cima?

— Não exatamente.

— O que vamos fazer lá? — insiste ela, enquanto subimos o primeiro lance de escadas, devagar.

— Deixa de ser curiosa. Você já vai descobrir.

— Droga. — Ela xinga baixinho, me fazendo rir. — Você está descalço. — E aponta para os meus pés.

— Eu sei. Detesto ficar calçado — falo rindo e sigo para o terraço.

Eu tinha pedido a D. Lúcia, que era uma espécie de governanta da casa, que encomendasse o jantar para nós. Ela, junto com o marido, Mário, cuidavam da casa desde o tempo dos meus avós. Ela era quase como uma avó para mim e quando eu disse que levaria a Mari para lá, me fez todo tipo de

pergunta sobre ela, sobre mim, sobre nós. Eu confiava totalmente nela e sabia que providenciaria algo incrível, já que tinha compreendido o quanto essa mulher era importante para mim.

Chegamos ao terceiro andar da casa, onde ficava a piscina, e registrei mentalmente que deveria providenciar algo em agradecimento à D. Lúcia, durante a semana. O espaço de lazer tinha sido transformado num cenário romântico, perfeito para a noite que eu havia planejado. A piscina estava cheia de velas acesas, boiando na água, contribuindo para o clima acolhedor. Como o tempo estava frio, as portas de vidro estavam fechadas, mas permitiam que tivéssemos uma visão do céu estrelado. Na lateral direita, onde antes havia algumas espreguiçadeiras, uma mesa de jantar estava posta para nós dois, com a louça disposta sobre a mesa, além de velas e um belo arranjo com peônias rosa-claro idênticas às que eu havia dado a ela de presente. Era a minha forma de demonstrar a Mari que ela é tão linda, única e especial para mim, quanto essa flor é na natureza.

— Nossa... — Mari fala baixinho. Olho para ela e vejo uma expressão encantada e ao mesmo tempo surpresa. Sorrio e ergo sua mão, dando um beijo carinhoso. Acho que eu nunca me senti tão feliz com alguém como me sinto com ela. — Que lindo, Cadu. — Ela se vira para mim, com um sorriso no rosto e os olhos brilhando. Nesse momento, toda e qualquer resistência que eu ainda tenha em relação a ela vai embora, e só ficamos nós dois, a intensidade desse olhar que ela me dá, o sabor do seu beijo e a vontade que eu tenho de estar ao lado dela o tempo inteiro.

Um movimento ao longe me chama atenção e, desviando os olhos dos dela, eu me volto em direção à mesa. Ao lado dela, um garçom nos aguarda com um sorriso simpático.

— Boa noite, Sr. Carlos Eduardo. — Ele cumprimenta e eu sorrio, balançando a cabeça. Então ele se volta para Mari. — Srta. Mariana, boa noite. — Ela sorri e o cumprimenta de volta. — Sou Marcelo e hoje vou atendê-los. — Conduzo Mari até a mesa e Marcelo puxa a cadeira para que ela sente. Eu dou a volta na mesa e me sento de frente para ela. — Aceitam uma bebida?

— Eu pedi a D. Lúcia para colocar o champanhe no gelo. Pode trazer para nós, Marcelo?

— Claro, senhor. Volto já. — Ele sai em direção às escadas e eu volto a olhar para Mari.

— Quer ouvir uma música? — Ela acena com a cabeça e eu vou até o aparelho de som, que fica na outra extremidade da sala. Sinto minhas mãos um pouco trêmulas ao procurar a playlist no equipamento. Acho que nem quando eu saí pela primeira vez com uma garota eu me senti tão nervoso quanto agora. Aperto o play e a voz sensual de Bebel Gilberto soa nas caixas de som espalhadas pelo terraço.

Volto para a mesa e Marcelo já está servindo o champanhe para nós dois. Ele se afasta para colocar a garrafa no gelo e pede licença para terminar de preparar os pratos para servir. Quando estamos a sós novamente, eu levanto minha taça num brinde e Mari me acompanha.

— A você. — Encostamos as taças. Seu sorriso se amplia e, então, ela responde:

— A nós. Obrigada pelo fim de semana maravilhoso. — Eu sorrio de volta e tomamos o champanhe gelado. Nesse momento, o garçom volta ao terraço e começa a nos servir. O cardápio da noite é *fondue* de carne, com diversas opções de molho, e batata *rostie*. Para acompanhar, ele nos serve vinho tinto. Mari olha intrigada para a taça com o líquido escarlate.

— O que foi, linda?

— Não estou acostumada a beber. Estou pensando que, desse jeito, ao final do jantar, vou acabar subindo na mesa e passando vergonha. — Nós dois rimos do comentário, enquanto o garçom se afasta, nos deixando a sós.

Durante o jantar, pergunto sobre seus gostos e ela me conta um pouco mais sobre sua vida, amigos e família. Fala da amizade com Lalá e sobre como se sente morando sozinha. Mari vai, pouco a pouco, reafirmando a impressão que tenho dela: uma menina simples, mas esforçada, que valoriza a

família e as boas amizades. Ela é divertida e consegue me envolver e me fazer rir com o modo como conta os acontecimentos do passado. Na sobremesa, não consigo deixar de me perguntar como uma mulher como ela está sozinha. E enquanto ela está se deliciando com brownie e sorvete, eu não consigo segurar a pergunta.

— Mari, por que você não estava namorando? — Uma sombra cruza seu olhar e ela toma um pequeno gole de água, antes de responder.

— Acho que eu posso culpar a falta de oportunidade de estar com alguém realmente legal, combinada ao medo de sofrer, de me magoar. Tem dois anos que meu último relacionamento terminou. Foi bem... difícil — Ela conclui. Não consigo conter a curiosidade em saber o que realmente aconteceu para deixá-la com esse medo.

— O que houve?

— Com o ex? — pergunta ela, um pouco pálida.

— Sim.

Ela respira fundo e baixa o olhar, parecendo voltar ao passado. Um passado doloroso.

— Eu não o vejo desde que terminamos, graças a Deus. Foi bastante difícil... — Eu fico ainda mais curioso.

— Ele fez algo com você? Te machucou, de alguma forma?

— Era uma relação doente, Cadu. Ele era um cara ciumento que só me colocava para baixo. Não teve agressão física, se é isso que você está perguntando. Mas, quando acabou, eu estava muito fragilizada. Eram reclamações diárias sobre tudo e nada.

— Como assim?

— Usar um vestido era motivo para briga. Falar com um colega na rua. Bater papo com a Lalá. Qualquer coisa em que ele não estivesse no centro do meu mundo era motivo. Se eu comprava uma roupa, ele dava um jeito de demonstrar o quanto aquilo era inapropriado para mim. O quanto *eu* era inapropriada. — Ela suspira e sinto vontade de matar o idiota. — Eram pequenas críticas, no início, muito sutis, às vezes, em tom de brincadeira, mas que, pouco a pouco, minaram a minha confiança.

Eu a encarava chocado, enquanto ela continuava com o relato.

— Com o passar do tempo, o tom da crítica mudou. Ele fazia questão de apontar meus defeitos, meus erros, minhas falhas. Até que eu não conseguia mais fazer nada por conta própria, com medo de fazer besteira. Eu me achava incapaz de alcançar meus objetivos e me sentia culpada por seu descontentamento. O ciúme aumentava cada vez mais, e eu não sabia mais o que fazer, e acabei me afastando de todos. Até o dia em que ele fez um escândalo na rua porque encontrei um primo que ele não conhecia. Nós discutimos, brigamos e quando eu achei que tínhamos feito as pazes, ele mudou o status de relacionamento dele para solteiro no Facebook. Eu levei um susto quando vi. Acho que foi o choque que eu precisava para terminar. Peguei o telefone e disse que só estava formalizando o término que ele tão graciosamente divulgou na internet. Ele disse que se arrependeu, mas eu já estava convencida a não o perdoar. Eu estava cansada daquela montanha-russa de emoções.

Seguro sua mão, acariciando a palma, tentando ao mesmo tempo consolá-la e me acalmar. Eu sabia o quanto esse tipo de comportamento poderia marcar uma pessoa para sempre. O assédio moral era tão ou mais perigoso do que uma agressão física. Ele fazia a confiança de uma pessoa se perder completamente.

— Ele voltou a te procurar? — pergunto, me sentindo impotente.

— Duas ou três vezes, mas eu não o atendi. Estava decidida a seguir em frente.

— Sinto muito que você tenha passado por isso, Mari. Eu faria qualquer coisa para que você não ficasse exposta a esse tipo de sofrimento.

— Agora estou bem. Estamos aqui, juntos, nesse jantar romântico — diz ela, sorrindo para mim.

— Você é realmente uma mulher especial, né? — pergunto, orgulhoso por ela parecer tão forte, apesar da experiência ruim. Seu sorriso se amplia e eu levanto da mesa. Dou a mão a ela e a ajudo a se levantar. Nas caixas de som, uma música romântica toca e eu a puxo para dançarmos juntos.

Ela suspira em meus braços, as mãos apoiadas em minhas costas, enquanto dançamos juntos, abraçados. Faço uma promessa silenciosa a mim mesmo de que vou cuidar dela e fazê-la feliz. A playlist continua tocando, enquanto dançamos juntos não sei por quanto tempo. Quando olho ao redor, percebo que a mesa foi tirada e que estamos sozinhos no terraço. Ela levanta o rosto para me encarar, seus olhos buscando os meus. Nada mais tem importância naquele momento, além de nós dois, nada. Dentro de mim, a única coisa de que eu tenho certeza é que eu não quero que aquele momento acabe. Nunca mais.

Ela desperta em mim os melhores sentimentos do mundo. E eu tenho a certeza de que nunca estive mais feliz. Mais querido. Mais amado.

Beijo seus lábios levemente, enrolando minha mão em seus cabelos. Afasto a boca, devagar, e encosto minha testa na sua, ainda abraçando-a no ritmo da música. Sinto seu perfume doce me envolver e tudo que posso desejar, nesse momento, é tê-la por completo. Respiro fundo, dando mais um beijo em seus lábios delicados. Solto seu cabelo e me afasto daquele corpo macio. Ela abre os olhos brilhantes e eu sorrio, estendendo a mão a ela.

— Vem, amor.



ENQUANTO ELA NÃO CHEGAR
Frejat

Mari

Sinto-me tão ou mais nervosa do que no dia em que perdi a virgindade com meu primeiro namorado. Mas, na época, acho que o nervosismo era mais pelo que ia acontecer, pelo novo. Agora, aqui com Cadu, eu me sinto nervosa por uma série de motivos: será que eu corresponderia à sua expectativa? Será que ele ia gostar do meu corpo? Será, será, será?

Passei a noite inteira nessa expectativa, desde o momento em que ele me cercou contra a porta do armário do quarto. Assim que ele entrou no chuveiro, me arrumei depressa e desci. Eu ainda não estava pronta e sabia que ele também não estava ou que não queria mudar seus planos. Fui para a sala de jogos e decidi ouvir música. Não resisti à animação e me permiti dançar para tentar me acalmar. Eu só não esperava ser pega em flagrante por um homem sexy e descalço.

A partir daí, a noite passou num borrão. Se você me perguntar sobre o que conversamos, o que comemos ou bebemos, não vou nem saber o que responder. As únicas coisas que posso dizer é que ele fica lindo de blusa preta; que seu perfume amadeirado é sexy, uma mistura de canela, sândalo, baunilha e lavanda, algo que, à primeira vista, parece improvável, mas que ressalta a masculinidade

e que me faz sentir vontade de cheirar seu corpo inteiro; que aquele jeans o deixa ainda mais gostoso e que eu nunca, nunca mesmo, imaginei que pudesse ter um fetiche por pés descalços.

Quando dei por mim, ele tinha conseguido arrancar aquela história dolorida do passado e, então, já estávamos dançando, abraçados, como se fosse simplesmente a coisa certa. Bem, dentro de mim. Nossos corpos colados, balançando ao som de uma música romântica, embaixo de um céu estrelado, não era só certo; era perfeito.

Então, pouco a pouco, aquela aura de romantismo virou uma energia sensual. A eletricidade entre nós era quase palpável. Ele segurou meu cabelo, na altura da nuca, com firmeza, e me beijou, contrastando a intensidade da pegada com a suavidade do beijo. Senti um arrepio da base da coluna que subiu até a nuca. E então, ele se afastou e estendeu a mão, num convite sensual e ao mesmo tempo carinhoso, com um sorriso no rosto.

— Vem, amor.

E eu fui, sem medo, sem nem pensar, mesmo sem saber o que me esperava. Ele entrelaça os dedos nos meus, minha mão trêmula de ansiedade, com sua mão forte, nos guiando pela escada, em direção ao quarto, que seria nosso, esta noite. Quando chegamos ao final da escada, ele me levanta em seu colo, como se eu não pesasse mais que uma pluma. Eu o encaro, e seus olhos são um reflexo dos meus, repletos de desejo, fome, paixão. E, se ele sentisse o mesmo que eu, de amor. Esse momento era muito mais que uma noite de uma noite de amor. Da consagração de um amor que tomou cada pedaço do meu corpo. Ainda que meu lado racional gritasse insanamente que eu podia levar um grande tombo, do alto de um prédio de 15 andares, o meu lado emocional o empurrou para o lado e mandou calar a boca, tomando conta de todo e qualquer espaço vago que ainda existia em mim. Sim, eu estava apaixonada. Não apenas gostando, nem só atraída. Eu estava irremediavelmente apaixonada por esse homem.

Ele entra no quarto, seus olhos presos nos meus. Devagar, me acomoda bem no meio da cama, sobre seus travesseiros macios. Então, ele fica ali parado, por cima de mim, ajoelhado sobre a cama, apenas me olhando como se eu fosse uma obra-prima, e ele, o artista.

— Você é linda — murmura e, pela primeira vez, eu acredito em suas palavras. Eu realmente me sinto bonita, desejável, até mesmo sensual, nesse momento. Ele se aproxima, seu corpo sobre o meu, até alcançar meus lábios, beijando-me, a princípio, devagar, saboreando meu gosto, explorando vagarosamente a minha boca. Quando suas mãos tocam a lateral do meu corpo, é como se uma descarga elétrica tivesse nos atingido. O beijo se intensifica, como se ele não pudesse ter o suficiente de mim. Suas mãos percorrem meu corpo, deixando uma trilha de arrepios por onde passam. Sinto sua excitação cada vez mais evidente sob a calça jeans e não consigo conter um gemido.

Ele se afasta lentamente, apenas o suficiente para que possa arrancar a camisa preta que molda seu corpo definido. Cadu joga a camisa no chão e, quando seu olhar volta a focar em mim e percebe que estou admirando o contorno dos seus músculos, ele abre aquele sorriso sedutor, emoldurado pelas covinhas que me tiram o ar.

Ainda com *aquele* sorriso no rosto, suas mãos se concentram em meu vestido transpassado azul. Ele desfaz o laço da faixa ao redor da minha cintura, abrindo lentamente o vestido, cuja malha adere ao meu corpo. Ainda mais devagar, ele abre completamente o vestido, mas sem tirá-lo. Ele olha meu corpo de cima a baixo e não posso evitar ficar constrangida. Sinto meu rosto esquentar e fecho os olhos, lutando com a vergonha e a vontade de cobrir meu corpo de seu olhar.

— Mari? — Ele chama e eu abro os olhos novamente. — Abra os olhos. Quero ver você por inteiro.

— Mas... — Eu começo, sem saber como explicar o que estou sentindo.

— Eu quero você. Com seu sorriso bonito e suas curvas gostosas. Olhando para mim e vendo o prazer que você me proporciona. Sem constrangimento. Sem vergonha de quem você é, porque *você* me conquistou. Assim, desse jeitinho que você é. E eu quero te dar prazer. Quero arrancar suspiros e gemidos de você. E quero que você veja exatamente o que provoca em mim — diz ele, olhando em meus olhos, seu corpo sobre o meu. Ele abaixa, sua boca tomando a minha num beijo arrebatador. Sua investida afasta todo e qualquer resquício de constrangimento que havia em mim. Meus braços envolvem seu pescoço, minhas mãos se enrolam em seu cabelo escuro.

Estou completamente perdida em suas carícias, e minhas mãos agarram seus cabelos macios, enquanto me contorço de prazer.

Ele rouba um beijo profundo, enquanto nossos corpos se movem freneticamente, um contra o outro. Ele passa os braços ao redor do meu corpo e me puxa para ele. Seu olhar fica ainda mais escuro. Devagar, ele se afasta e admira meu corpo com um olhar de luxúria.

— Linda. Você é linda, Mari — diz ele, me olhando de cima a baixo. — Estou louco por você.

— Eu também estou louca por você, Cadu — respondo, ansiosa para senti-lo dentro de mim.

Seu olhar desperta um vulcão em meu interior e eu afasto toda e qualquer sombra de vergonha que ainda possa ter. Passando minhas pernas ao redor dos seus quadris, pego impulso e nos viro, colocando-o debaixo do meu corpo.

— Uau. — Ele ri, aquelas covinhas aparecendo. — Eu sabia que tinha uma tigresa aí escondida. — Dou uma risada, me aproximando para roubar um beijo.

Suas mãos exploram meus seios, enquanto nos beijamos, e eu provoco o atrito necessário para que o prazer comece a tomar conta do meu corpo. Ele segura meus quadris com força, intensificando os movimentos, embora a gente ainda esteja com as roupas íntimas.

Nossos gemidos aumentam, até que a primeira onda de prazer me toma, fazendo meu coração disparar. Estou pronta para tomá-lo em meu corpo, quando ele nos vira, ficando novamente por cima.

— Abra os olhos, Mari. Quero ver você sentir prazer. — Ele pede e eu o atendo. As carícias se intensificam, nossos beijos ficam mais urgentes e, quando ele me toca intimamente, eu chego, mais uma vez, ao auge da paixão, gemendo seu nome.

Enquanto me recupero, ele estica o braço para a mesinha de cabeceira e pega o preservativo na gaveta. Abre o pacote e volta a me beijar com intensidade. Sinto sua excitação crescer contra meu corpo e ele se afasta o suficiente para colocar o preservativo.

Ele sabe que estou pronta e investe lentamente contra meu corpo, mais excitado do que nunca agora.

— Mari? — Ele chama, conforme vai entrando em mim. Abro os olhos, sem conseguir falar, atordoada demais com o prazer que ele me proporciona. — Você é linda — repete. — Você me completa. Você me excita — continua ele, intensificando ainda mais os movimentos. — Eu te amo, Mariana. Como nunca amei ninguém. — Ele declara quando estamos caindo na espiral do prazer, suas palavras elevando à centésima potência todos os sentimentos. — Eu te amo, Mari — geme novamente, levando-nos ao auge do prazer. Lágrimas caem dos meus olhos, emocionada com a intensidade do momento. Ele me encara, seu rosto expressivo demonstrando um misto de prazer e amor. Buscando forças dentro de mim, eu respondo à sua declaração.

— Eu também te amo, Cadu. Muito — falo, gemendo, e ele intensifica ainda mais os movimentos e nos leva ao êxtase juntos, enquanto grito seu nome.

Lentamente, voltamos à realidade. Seu corpo está sobre o meu, os dois suados da intensidade do momento. Devagar, ele levanta a cabeça, seus olhos procurando os meus, como que buscando a veracidade daquilo que falei durante nosso ato de amor. Eu sorrio para ele, afastando a sombra em

seu olhar. Ele me beija lentamente e, quando se afasta, a dúvida continua em seu rosto, até que ele pergunta baixinho:

— Tem certeza? — Com essas duas palavras, vejo o homem forte e poderoso que eu conheço tão bem se transformar num garotinho inseguro e meu coração se enche ainda mais de amor.

— Tenho toda certeza do mundo. Eu amo você. — Ele abre um grande sorriso e me puxa para um abraço apertado.

— E eu amo você, linda. — Seu sorriso se amplia, ele beija minha boca e levanta. — Volto já — diz, seguindo para o banheiro.

Poucos minutos depois, ele retorna, já sem o preservativo, e se deita novamente ao meu lado. Cadu me puxa contra o peito, me apoiando em seu corpo e eu consigo ouvir as batidas do seu coração, que está tão acelerado quanto o meu.

— Você não faz ideia do quanto me fez feliz — sussurra ele, beijando o alto da minha cabeça e me apertando. Poucos minutos depois, caímos num sono profundo, aconchegados um ao outro.



SÓ TINHA DE SER COM VOCÊ
Elis Regina

Mari

Acordo assustada. Pisco algumas vezes para me situar, já que aquela, com certeza, não é a minha cama. Tento me mexer, mas um peso na cintura me mantém imóvel. O dia lá fora ainda parece noite, está escuro.

— Muito cedo, linda. Volta a dormir. Seus alarmes só vão tocar daqui a três horas. — Uma voz rouca fala em meu ouvido, me fazendo lembrar da noite anterior, de onde eu estava e com quem. Meu corpo se aquece com a lembrança. Tento me mexer novamente, me sentindo um pouco dolorida da noite passada, até que ele me puxa para ainda mais perto. — Se você continuar se mexendo assim, vou passar as próximas três horas antes do alarme fazendo algo muito diferente de dormir — diz Cadu, rindo.

Me aconchego em seu corpo, desfrutando de um abraço, do calor. A lembrança da noite anterior vem com força total. O dia maravilhoso, a emoção de conhecer o Castelo de Itaipava, o jantar romântico, a noite de amor apaixonada... o exato momento em que ele disse "eu te amo". Eu sabia que tudo estava acontecendo muito rápido. Estávamos juntos há pouco tempo, mas estávamos apaixonados. Completa e perdidamente. Eu conseguia ver a verdade dos sentimentos dele, que eram um reflexo dos meus. Com esse pensamento em mente, fecho os olhos, me deixo relaxar no calor do

seu corpo e adormeço com um sorriso nos lábios.

* * *

Cadu

Eram quase oito horas, quando sou acordado pelos raios de sol que atravessavam a cortina do quarto. Abro os olhos e a primeira imagem que vejo é a dela, deitada na minha cama, aconchegada em meu peito, o rosto suave parecendo estar num sonho bom, com um leve sorriso no rosto.

Fico alguns minutos parado, só olhando para ela, pensando no que ela representa para mim, em tão pouco tempo. Ela é linda e delicada, tem um sorriso bonito. Eu já estive com muitas mulheres, afinal, aos 26 anos, e trabalhando com modelos, era natural que eu tivesse saído com algumas delas. Tudo bem, com várias delas. Mas, apesar de essas mulheres serem "o ideal de beleza", para mim, eram insignificantes. A maioria estava apenas preocupada com a dieta, os presentes que eu daria e se sairiam bonitas o suficiente nas fotos. Já Mari era diferente... era real.

Eu não me cansava de observar as diferenças entre ela e as outras mulheres que passaram na minha vida. E ontem, quando estávamos fazendo amor, declarar a ela meus sentimentos me pareceu a coisa certa a se fazer. Eu não conseguia sequer imaginar esconder dela o que eu estava sentindo. Não depois de tudo que ela me contou no jantar, sobre o que o idiota do ex fez a ela.

Pensar no idiota me fazia sentir vontade de compensá-la, de alguma forma, pelas coisas que ela passou. E eu não conhecia uma forma melhor de compensá-la por tudo, além de mostrar o quanto ela era desejável, linda e apaixonante. Afasto seu cabelo do pescoço e começo a espalhar beijos por toda sua extensão até chegar à sua orelha. Ela ainda dorme, mas eu consigo ver a reação de seu corpo, se arrepiando a cada beijo.

— Acorda, Bela Adormecida — falo baixinho em sua orelha e, preguiçosamente, ela abre os olhos.

— Oh... bom dia. — Ela sorri e eu retribuo o sorriso, sentindo meu corpo reagir violentamente ao seu olhar amoroso.

— Bom dia, linda — respondo puxando-a para cima de mim e apertando-a em meus braços. — Que jeito bom de acordar, com você nos meus braços. — Ela sorri e eu rolo com ela na cama, ficando por cima. Me aproximo para beijá-la e ela me interrompe.

— Eu nem escovei os dentes ainda — observa ela, corada, e eu capturo seus lábios nos meus.

Trocamos um beijo apaixonado e, quando nossas bocas se afastam, eu olho em seus olhos e digo, simplesmente:

— Não me importo. — Ela sorri e eu volto a beijá-la, aprofundando as carícias. Eu nunca teria o suficiente dela. Nunca.

* * *

Mari

O domingo foi muito especial. Ser acordada com tanto carinho por ele me deu a segurança que eu precisava para enfrentar o dia seguinte. Não tinha sido um sonho. Eu não imaginei tudo o que aconteceu no dia anterior. Ele era meu, de verdade, assim como eu era dele. E ele fez questão de demonstrar isso desde o momento em que abrimos os olhos. Depois da manhã romântica e preguiçosa na cama, fomos de carro até Petrópolis, passeamos pelo Palácio de Cristal e pelos jardins do Museu Imperial, parando para um almoço delicioso e divertido, no qual passamos muito tempo rindo e conversando.

Então, chegou a hora de ir embora. Voltamos para o Rio ouvindo música e cantando juntos, falando besteira e rindo. Rindo muito. Eu não me lembro de alguma vez ter me sentido tão feliz quanto nesse momento, ao lado dele. Ele me faz completamente feliz.

Cadu me levou até em casa, subiu comigo para me ajudar a levar minha bagagem e, na hora de ir embora, um ar de melancolia nos tomou.

— Obrigada pelo fim de semana — falo, sorrindo, tentando afastar a tristeza.

— Eu que agradeço por você ter ido. — Ele me puxa para um beijo suave. — Foi muito bom.

— Foi sim — respondo, o coração doendo por saber que ele ia embora.

— Bom, vou para casa. Tomar um banho e descansar. Amanhã começa tudo de novo — diz ele, sorrindo e eu aceno com a cabeça.

Cadu enlaça minha cintura com o braço, puxando meu corpo para junto do seu, e me beija apaixonadamente. Devagar, nossos lábios se afastam e ele encosta a testa na minha.

— Eu falei sério, viu? — Ele me encara, sério. — Estou apaixonado por você, Mari. Muito. Muito mesmo. — Ele reforça e nós dois rimos.

— E eu por você. — Ele me rouba mais um beijo e então se afasta.
— Bom, vou embora antes que desista de ir para casa. Mais tarde eu te ligo, tá?
— Vai com cuidado.
— Pode deixar — responde ele, sorrindo, e vai embora, levando meu coração com ele.

* * *

Cadu

Fecho a porta do apartamento dela e desço as escadas. Meu coração está acelerado, como se eu tivesse corrido uma maratona. Chego na portaria, me despeço do porteiro e entro no carro, parado na frente do prédio. Assim que fecho a porta, o perfume dela me envolve e eu sorrio, sentindo sua doce presença. Dou a partida e sigo pelas ruas do bairro, em direção à principal, que me levaria até em casa.

Poucos minutos depois, ligo o som e a playlist romântica do fim de semana volta a tocar. Enquanto ouço a música, um filme do fim de semana passa em minha mente.

Imagens de nós dois juntos, os passeios, sua expressão emocionada ao ver os livros no castelo, seus olhos brilhando no jantar. E a noite de amor mais perfeita que eu já tive na vida. Fui rememorando cada beijo, cada toque, cada gemido. O momento que dissemos "eu te amo". Olho ao redor e vejo que estou no meio do caminho que me levaria de volta à zona sul da cidade.

Uma angústia toma conta do meu peito e fico pensando por que eu estava indo para casa se tudo o que queria era ficar com ela. Sim! Eu queria ficar colado nela o máximo que pudesse. Sentir seus beijos, seu corpo contra o meu, ouvir sua risada e vê-la adormecer novamente. Decidido, ligo o alerta e faço o retorno mais próximo, em direção à casa dela. Sorrindo, chego à conclusão de que essa foi a minha melhor ideia de todos os tempos!

* * *

Mari

Quando ele foi embora, fiquei uns cinco minutos parada, sentada no sofá, rememorando todo o fim de semana. Eu estava com o olhar perdido e um sorriso bobo, quando um som de mensagem no celular me tira do transe.

Lalá: Amigaaaaaaaa! Já chegou? Quero saber de tudo!!! Estou morrendo de saudades de você! Bjkas

Mari: Oiee!!! Cheguei há pouco. <3

Lalá: Como vc só me manda um <3?? Quero saber todos os detalhes. Inclusive os picantes! Uhuhuhuhu

Mari: Ainda estou atordoada. O fds foi perfeito. Não queria mais voltar. Só ficar com ele. Para todo o sempre <3 <3 <3

Lalá: :O CHOCADA!!!

Mari: Kkkkkkk Preciso tomar um banho. Prometo que conto tudo dps, ok? Como foi o casamento?

Lalá: Foi bom. Mas achei ele estranho. Acho q a gente não vai mais ficar junto não. :(
Mari: Poxa! :/

Lalá: Já te falei. Meu cupido tá de férias, amiga. Mas não se preocupa. Eu tô bem :) Vai tomar banho que está fedendo aqui. LOL

Mari: Palhaça!!! Kkkkkkk Amo vc ♥

Lalá: Eu tb! ♥♥♥

Coloco o celular sobre a mesa e vou para o quarto. Tiro a calça jeans e a camiseta branca que eu vestia, levo até o cesto de roupa suja, que fica na área de serviço, e sigo de lingerie para o banheiro. Pego uma toalha de banho limpa, tiro a roupa íntima e prendo o cabelo num coque bagunçado. Estava prestes a abrir o chuveiro, quando a campainha toca. Três ou quatro vezes, como se o mundo estivesse acabando. Lalá.

— Garotaaaa — grito, me enrolando na toalha enquanto vou até a porta para abri-la. — Sua noção de tempo anda terrível. Eu te falei que eu ia... — Abro a porta e para minha surpresa não era ela. — Tomar banho... — emendo baixinho, atônita.

— Posso dividir o chuveiro com você? — pergunta Cadu, os olhos brilhando quando me vê enrolada na toalha, um sorriso enorme ostentando duas covinhas irresistíveis.

— Oh... oi — balbucio, ainda atordoada. — Achei que você tinha ido para casa. — O sorriso dele aumenta, se é que isso era possível. Conforme fala, ele vai se aproximando mais de mim, me prendendo contra a parede do hall de entrada e batendo a porta atrás dele.

— Eu fui. No meio do caminho, mudei de ideia.

— Sério? — pergunto, chocada.

— Muito sério. Eu não estou pronto para ir, Mari. — Ele dá um selinho em meus lábios, seus olhos nos meus olhos e na minha boca. — Eu não estou pronto para deixar você sozinha. Quero ficar com você o máximo que puder. Posso? — pergunta ele, beijando meus lábios novamente, passando os braços ao redor do meu corpo, me fazendo suspirar. — Posso, linda? — Ele insiste e eu sorrio, concordando.

— Claro que pode. — Busco forças dentro de mim para responder e seu sorriso se amplia.

— Vem, vamos tomar aquele banho. — Ele me abraça, mordendo meu ombro e me leva em direção ao banheiro. Solto um gemido baixo e ele sorri, com olhos brilhando de desejo. — Depois do banho, vou mostrar a você o quanto estou apaixonado. — Ele segue, com o sorriso aberto e tudo que eu consigo pensar é lamber aquelas covinhas e aproveitar o presente que era a sua presença na minha casa.



NO SEU LUGAR
Kid Abelha

Cadu

Triiimmmmm! Triimmmmm!

— Jesus! Que barulho é esse, a essa hora da madrugada? — Dou um pulo da cama, ao ser acordado por um irritante alarme que não para de tocar. Eu costumava acordar cedo, mas não tão cedo e não com um despertador tão insistente. Olho para a cama e Mari está sentada, rindo, enquanto mexe no celular para travar o alarme. Ela está com o cabelo bagunçado e o rosto sonolento, mas é a imagem mais perfeita que eu poderia ter pela manhã.

Eu estava muito cansado, mas sabia que era por um bom motivo. Depois do meu retorno à casa dela, tomamos banho juntos e passamos o resto da noite enroscados na cama, fazendo amor até pegarmos no sono. Fazia muito tempo que eu não me sentia tão leve quanto agora.

— É o meu alarme número três. Viu como é importante ter vários alarmes programados? Não acordamos nos dois primeiros — diz ela, rindo, enquanto levanta da cama e para ao meu lado. Eu a abraço apertado e a beijo.

— Bom dia, linda.

— Bom dia. — Ela sorri, passando a mão em meu cabelo. — Vai tomar seu banho, enquanto eu arrumo a cama. Você ainda vai precisar passar em casa para trocar de roupa.

— Vem comigo?

— De jeito nenhum. — O som da sua risada me arrepia. — Nós dois precisamos ir trabalhar e meu chefe é muito exigente. — Faço uma careta, e ela ri ainda mais. Eu não consigo ficar sério muito tempo. Sigo em direção ao banheiro, e, enquanto estou sob o chuveiro, penso em meus planos para o dia e faço uma nota mental de mandá-la arrumar a mala. Hoje ela dormiria na minha casa. Pois é, mais uma vez eu não estava pronto para ficar longe dela.

* * *

Mari

Três semanas depois do nosso fim de semana juntos na serra, já tínhamos uma rotina bem organizada. Durante o dia, no trabalho, mantínhamos a discrição para que ninguém soubesse que estávamos juntos. Eu achava mais fácil, para não piorar o relacionamento com meus colegas de trabalho. Não que eu tenha contado ao Cadu a forma como as pessoas me tratavam. Eu não queria que ele me desse privilégios só porque éramos namorados.

Agora, as noites... ah... as noites eram o melhor momento do nosso dia. Passamos todas as noites juntos, alternando entre nossos apartamentos. Tínhamos aquela rotina de casal em lua de mel, como diz a Lalá. Fazíamos as coisas em casa juntos, depois íamos assistir aos seriados que gostávamos na Netflix ou dançar juntinhos ouvindo música. E então, íamos para a cama, onde passávamos boa parte da noite nos amando até cair no sono, exaustos e saciados.

No fim de semana passado, mais precisamente no domingo, foi o almoço na casa dos meus pais e fiquei sem saber o que fazer. Achava cedo para convidá-lo para ir almoçar na casa da família Costa, pensando que ele podia se assustar. A maioria dos caras se apavorava com a perspectiva de conhecer a família da namorada. Mas eu devia saber que ele não é igual aos outros caras. Ele é o meu Cadu, um cara único, que procura levar em conta as suas vontades e aquilo que lhe traz felicidade. Quantas vezes, no meio da madrugada, estávamos sem sono e íamos dar uma volta no calçadão, ver o mar e ficar abraçados sentindo a brisa da praia?

Quando comentei que domingo teria que ir à casa dos meus pais, ele automaticamente perguntou:

— Que horas precisamos chegar? Temos que levar alguma coisa? — Fiquei parada, olhando para ele, provavelmente de boca aberta, até que ele fez uma expressão confusa. — O que foi? Você

não quer que eu vá?

— Não, não é isso — falei rapidamente. — Só fiquei surpresa de você já querer conhecer a minha família — expliquei, me sentindo estranha.

— Linda, eu não quero ficar longe de você. — Ele estendeu a mão para mim e entrelaçamos os dedos. — Se você vai para a casa da sua família, é lá que eu quero estar. — Ele abriu aquele sorriso de covinhas e me puxou contra seu peito. — A não ser que você não queira.

— Está preparado para a inquisição? — perguntei, rindo.

— Claro. Vou com minha armadura. Estarei preparado — respondeu ele e eu ri da brincadeira.

— Nerd — impliquei, e ele achou graça.

— Linda. — Ele me beijou.

O domingo na casa dos meus pais foi muito divertido. Encontramos a Lalá quando estávamos chegando e a mistura de cheiros, as vozes animadas e Diogo Nogueira tocando ao fundo trouxe aquele conforto que só a casa dos nossos pais consegue dar. Apesar da minha preocupação inicial, o dia poderia ser considerado um sucesso. Cadu foi Cadu: simpático, doce, divertido. Jogou com os meninos da vila no Xbox, conversou com a minha mãe e a minha tia, assistiu ao futebol com meu pai na TV.

Na hora de irmos embora, minha mãe me levou até a cozinha e, com um enorme sorriso, disse que tinha adorado o Cadu e que parecíamos estar muito felizes. Eu contei a ela o quanto estava feliz e apaixonada e minha mãe me abraçou e desejou felicidade a nós dois. No carro, ele agradeceu por eu tê-lo levado junto para um dia muito divertido.

Até chegarmos no ponto que estamos hoje. Sábado à noite, temos um jantar, nosso primeiro evento social, tirando a ida a casa dos meus pais, como um casal. Ele ia me levar para jantar na casa dos pais, na Barra da Tijuca. Eu queria ter a tranquilidade e a confiança que ele sempre tinha, mas tudo que eu conseguia era tremer igual vara verde, sem saber o que vestir e com um enorme nó de marinheiro no estômago.

Eu estava sentada na beira da cama, olhando para o guarda-roupa, vestindo apenas a lingerie.

— Você ainda não se arrumou? Vamos chegar atrasados, linda. — Cadu entra no quarto e me faz dar um pulo, com o susto.

— Não — falo com a mão sobre o peito. — Que susto. — Eu sorrio e ele retribui. — Amor, acho que não vou. Vai você. Numa outra vez eu vou, tá? — Pronto. É isso. Vou vestir meu pijama e ficar em casa assistindo a maratona de *Supernatural*. Jensen e Jared me fariam companhia. Ele atravessa o quarto e segura minhas mãos.

— Mari, se veste. Eu vou estar lá com você, amor. Vai dar tudo certo. Minha família já gosta de você. Eles só vão te conhecer melhor.

— Eu nem sei o que vestir. Ai, meu Deus. E se eu não souber o que dizer? E se eu derrubar algo em cima de mim? Pior, e se eu derrubar vinho em alguém? Não, acho melhor ficar em casa. É mais seguro. — O som da sua risada rouca me desperta do transe enlouquecido, e ele me puxa para seu abraço quente.

— Calma. Vai dar tudo certo, linda. Você sabe conversar muito bem com as pessoas, é inteligente e simpática. Nada vai cair da sua mão, nem mesmo o vinho. E se cair, não tem problema. Será um acidente e acidentes acontecem. E quanto ao que você vai vestir... bem, espera um pouquinho aqui. Eu não ia te dar isso hoje, mas levando em conta o seu nervosismo, acho que é um bom momento para mimar você — diz ele. Então beija a minha testa e sai do quarto.

Poucos minutos depois, ele entra trazendo uma grande caixa branca com uma fita vermelha.

Ele estende a caixa e eu a seguro, curiosa.

— Abre! — pede animado e eu começo a puxar as pontas do laço de cetim. Abro a caixa e, enrolado num papel de seda vermelho, está a renda mais bonita que já vi. Tiro o tecido de dentro da caixa e vejo um lindo vestido, de mangas ¾ transparentes. Com um decote pronunciado, o vestido é todo forrado e justo no corpo, batendo um pouco abaixo dos meus joelhos. É sexy, elegante e muito parecido com o estilo de roupa que eu costumo usar. Nas costas, na parte de dentro, *Angèle's* estava bordado na etiqueta.

— Cadu, esse é...

— O primeiro vestido da nossa coleção! — diz ele animado. — Anda, vai se vestir. Agora você já tem uma roupa perfeita para o jantar.

— Mas não posso aceitar, Cadu. É da *Angèle's* — falo e ele me olha confuso.

— Qual é o problema? Você sabe que estamos com eles nesse projeto.

— É muito caro — falo baixinho. — É um vestido muito caro. Não posso aceitar. — Balanço a cabeça, negando e dobrando o vestido novamente para colocar na caixa.

— Mari, *você* foi a minha inspiração para esse projeto. Foi por sua causa que esse vestido foi criado. É um presente e faço questão que você use. Vai me fazer sentir especial e orgulhoso ver a mulher que eu amo usando algo que foi feito pensando nela. — Sinto tanta verdade em suas palavras que não tenho como recusar. Eu não queria ser uma dessas namoradas de cara rico, que fica esperando presentes caros.

— Tudo bem. — Eu sorrio e ele respira aliviado. — Vou me vestir. É lindo demais, Cadu. Obrigada — falo, sem graça. Ele me beija de leve nos lábios e se afasta para deixar eu me arrumar.

Visto aquela roupa linda, que abraça meu corpo como uma segunda pele. O vestido preto molda minhas curvas e seu decote generoso valoriza o meu colo. Calço um scarpin preto que eu havia deixado no closet dele para emergências e uma pequena bolsa completa a produção. Sim, já estávamos nesse nível, de roupas no armário um do outro. Paro em frente ao espelho, satisfeita com a minha aparência, e começo a arrumar o cabelo. Opto por fazer cachos largos, prendendo uma das laterais. Em seguida, faço a maquiagem, destacando um pouco mais os olhos e deixando a boca clarinha. Para finalizar, borrifo um pouco de perfume e coloco um brinco comprido e simples de ouro.

Fico de pé e me olho no espelho. Não consigo segurar o sorriso ao ver meu reflexo.

— Uau. Você está maravilhosa. — Eu viro e encaro a versão executiva do meu namorado. Terno cinza, camisa rosa clarinha, sem gravata. — Você está ainda mais linda, amor. — Eu me aproximo sorrindo e dou um beijo leve em seus lábios.

— Não estamos arrumados demais para um jantar na casa dos seus pais? — Estávamos tão bonitos que parecíamos prontos para uma festa.

— Não. Eles fazem esses jantares de vez em quando. Meu irmão vai com a esposa e provavelmente alguns parceiros de negócios do meu pai. Você está perfeita. — Respiro fundo, buscando coragem dentro de mim, e sorrio.

— Então, vamos? — Ele concorda, segura minha mão e a beija. Eu sorrio feliz com seu carinho e ele entrelaça o braço no meu, nos conduzindo à saída do apartamento.

* * *

O jantar foi, no mínimo, estranho. Dizer que eu estava me sentindo um peixe fora d'água era redundante. A casa dos pais dele, num condomínio de luxo na Barra da Tijuca, era algo fora da minha realidade. Fui muito bem recebida pela mãe, que me tratou com simpatia. O pai dele, que eu já conhecia do escritório, era um conhecido empresário do ramo editorial, mas uma pessoa muito simples na intimidade.

O que me deixou incomodada foi a forma como Zeca e Lucinha, o irmão e a cunhada de Cadu, me trataram. Tirando a surpresa inicial, eles foram educados e não faltaram com o respeito comigo em momento algum. Mas o olhar dos dois era estranho. Principalmente, o dele. Era como se tivesse uma desconfiança ali presente. Eu não sabia explicar, mas sentia que eles não estavam satisfeitos com a minha presença ali.

Algumas horas depois, fomos para casa. Cadu estava sério e me deixou preocupada.

— Amor, está tudo bem? — pergunto, fazendo carinho em seu braço. Ele me olha e abre aquele sorriso que eu amava tanto.

— Está sim, linda.

— Você parece aborrecido.

— Não, estou um pouco cansado. É que o Zeca é muito chato com certas coisas. Em vez de se preocupar com a vida dele, fica querendo se meter na minha. — Ele faz uma careta e eu fico sem saber o que dizer. — Mas está tudo bem, linda. Você gostou do jantar?

— Foi bom. Sua mãe é muito simpática. E seu pai também conversou bastante comigo, enquanto você e seu irmão estavam no escritório dele.

— Pena que eles não levaram as crianças. Os meninos são ótimos, você ia adorar conhecê-los. — Sorrio, lembrando dos meus priminhos.

— Quem sabe numa próxima vez?

— Teremos muitas outras oportunidades, amor — diz ele, voltando a se concentrar na direção.

Eu esperava que realmente tivéssemos muitas e muitas oportunidades e que a sensação estranha que tive com Zeca e Lucinha fosse apenas isso. Uma sensação.

* * *

Cadu

Chegamos em casa, após o jantar e, depois de tirarmos a roupa e irmos para cama, Mari adormeceu em meus braços. Eu sabia que ela estava cansada, que tinha sido um dia difícil para ela, bem como o final da noite foi para mim.

A cada dia eu estava mais apaixonado e dar-lhe aquele vestido era muito importante para mim. Ela tinha me inspirado a criar o projeto e meu pai, praticamente um mago do mercado editorial, concordava comigo que aquela campanha levaria a revista a um patamar infinitamente superior ao da concorrência. A parceria com a *Angèle's* daria a credibilidade necessária para lançarmos uma tendência.

A noite havia corrido bem, meus pais a receberam afavelmente e minha mãe me chamou de lado para dizer que estava encantada com a delicadeza e vivacidade da Mari. Não pude deixar de me sentir orgulhoso por estar em sua companhia e demonstrar a todos que estávamos realmente apaixonados.

Quase no fim da noite, Zeca me chamou no escritório e tivemos uma séria discussão sobre meu relacionamento. Ele não sabia que Mari e eu estávamos juntos e enlouqueceu. Enfurecido, disse que eu seria traído pela minha secretária, que agora que tinha acesso irrestrito a mim, teria todas as oportunidades de se aproveitar da minha fraqueza. Ele disse que eu estava louco, que, se eu queria *comer* a secretária, deveria fazer como ele e manter isso longe de casa.

Fiquei fora de mim. Se envolver na minha vida já era ruim o bastante, mas sugerir que eu a tratasse como um segredo sujo era ainda pior. E saber que ele traía a esposa era algo que fazia meu estômago revirar e ali, naquele momento, boa parte do respeito que eu tinha por ele se foi.

Percebi que Lucinha também não tratou Mari com simpatia e isso me deixou aborrecido, mas, no final das contas, senti pena por eles estarem numa relação falida, se enganando.

Olho para a mulher deitada em meus braços, ressonando, sorrio e penso que eu tinha sorte por ter uma vida boa e ter encontrado o amor. Amor de verdade.



SIMPLESMENTE
Bebel Gilberto

Mari

Sabe aquele momento da vida em que algo acontece, que você não sabe como ou por que, mas que tem o poder de mudar toda a sua vida num piscar de olhos? Pois é, geralmente começa com aquela sensação estranha, quase como se o nosso sexto sentido apertasse um botão de alerta, avisando que, a qualquer momento, tudo pode ruir.

Eu vinha me sentindo assim há alguns dias. Meu romance de novela já durava semanas e nós estávamos muito apaixonados. Mas, de uns dias para cá, eu estava um pouco angustiada, sem saber por quê. Cadu notou que eu não estava muito bem e prometeu que no fim de semana nós iríamos para Itaipava, recarregar as energias.

O projeto da coleção estava a pleno vapor, apesar de ainda ser um segredo para a equipe. Nesta terça, ele teria várias reuniões importantes marcadas há semanas, e a presença do irmão dele me surpreendeu, já que não tinha nada agendado.

Zeca entrou e, ao me ver, fez uma expressão de desagrado. Soltou um grunhido quase que para si mesmo e saiu andando em direção ao escritório do Cadu.

— Zeca, me desculpe, mas o Carlos Eduardo está em uma confer... — Nem consegui concluir a frase quando ele se virou na minha direção e me olhou com cara de nojo.

— Você não se enxerga não, garota? Não sou nada seu para você me chamar assim. — Ele rosna e é como se eu tivesse levado um tapa na cara. — Só porque o idiota do meu irmão está te comendo, isso não te dá o direito de se dirigir a mim com intimidade.

Abro e fecho a boca algumas vezes, chocada com sua agressividade, sem saber o que fazer. Nunca ninguém falou assim comigo.

— Olha, me desculpe, mas você não pode falar assim comigo — falo baixo, tentando ser educada e não fazer uma cena em pleno escritório, mas sua risada debochada me interrompe.

— Eu posso falar o que eu quiser, garota. Se enxerga, suburbana gorda — retruca ele, se dirigindo à sala e batendo a porta ao passar.

Sinto como se eu fosse desmaiar, sem ar, tonta e com as pernas trêmulas. Volto a me sentar e sinto as lágrimas caírem dos meus olhos sem que eu consiga contê-las. Eu nunca tinha sido agredida dessa forma e o que mais doía era que o cara era irmão do homem que eu amava.

O telefone toca, mas não estou em condições de atender. Tiro o aparelho do gancho, desligando a chamada e o mantenho fora da base. Sigo até o banheiro, para tentar me acalmar, mas, ao chegar lá e ver a minha expressão assustada no espelho, eu choro ainda mais com a humilhação.

Eu nem sabia o que fazer. Como eu ia contar as coisas cruéis que o irmão falou para mim? E se ele não acreditasse? Afinal, eles são irmãos e amigos, e nós estávamos juntos há tão pouco tempo...

A dúvida, acompanhada do medo e do susto, tomam conta de mim, enquanto suas palavras duras ressoam em minha mente.

Faço o meu melhor para tentar me acalmar, afinal, estou no trabalho, ainda que o chefe seja meu namorado. Ou *o cara que me come*. *Argh*. Relembro dos exercícios relaxantes do vídeo e começo a inspirar e expirar, buscando me acalmar. Me sinto tão constrangida que não consigo sequer pensar em contar isso para alguém. Nem mesmo para a Lalá. Eu morreria de vergonha.

Quase meia hora depois, consigo me reequilibrar. Depois de dar um jeito na maquiagem, volto para a minha sala e percebo que Cadu está com alguém, já que as vozes altas chegam até os meus ouvidos, apesar de não conseguir identificar o que dizem. Tentando afastar aquela situação da minha cabeça, começo a ler os e-mails, até que a porta se abre e o arrogante do irmão dele sai do escritório, batendo-a novamente. Ele olha em minha direção, com a mesma expressão de nojo, e vai embora. Seu olhar demonstra toda a repulsa por mim e fico me perguntando o porquê de toda essa agressividade, se nunca fiz nada contra ele.

Respiro fundo, bebendo um pouco de água, para tentar me acalmar novamente. Eu não podia desabar ali.

* * *

Cadu

Eu estava irado com Zeca. Como ele se atrevia a entrar na minha sala e falar da Mari naquele tom maldoso? Eu estava no meio de uma importante conferência com o escritório de São Paulo, quando ele irrompeu pela porta. Achei estranho que a Mari não tivesse impedido sua entrada, sabendo que eu estava em reunião.

Interrompi a chamada ao perceber sua cara de poucos amigos. Quando informei que eu estava em reunião, Zeca, simplesmente, enlouqueceu. Disse que eu era um idiota, que ia acabar perdendo tudo o que construí por causa de um par de pernas que nem gostosas eram, e voltou a insistir que eu deveria apenas "*comê-la*" e não tratar uma incompetente como minha namoradinha. Quando estava quase saindo, voltou-se para mim e disse que ela era sonsa e que estava na cara que estava armando alguma, que devia estar escondendo algo de mim e que ela não era o anjinho que eu imaginava.

Ele saiu batendo a porta e eu agradeci silenciosamente pelo fato de a sala ser à prova de som. Seria extremamente constrangedor que a Mari tivesse escutado aquelas palavras grosseiras. Ainda um pouco fora de mim e lembrando que ela o havia deixado entrar sem minha autorização, levantei e abri a porta da sala. Ela estava sentada, com os olhos nublados, e parecia um tanto atordoada.

— Está tudo bem, Mariana? — pergunto sério, e ela me olha assustada, como se escondesse algo de mim. Lá no fundo, uma pontada de desconfiança aparece, estimulada pelos comentários maldosos do meu irmão.

— Está sim. Sinto muito por seu irmão ter interrompido sua reunião. Ele já havia passado aqui, há poucos minutos, e eu tinha avisado que ele não poderia entrar, mas ele se aproveitou do momento em que fui ao banheiro para entrar sem ser anunciado — explica ela, e fico me perguntando porque está com aquele ar preocupado no rosto.

— Tudo bem. Estranhei mesmo você tê-lo deixado entrar — retruco, confuso.

— Eu jamais permitiria que qualquer pessoa entrasse na sua sala no meio de uma reunião importante — emenda ela, na defensiva, e eu balanço a cabeça, concordando. — Você ainda vai precisar de mim? — pergunta, de repente.

— Não, acho que não. Por quê?

— Eu estava pensando em sair uns minutos mais cedo. Estou com muita dor de cabeça. Queria ir para casa, deitar um pouco — explica, franzindo a testa, parecendo sentir dor. Imediatamente, a insegurança me abandona, para ser substituída pela preocupação.

— Claro, linda. Você precisa de algo? Vai para minha casa. É mais perto — sugiro e ela balança a cabeça.

— Bom, eu vou, então. — Mari desliga o computador e guarda o celular na bolsa.

— Mais tarde nos vemos.

— Ok — diz e sai rapidamente.

* * *

Mari

Saio do trabalho, resolvo ir para a minha casa. Eu estava muito abalada emocionalmente, precisava do conforto da minha própria cama. Enquanto desço, olho na bolsa para conferir se meu dinheiro de emergência está lá. Eu guardava um dinheiro a mais num fundo falso que eu mesma fazia no forro das minhas bolsas, exatamente para esse tipo de situação, quando precisava pegar um táxi ou algo assim. Ainda bem que estava lá. Chegando ao térreo, saio rapidamente do prédio e, na rua movimentada, faço sinal para um táxi e peço que ele me leve para casa. Como ainda não estava na hora do *rush*, meu percurso de, normalmente, uma hora, leva cerca de trinta minutos, com o trânsito bom. Quase chegando em casa, lembro de mandar uma mensagem para o celular da Laís, preocupada que ela ligue para o escritório por não me ver mais on-line.

Mari: Amiga, estou indo p/ casa. Enxaqueca. Nos falamos depois. Bjs

Lalá: Se aborreceu? Vc só fica assim qdo se aborrece. O que o P.E. fez c vc?

PE era nossa sigla para Príncipe Encantado. Era assim que chamávamos o meu namorado, desde que voltamos da viagem romântica a Itaipava.

Mari: Nada. Eu estou um pouco estressada c/ o trab. Vou ficar bem. Nos falamos, dps, ok? Preciso deitar. Beijos

Nesse momento, o taxista para em frente ao meu prédio. Pago a corrida e subo rapidamente, encontrando forças apenas para tirar a roupa, quando chego em casa, e me enrolar em meu edredom, na escuridão do quarto, enquanto choro até dormir.

* * *

Cadu

Saio do trabalho e vou direto para casa. O resto do dia passou num borrão e, apesar de todo o veneno que meu irmão jogou em cima de mim, eu estava preocupado com a minha garota. Abro a porta do apartamento, completamente no escuro, e sigo em direção ao quarto, para ver como ela está. Para minha surpresa, o apartamento está vazio. Completamente vazio. Caramba! Será que ela foi para casa? Mas nem me avisou? Procuro o celular dentro da pasta e não tem chamadas perdidas nem mensagens de texto. Puxando seu nome da discagem rápida, ligo para seu telefone que chama uma, duas, três, cinco vezes, até cair na caixa postal. Estranho. Mari não é de fazer isso.

E se ela estiver fazendo algo para prejudicar você? O maldito diabinho que meu irmão despertou pergunta e eu tento afastar o pensamento maldoso. *Ela deve ter ido para a casa dela*. Meu lado bom responde, como que tentando me convencer de que está tudo bem. *Você deveria checar.* O pensamento me vem à mente e, antes que eu consiga controlá-lo, saio de casa, pegando a chave da moto, e sigo até a garagem, sentindo que preciso ter certeza de que ela está em casa e que está tudo bem.

Sigo pelo trânsito intenso, em velocidade, passando por entre os carros, mesmo sabendo que estou me arriscando. Eu nem sei o que está acontecendo direito. Não sei o que pensar. Só sei que eu preciso vê-la e olhar em seus olhos para ver a verdade dentro deles. Se ela estiver me enganando, de alguma forma, eu saberei. Embora eu confie nela e não consiga acreditar que ela seja capaz de fazer algo contra mim, Zeca é meu irmão e meu melhor amigo e, como não podia deixar de ser, suas palavras têm peso em minha vida. Ele sempre esteve ao meu lado, me apoiando e me orientando. E a nossa discussão à tarde me deixou sem saber o que pensar.

Em pouco tempo, chego em frente ao prédio e paro a moto, seguindo rapidamente para o apartamento, sem nem dizer boa-noite direito ao porteiro. Abro a porta com a chave que ela me deu e passo pela sala, pisando forte em direção ao seu quarto. O apartamento está todo fechado, às escuras,

e a sensação que tenho é de que não tem ninguém ali. Volto para a sala, e sou interrompido no caminho por um gemido baixo, vindo do quarto.

Volto, então, piscando meus olhos e focando a visão para me acostumar com a escuridão. Olhando na direção da cama, completamente coberta por um edredom preto, está Mari. Deitada, gemendo durante o sono, como se estivesse com dor. Meu coração se parte em mil pedaços por vê-la assim, mas principalmente por ter duvidado de sua sinceridade. Vou até a cozinha, coloco água no fogo para ferver, enquanto procuro a caixa de chás no armário. Eu não sabia se ela já tinha tomado algum remédio, e a bebida quente aliviaria um pouco a dor.

Minha mãe costumava nos empurrar chá garganta abaixo, quando sentíamos qualquer coisa. Fosse uma dor de cabeça ou um coração partido. Ela dizia que confortava a alma. Procuro na caixa os tipos de chá, mas só tem de gengibre com limão. Droga. Chá de gengibre é muito ruim. Mas vai ter que servir.

Acabo de preparar o chá e levo para ela. Acendo a luz do corredor antes de entrar no quarto, para iluminar um pouco o ambiente, sem incomodá-la. Coloco a xícara com o saquinho de chá em cima da mesa de cabeceira e me sento ao lado dela, puxando um pouco o edredom. O que eu vejo parte ainda mais meu coração. Seu rosto, franzido de dor, ainda num sono intranquilo, está úmido e bastante ruborizado, como se ela tivesse chorado até dormir.

Passo a mão em seus cabelos, acariciando-os levemente, enquanto seco seu rosto com a outra mão. Devagar, eu a acordo, chamando seu nome baixinho. Ela abre os olhos, piscando algumas vezes, e franze a testa ao mesmo tempo em que demonstra surpresa em me ver ali.

— Desculpe por te acordar, linda. Mas fiz um chá para você tomar, para melhorar sua dor de cabeça — falo, ainda acariciando seus cabelos escuros.

— Obrigada — murmura ela, passando a língua nos lábios. — Mas eu não gosto de chá. — Ela faz uma careta, como se só o pensamento de tomar chá a desagradasse.

— Eu sei, mas é importante. Toma um pouquinho só. Depois você pode voltar a dormir. Tomou algum remédio? — pergunto preocupado.

— Tomei um analgésico, mas não melhorou — responde ela e o pensamento de que eu faria qualquer coisa para que ela não tivesse que sofrer assim invade a minha mente. Eu a ajudo a sentar e recostar-se nos travesseiros e entrego a xícara quente a ela.

— Cuidado, está quente — alerto e ela acena, concordando. Enquanto fita a xícara com ar de poucos amigos, eu começo a desfazer o nó da gravata e tirar o paletó. Ela dá o primeiro gole e sua careta fica ainda pior.

— Isso é horrível — reclama, e eu não posso deixar de sorrir.

— Sim, eu sei. Mas vai ajudar a melhorar.

— Cruzes. Não quero tomar mais não.

— Bebe mais um pouco, linda. — Sento ao lado dela para dar apoio. — Eu pensei em fazer de erva-doce ou algo mais gostoso. Mas preciso comprar mais chá. A nossa caixa está vazia.

— Nossa não. Sua. A não ser que você deixe eu guardar minhas cápsulas de café expresso dentro dela. — Ela brinca e sorri, dando um gole no chá. Então, a careta reaparece.

— Você pode guardar o que quiser lá, meu anjo. — Eu beijo o topo da sua cabeça e sorrio. — É a *nossa* caixa.

Enquanto ela está bebericando o chá em pequenos goles, levanto e vou até o banheiro tomar um banho rápido. Eu preciso afastar um pouco a tensão sobre meus ombros, para conseguir dar apoio a ela. Depois da chuveirada, visto uma boxer limpa, seco o cabelo com a toalha e volto para o quarto. Ela está segurando a xícara quase vazia, com a cabeça recostada e os olhos fechados.

— Não quero mais não — diz e eu retiro a xícara de suas mãos, colocando em cima da mesa de cabeceira. Vou até o corredor e apago a luz. Volto para o quarto e a ajudo a deitar, me acomodando atrás dela. Coloco o edredom por cima de nós dois e então eu a puxo contra o meu peito, abraçando-a com carinho. Penso no quanto eu a amo e, no mesmo instante, nós dois apagamos.



SÓ VOCÊ
Fábio Jr.

Mari

Depois daquela tarde traumática, as coisas voltaram às boas. Eu não tinha mais encontrado o irmão do Cadu, o que era ótimo, mas também não tive coragem de contar a ele, nem a ninguém, as coisas horríveis que eu tive que ouvir. Estávamos na última semana do projeto da coleção inspirada no glamour da antiga Hollywood e hoje seriam feitas as fotos para a próxima edição, que chegaria às bancas no fim da semana.

Cheguei bem cedo no trabalho. Cadu tinha ido direto para o estúdio acompanhar as fotos, enquanto eu trabalharia daqui, resolvendo tudo.

Eu quase não via ninguém do escritório, já que a nossa rotina andava cada vez mais atribulada. Chegávamos muito cedo, por volta das sete da manhã, e éramos quase sempre os últimos a sair, indo direto para o apartamento do Leblon. Estávamos exaustos, mas ele estava tão feliz com o editorial que prometeu me recompensar quando estivesse tudo pronto, fugindo para nosso refúgio nas montanhas, onde passaríamos o dia inteiro em espreguiçadeiras sentindo o sol aquecer nosso corpo do frio de Itaipava. Mas hoje, meu percurso, geralmente silencioso, foi interrompido pela desagradável Roberta, a assistente pessoal que me odiava por ter "perdido" a vaga para mim.

— Ora, ora, se não é a sem sal madrugando no trabalho! — diz ela, me olhando de cima a baixo.

— Não adianta puxar o saco, pequena Willy — emenda, me deixando de boca aberta. — O gostoso do seu chefe nunca ficaria com alguém como você. — Ela enche a boca para destilar o veneno e está tão errada em seus pensamentos que não posso deixar de soltar uma grande gargalhada. Daquelas de chorar de tanto rir. Roberta fica parada me olhando estupefata, já que não esperava essa reação. Quando consigo recuperar o ar, eu respondo:

— Ah, Roberta. Obrigada pelo elogio. Sim, querida, para mim, é um elogio. Prefiro ser baleia do que sereia como você. Sabe por quê? — Ela balança a cabeça, dizendo que não, ainda assustada demais com a minha risada. — Jogue no Google e veja as diferenças entre as duas. — Eu sigo meu caminho até a minha sala, ainda rindo da infantilidade dela.

* * *

@mari: Acredita que a cabeça de vento me chamou de baleia?

@lalala: Mentira! Vaca! Me conta tuudooo!!! Quero ir aí dar uns tapas nela!

@mari: Me chamou de pequena Willy. Disse que eu nunca conseguiria conquistar o Cadu. Ah, se ela soubesse...

@lalala: hahahahahah tolinha! Mal sabe ela que você é primeira-dama! Kkkkkk E aí?

@mari: Disse q p/ mim era um elogio. Agradeci.

@lalala: Oi??

@mari: Sim. Prefiro ser baleia do que sereia como ela. kkkkkk

@lalala: hauahauhauahuah Ai, Mari! Vc é mtoooo esperta! Kkkkkkkkk

@mari: Qdo eu perguntei se ela sabia pq, ela negou e eu a mandei procurar no google. Kkkkkkkkkkkkkk

@lalala: ahuahauhahuahuaha. Amo esse texto! Amo! Kkkkkkkkkk

@mari: Vou voltar a trabalhar, gata garota! Não sou rica p ficar aqui de papo :P

@lalala: uiuiui :P

* * *

Saio do escritório quase dez da noite. Eu estava exausta, meu cabelo preso num nó bagunçado. A camisa branca que eu vestia com a calça escura já estava bastante amassada. Queria um banho e cama. E, claro, a companhia do meu namorado, que eu sabia que também estava quebrado.

Pego minha bolsa e alguns documentos que ele me pediu para levar para casa e apago as luzes da sala, tirando a chave da minha bolsa para trancar a porta do escritório. O andar está quase completamente às escuras, apenas as luzes de emergência ligadas. Estou prestes a trancar a porta, quando uma voz quase me mata de susto.

— Ah, Mari, Mariana... — Miguel fala baixo, perto de mim, e eu estremeço.

— Ai, meu Deus! Você quase me mata do coração! — exclamo ao mesmo tempo coloco a mão no peito, segurando a minha bolsa e os documentos com a outra.

— Desculpa, boneca, não foi a minha intenção — diz ele, se aproximando de mim. Vou chegando para trás, enquanto ele avança devagar e, antes que eu perceba, ele me coloca contra a parede. Seu braço está apoiado na porta, na altura do meu rosto e eu começo a me sentir claustrofóbica com essa proximidade exagerada.

— Miguel, por favor, eu quero passar — digo, empurrando-o um pouco. — Preciso ir para minha casa.

Nesse momento, me dou conta de que provavelmente estou sozinha com ele e que mesmo que eu gritasse, ninguém viria me ajudar. Ele sorri e eu estremeço de medo.

— Calma, aí, boneca. Podíamos sair para jantar. O que você acha?

— Não, obrigada. Eu realmente preciso ir para casa.

— Ah, Mari, Mariana... você torna as coisas tão difíceis para mim. Eu até queria te proteger... Mas você não permite, boneca. — Ele faz comentários sem sentido, os olhos parecendo um pouco vidrados. Aproveito sua distração e o empurro com mais força, conseguindo passar por debaixo do braço.

— Bom, obrigada pelo convite. Boa noite — retruco e saio quase correndo do escritório, tendo o cuidado de ligar para Cadu e deixá-lo saber que estou saindo. — Oi, querido. Estou saindo daqui, tá? Claro, pode deixar. Beijos. Eu também. — Desligo, depois de retribuir sua declaração de amor e entro às pressas no elevador, antes que Miguel me siga e me coloque em problemas.

Lá em baixo, o porteiro da noite chama um táxi para mim e eu sigo em direção ao Leblon. Para os braços do homem que eu amo.

* * *

Cadu

Eu estava ansioso para a chegada dela. Finalmente, tínhamos acabado o trabalho da nova coleção da *Angèle's* em parceria com a *Be*, inspirado nas Divas de Hollywood. Na verdade, a minha inspiração era uma garota doce, com expressivos olhos castanhos e um corpo macio e sedutor. Tínhamos feito as últimas fotos e, depois de o fotógrafo as enviar para mim e para Mari, corri para casa com seus presentes, ansioso como um garoto numa noite de Natal.

Após sua ligação, avisando que estava saindo, ligo o som e deixo um CD antigo do Leoni tocando. Ela entra em casa, com aparência cansada, mas ainda linda, e me deixa sem ar.

— Oi — diz ela simplesmente e sorri.

— Oi, linda. — Abro os braços para recebê-la no meu abraço. Ela se atira contra mim, seu perfume nubla meus sentidos e me faz desejar levá-la para cama de uma vez. Um suspiro profundo chama a minha atenção. — O que houve? Está tudo bem?

— Sim... — murmura ela, ainda apoiada contra meu peito. — Só cansada. — Eu beijo o topo da sua cabeça e me afasto um pouco.

— Vem. Vamos tomar um banho.

— Banho? — Ela me olha e sorri. — Juntos? — Meu sorriso se amplia, assim como o dela, e eu não consigo resistir ao desejo.

— Isso mesmo, linda. Juntos.

* * *

Passamos um bom tempo na banheira cheia de espuma. Ela encostada em meu peito, enquanto conversávamos sobre o dia. Eu a senti um pouco tensa e preocupada, mas ela disse que era apenas cansaço. Depois de uma massagem em seus ombros, nossos toques ficaram cada vez mais sensuais até não resistirmos e nos entregamos à paixão. Quando a água já estava quase fria, nos enrolamos em toalhas felpudas e vamos para o quarto.

— Eu tenho uma coisa para você.

— Para mim? Mas não é meu aniversário — responde ela e eu sorrio.

— Primeiro, abra este. — Entrego a grande caixa branca para ela. Ela desfaz o laço e, quando abre, o meu sorriso é ainda maior. — Esse vestido é seu. É um dos principais da coleção e ganhou seu nome. Em francês — falo rindo e indico a etiqueta bordada dentro do vestido "*Le Marianne*". Seus olhos se arregalam e o brilho inconfundível de lágrimas surge quando noto a homenagem.

— Nossa, Cadu! Ele é lindo demais... — diz ela, levantando o vestido para ver melhor. É um longo, amplo, mas não muito, com um profundo decote transpassado, em estilo frente única. O vestido tinha um tom vinho que realçava sua pele clara e seus olhos e cabelos escuros e uma faixa preta, pouco acima da cintura, com uma pedra bordada. As alças, pretas como a faixa, valorizavam ainda mais o corte bonito. — Eu nem tenho onde usar isso, amor. É... é demais.

— Você vai usá-lo na festa de lançamento da próxima edição. Esse é exclusivo. É só seu, linda. E você vai à festa comigo.

— Oh... — Ela me olha, ainda assustada e eu me sinto feliz em surpreender e mimar a minha garota.

— E não acabou. Eu estava esperando chegar. Veio de fora especialmente para você.

Entrego a caixa azul. Ela me olha, desconfiada, mas quando abre a caixa seus olhos brilham ainda mais quando vê o que tem dentro.

— Que coisa mais linda... — sussurra ela, tirando o belo exemplar em capa dura com páginas azuladas de *O Pequeno Príncipe*. Seus dedos acariciam o livro, quase em reverência e, então, ela me olha, as lágrimas finalmente caindo e emocionando a nós dois.

— Eu te amo, linda. Tudo que eu quero é te fazer feliz — falo, enxugando as lágrimas.

— Eu não te dei nenhum presente... — Ela baixa o olhar, ficando momentaneamente triste.

— O maior e melhor presente que eu poderia querer eu já ganhei, Mari. Você. — Eu a beijo apaixonadamente, mostrando o quanto aquele presente era importante para mim.



EU NUNCA ESTIVE TÃO APAIXONADO
Fábio Jr.

Mari

Sempre achei que momentos muito felizes vinham seguidos de situações tristes. Quase como uma justificativa para que a pessoa fosse agraciada com a felicidade. Eu sabia que a vida era feita de altos e baixos, que não tínhamos como ser felizes o tempo todo. Só não podia imaginar a reviravolta que a minha vida daria.

Fui para o trabalho com Cadu, após uma noite inesquecível. Depois do banho de banheira e dos presentes maravilhosos que ele me deu, passamos a noite enrolados na cama, fazendo amor, conversando e aproveitando a companhia um do outro. Enquanto ele dirigia o carro a caminho do escritório, abri minha magnífica edição de *O Pequeno Príncipe* e comecei a reler aquele livro que eu já conhecia tão intimamente. Pouco tempo depois, minha mente começou a viajar, pensando naquele relacionamento que me fazia tão bem. Praticamente morávamos juntos, mas não enjoávamos da companhia um do outro. Estávamos juntos há alguns meses e, volta e meia, eu me perguntava se aquilo tudo era real. De repente, sinto sua mão apertar a minha e levanto os olhos para ver seu semblante um pouco tenso.

— Está tudo bem? — pergunto preocupada. Seu rosto, sempre muito expressivo, apresenta uma

ruga na testa que não estava ali antes.

— Não sei. Estou um pouco angustiado. Acho que é cansaço. Esses últimos dias foram muito duros. Além disso, hoje sai a *Style* do mês. Sempre fico um pouco ansioso quando sai a revista deles, você sabe.

Style é a nossa concorrente e é publicada quatro dias antes da *Be*.

— Vai dar tudo certo. Estou ansiosa para ver as fotos do ensaio — falo sorrindo e ele sorri de volta. Seguimos conversando sobre a coleção até chegarmos ao estacionamento do prédio da revista.

Subimos até o nosso andar e, mal saímos do elevador, somos abordados pela bruxa da Roberta.

— Carlos Eduardo, o diretor-geral da *Angèle's* já ligou algumas vezes. Ele parecia aborrecido. — Ela completa e me olha com ar de deboche. — Parece que algo não está certo. — Sinto Cadu empalidecer ao meu lado. Nada poderia dar errado tão em cima do lançamento da revista ou o trabalho inteiro seria jogado na lata do lixo.

— Obrigado, Roberta. — Seguimos para a diretoria e eu o vejo respirar fundo algumas vezes, bastante tenso.

— Tudo bem? — pergunto baixinho, preocupada com ele.

— Não sei. Essa ligação não parece ser coisa boa — retruca ele, remexendo na gravata, como se estivesse se sentindo incomodado.

Ao entrarmos na ala da diretoria, um turbilhão parece estar acontecendo em minha sala. Miguel e Zeca, acompanhado da esposa, além de uma série de executivos do Grupo Editorial Moraes, estavam numa estranha discussão com uma revista na mão. Ai, meu Deus. Isso não parece bom.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — pergunta Cadu e Zeca levanta e joga uma revista em seu peito.

— Levando em consideração que a *Style* tem uma coleção quase igual à nossa, eu é que pergunto o que está acontecendo aqui. — Cadu estremece e pega a revista. Abro a boca, surpresa ao ver a capa:

As Divas de Hollywood Inspiram a Nova Coleção Outono-Inverno.

Lynn, a odiosa, está na capa, ostentando um vestido exatamente igual ao "*Le Marianne*", mas com as cores invertidas.

— Oh... — murmuro e Cadu parece não acreditar. Ele abre a revista e está quase tudo lá. A cada página, vejo as fotos em que os croquis que ele me mostrou há duas semanas parecem ganhar vida. Sinto minha garganta apertar e as lágrimas inundarem meus olhos, mas respiro fundo para não deixar a angústia transparecer na frente de todas aquelas pessoas.

— Senhores, por favor, se acalmem — pede Cadu, tomando as rédeas da situação. — Vou verificar o que aconteceu e convocarei uma reunião com os senhores hoje ainda.

— Eu sabia que era loucura do papai deixar a *Be* sob a sua responsabilidade. Você não cresceu. Trata a revista como uma brincadeira. Esse tipo de irresponsabilidade pode afundar o grupo! — Zeca grita com ele, com um dedo em riste. — Eu vou convocar uma reunião de acionistas hoje ainda para pedir que a *Be* volte para a minha gestão. — Cadu recua, como se tivesse levado um tapa na cara.

Zeca era o diretor editorial das revistas de negócios e economia do grupo. Nunca vi meu namorado tão arrasado e eu só pensava no que podia fazer para ajudá-lo.

— Zeca, vamos conversar sobre isso mais tarde — diz ele, se recuperando do choque. — Com licença, senhores. — Ele se vira em direção à sala, levando a revista.

— Carlos, desculpe, mas eu preciso falar com você. — Miguel o interpela e ele balança a cabeça negando. — Por favor, é importante e acho que pode te ajudar a elucidar os acontecimentos de hoje. — Cadu concorda e se volta para mim.

— Mariana, por favor, não passe nenhuma ligação e nem deixe que interrompam a minha reunião — diz ele, olhando feio para o irmão.

— Pode deixar — respondo e ele acena, seguindo para o escritório com Miguel. Quando a porta se fecha atrás dos dois, os homens começam a sair da minha sala, enquanto me sento e começo a organizar as coisas para trabalhar. Zeca fica por último.

— Você vai se arrepender de ter cruzado o caminho da minha família, garota — diz ele para mim, com raiva. Eu fico de boca aberta, assustada, e o encaro. — Garota estúpida. — Seu olhar de ódio e suas palavras soam como um tapa e fico sem reação. Em seguida, ele sai, batendo, mais uma vez, a porta.

O som de mensagem apita em meu celular e eu abro o Messenger para responder.

@lalala: Amiga, já chegou?

@mari: Acabei de chegar. Desculpe, amiga, as coisas não estão boas aqui. Nos falamos mais tarde, ok?
@lalala: Ok. Se precisar de algo, me liga. Boa sorte aí. Bjs

@mari: bjos

Eu respondo, atendendo a primeira ligação das muitas que eu atenderia pela próxima hora.

* * *

Cadu

Entro na sala com Miguel e não posso acreditar no que estava acontecendo. Eu me sento e abro a *Style*, passando página por página, vendo o trabalho de meses publicado pela concorrência. Isso me traria um problema enorme. A coleção retratada pela *Style* era da *Mix Fashion*, a principal concorrente da *Angèle's*.

— Cadu, cara, eu preciso falar com você. Talvez você fique aborrecido comigo, mas quando souber o que descobri, acho que vai me perdoar.

— Miguel, nesse momento estou mais preocupado em descobrir como a minha coleção, que pouquíssimas pessoas sabiam que estava sendo feita, foi parar na revista da concorrência.

— Eu sei quem foi. — Miguel solta a bomba.

— Então, fala, cara! — Ele tem toda a minha atenção e estou pronto para voar no pescoço de quem fez essa merda.

— Foi a Mariana. Não sei ainda com a ajuda de quem, mas vou descobrir. — Miguel fala baixo e eu fico alguns segundos parado, fitando-o, sem acreditar no que ele estava dizendo.

— Não, não, Miguel. Você está enganado...

— Sinto muito, Cadu. Não sei exatamente a natureza do envolvimento de vocês, apesar de saber que existe um envolvimento, mas tenho certeza de que foi ela. E tenho provas. — Eu me recosto na cadeira, sentindo tudo girar ao meu redor.

Não posso acreditar que a Mari, a minha Mari, possa ter feito algo contra mim. Não, não, não. *Deus, não permita que Miguel esteja certo nas suas acusações*, oro em silêncio, enquanto ele tira um maço de documentos de dentro da pasta que estava segurando. Ele empurra os documentos em minha direção e eu começo a passar as páginas, sem, realmente, enxergar o que está escrito ali.

— Você se lembra de quando fomos a Sampa para fazer a implantação do rastreamento de e-mails? — Aceno com a cabeça, concordando.

— A gente temia que algo de errado estivesse acontecendo no escritório de São Paulo, algum tipo de desvio, ou algo assim. — Miguel acena em concordância e prossegue.

— Sei que você queria que eu implantasse o software apenas lá, mas eu fiquei com uma sensação estranha, uma desconfiança, não sei... E implantei na empresa inteira.

— E como você chegou na Mariana?

— Ela troca muitas mensagens diárias com uma pessoa chamada Laís. No início, não vi maldade, mas depois, algumas mensagens me pareceram estranhas. Como se ela estivesse se gabando por ter "conquistado" você. — Ele baixa a cabeça, parecendo constrangido. — Desculpe invadir sua privacidade. Mas a essa altura, todos eram suspeitos, para mim.

— Sim. Bem, e então?

— Ela mandou vários e-mails para a Lynn, com croquis e desenhos da campanha. E ontem mandou, fora do horário do expediente, um e-mail com fotos, acredito que sejam as fotos da revista. Você sabe que a *Style*, quando quer nos passar para trás, imprime a revista na madrugada antes de chegar às bancas. Hoje, quando saí de casa, foi a primeira coisa que vi na banca de jornal e sabia que só podia ter sido uma pessoa.

— Mariana mandou para a Lynn? — pergunto surpreso. A Mari nunca gostou da Lynn... Pelo menos, ela sempre demonstrou não gostar. Aquela história estava tão mal contada, algo não se encaixava. — E o que ela ganharia com isso? — Ainda não consigo acreditar que ela seria capaz de qualquer coisa parecida com isso. Não. Não a minha Mari.

— Uma vaga de emprego, ela fez uma entrevista lá, alguns meses atrás. — Ele abre uma parte do dossiê, onde aparece um e-mail dela, enviando um currículo.

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: A. Marques [amarques@legends.com]
Assunto: Documento
Mensagem: Oi, Antônio!
Estou mandando o arquivo. Nem acredito que vou fazer isso, mas não tenho outra saída. Fico aguardando o contato dele.
Obrigada mais uma vez pela confiança.
Beijos,
Mariana.

Ver aquele e-mail foi como receber uma punhalada no coração. Jamais, em toda minha vida, imaginei que a mulher por quem eu tinha me apaixonado, pudesse ser capaz de fazer mal a uma mosca, o que dirá me trair dessa forma. Meu coração estava acelerado e eu sentia minha garganta se fechar, além de uma profunda dor no peito. Respiro fundo, tentando controlar minhas emoções. Eu era muito jovem ainda para sofrer um infarto. Ainda que a mulher que eu amava tivesse arrancado meu coração do peito e o triturado.

— Olha — disse Miguel —, acho que você precisa ler o dossiê com calma e analisar tudo que falei para tomar a decisão mais acertada. Vou deixar você sozinho, leia os documentos e, se tiver dúvidas, você me chama e eu te ajudo, ok? — Balanço a cabeça, me sentindo sem chão.

Miguel levanta e segue em direção à porta, me deixando sozinho. Apoio a cabeça nas mãos, simplesmente aterrorizado com tudo o que ouvi até agora. Decido abrir o dossiê e começar do início, ler com calma e procurar algum indício de que a minha garota não havia feito aquilo comigo. Ela não podia ter feito nada daquilo comigo.



DESDE QUE O SAMBA É SAMBA
Diogo Nogueira

Mari

Eu estava angustiada, com o coração apertado. Sabia o quanto aquilo tudo era ruim para o Cadu e que, inclusive, ele poderia perder o cargo na revista, caso a diretoria achasse que ele era o culpado. Eu estava preocupada, pensando nas coisas que o irmão dele poderia fazer e sem saber como alertá-lo, já que ele não fazia ideia do crápula que o Zeca era. Meu Deus, como eu ia falar com ele sobre isso? Respiro fundo, atendendo a chamada seguinte. Tem meia hora que ele e Miguel estão dentro da sala e eu nem consegui ligar o computador. Estou aqui, apenas atendendo a inúmeras ligações e anotando os recados. De repente, a porta se abre e Miguel sai lá de dentro com um sorriso maldoso no rosto. Finalizo a chamada e ele se aproxima da minha mesa, me olhando de um jeito estranho. Depois da constrangedora posição em que ele me colocou ontem à noite, confesso que passei a sentir um pouco de medo dele.

— Ah, Mari, Mariana... — Ele se apoia na mesa, de frente para mim. — Que pena que você é tão bobinha. Se tivesse me dado uma chance, as coisas poderiam ser diferentes. — Ele estende o braço e toca no meu rosto, antes que eu tenha chance de me afastar. — Que pena. — Eu me afasto e ele sai da sala, rindo e me deixando sem entender nada.

Pego o celular e envio uma mensagem para a Lalá.

@mari: Vai ficar em casa hoje à noite? Acho que estou precisando conversar...

@lalala: Vou sim. Mais tarde, o Rodrigo vai passar por lá, mas beeemmmm mais tarde. :)

@mari: Ok. Estou precisando da opinião de alguém de fora. Tem umas coisas estranhas acontecendo e estou sem saber como agir. O Cadu tb só deve chegar mais tarde. Vc voltou com o Rodrigo?

@lalala: Ele me pediu em namoro! Achei que ele estava estranho e que não queria mais sair comigo, mas ele disse que estava apaixonado e com medo.

@mari: Ahhh! Que fofo! Quero saber de tudo! Feliz por vcs! <3 Preciso ir, hj está tenso por aqui. Estamos com problemas sérios e o telefone não para de tocar. Não consegui nem ver os e-mails.

@lalala: Colocamos a fofoca em dia hj à noite! Boa sorte aí! Beijos <3

@mari: Obrigada. Bjs

* * *

Quase duas horas depois, Cadu abre a porta da sala e o que vejo me tira o chão. Ele está sem gravata e sem o blazer do terno, as mangas da camisa enrolada e os dois primeiros botões abertos. Seu cabelo está uma bagunça, como se tivesse passado a mão inúmeras vezes por ele. Os olhos estão vermelhos e ele parece ter envelhecido dez anos naquelas duas horas. Mas o que mais me choca é o seu olhar para mim. Uma mistura de nojo e decepção e até um pouco de desdém. Nunca o vi olhar assim para alguém. Ele em nada lembrava o amante carinhoso da noite passada ou o empresário equilibrado que entrou no escritório pela manhã.

— O que você ainda está fazendo aqui? — Sua voz é cortante e seca, e me atinge com a força de um tapa.

— Não estou entendendo, Cadu... — Antes que eu tenha a chance de completar a frase, ele grita, irritado:

— Se me chamar de Cadu de novo, você vai se arrepender. Arrume suas coisas e saia daqui. AGORA! — Eu começo a chorar, sem conseguir entender por que ele está agindo assim.

— O que é que está acontecendo? Por que você está fazendo isso? — As minhas lágrimas caem, mas o olhar dele continua duro.

— Você ainda tem a cara de pau de me perguntar? Você é mais falsa do que eu imaginava.

— Falsa? Do que...

— O que é que você achou que aconteceria? Que eu nunca descobriria? Eu não sou idiota, Mariana!

Oh, Deus, será que Miguel deu a entender algo diferente do que aconteceu ontem? Eu não quis falar nada, preocupada com a reação do Cadu, e era a minha palavra contra a do Miguel, mas agora, vendo a sua reação, eu nem sabia o que pensar.

— Não é o que você está pensando... nada aconteceu, me deixa explicar — peço, chorando. Ele se aproxima, batendo com força na mesa.

— Porra, Mariana, eu confiei em você e você me trai desse jeito? Isso não tem perdão. Não tem desculpa. Anda, fora daqui. Pegue seus objetos pessoais e rua. Deixe o smartphone da empresa sobre a mesa. Está tudo acabado, ouviu bem? Alguém vai buscar minhas coisas na sua casa e levar as suas.

Nunca pensei que uma decepção doesse fisicamente. Mas era o que eu sentia. Dor. Dor por todo o corpo.

— Eu não estou entendendo por que você está fazendo isso comigo — falo, chorando muito, completamente sem chão.

— Alguém que age tão sordidamente não merece nenhuma consideração. Chega! Rua! Anda! Você tem dez minutos para pegar o que é seu e cair fora daqui. Não quero te ver nem pintada de ouro na minha frente. — Ele começa a se virar em direção à própria sala, completamente fora de si.

Pego as minhas coisas, o mais rápido que consigo, juntando tudo que acumulei ali em todos os anos de trabalho, enquanto as lágrimas não param de rolar. Não consigo entender o que aconteceu. Como o problema com a revista se tornou um problema entre nós? O que foi que o Miguel falou para ele que o deixou assim? Então, ele para no meio do caminho e se volta para mim, seu rosto parecendo arrasado, com lágrimas nos olhos.

— Espero que tenha valido a pena. Você me enoja. — Ele se vira e entra na sala.

Aos prantos, coloco o celular em cima da mesa e, ao pegar a minha bolsa, *O Pequeno Príncipe* que ele havia me dado aparece assim que a abro. Retiro o livro e coloco sobre a mesa, junto com o aparelho. Saio do escritório deixando seu presente, meu emprego e meu coração para trás.

Sigo pelo corredor e as pessoas que trabalham na revista estão paradas, me olhando, sussurrando umas com as outras, obviamente falando de mim. Faço o meu melhor para manter o

orgulho e sair com a cabeça erguida, sabendo que não tinha feito nada para me envergonhar. No hall, Miguel e Roberta estavam à minha espera.

— Ora, ora, parece que alguém está saindo chutada daqui.

— Coitadinha da Mari... Ah, Mariana, tudo poderia ser tão diferente — diz Miguel e, tirando coragem não sei de onde, eu me volto para ele.

— Olha, seu idiota, eu não sei o que você falou, mas eu vou provar que você mentiu.

— Jura, bonequinha? Se você se comportar direitinho, talvez eu consiga que o chefe não te demita por justa causa — ameaça ele, me deixando boquiaberta. Nesse momento, o elevador chega e dois seguranças saem de dentro.

— Senhorita, temos ordens para acompanhá-la — explicam, completamente constrangidos, e eu volto a chorar, entrando no elevador, me sentindo humilhada. — Desculpe, Mariana. Foi seu José Carlos que mandou — diz Sérgio, um dos seguranças que sempre foi muito simpático comigo. Eu balanço a cabeça, completamente sem chão, sem nem saber o que fazer.

— Mariana, quer uma água, antes de ir? — Luiz, o outro segurança, pergunta, e eu digo que não.

— Não... eu... eu queria um táxi. Você me ajuda a pedir? — Eu estava tão abalada que não tinha condições de fazer algo simples, como chamar um táxi. O segurança me acompanha até a frente do prédio, faz sinal para um táxi e me ajuda a entrar. Dou o endereço ao motorista e ele segue para minha casa, enquanto vejo meus sonhos ficarem para trás.

* * *

Cadu

Eu estava arrasado e confuso. Passei um tempo que eu nem sabia como mensurar lendo o dossiê que Miguel me entregou. Inúmeros e-mails e mensagens que me levavam a crer que Mariana fez tudo que podia para conquistar minha confiança e então puxar meu tapete.

No começo, eram apenas mensagens bobas entre ela e a Laís, até que algumas coisas foram me mostrando a maldade em suas palavras.

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Assunto: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem: **Deu tudo errado**. Ele terminou comigo sem dó nem piedade.

De: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem: O QUÊ???? Vou enfiar a porrada nesse FDP. Onde vc está? Ele não te mandou embora, né?

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Assunto: Re: Re: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem: Não!!! Estou no banheiro hiperventilando **e me xingando. Preciso tracar um nv plano de acao. BURRA!!!**

De: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Re: Re: Re: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem: Não! Vc vai respirar fundo, lavar o rosto, dar um jeito na cara e trabalhar como se nada tivesse acontecido. Vou mandar o boy da empresa levar uma coisa para vc. À noite, teremos uma overdose de sorvete. Cara, não acredito que esse idiota fez isso.

@mari: Estou amando ser uma namorada. Receber presente caro e o melhor orgasmo do mundo logo de manhã não tem preço. Hauhauahauhauhauha

Mari: Amiga, estou indo p/ casa. Enxaqueca. Nos falamos depois. Bjs

Lalá: Se aborreceu? Vc só fica assim qdo se aborrece. **O que o idiota fez c vc?**

Mari: Nada. Eu estou um pouco estressada **c/ o plano. Ta dando errado. Vou ficar bem. Nos falamos, dps, ok? Preciso pensar no q fazer. Beijos**

Esses eram apenas alguns exemplos. Então, tinha e-mail dela para um tal de Antônio, enviando o currículo. Vários e-mails da caixa dela, todos relacionados à coleção para um e-mail pessoal marianecosta@meuemail.com.br, que me levava a crer que ela fazia toda a "negociação" do e-mail pessoal dela.

A última mensagem dela era de ontem à noite. As fotos da coleção foram enviadas às 23:35h para o e-mail pessoal e, hoje pela manhã, um homem de nome Pierre Moreau enviou logo cedo uma confirmação de vaga.

De: Pierre Moreau [pmoreau@cfnb.com]
Para: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Assunto: Vaga
Mensagem: Prezada mademoiselle,
A vaga é sua. Por gentileza, entre em contato conosco o mais breve possível para os procedimentos para admissão. Pelo seu desempenho, temos uma oferta melhor.
Agradeço a paciência e aguardo seu contato.
P. Moreau.

Tudo me provava que ela não era nada daquilo que eu pensava. Mais do que decepção, eu sentia

uma dor física, como se uma faca tivesse sido enfiada em meu peito e percorresse meu corpo, abrindo-o de ponta a ponta. Nunca pensei ser possível sentir tanta dor. Parecia que, a cada palavra que eu lia, eu secava por dentro... morria um pouco. Eu não sentia apenas raiva por ter sido enganado. Sentia nojo do que ela tinha sido capaz de fazer para ter algum ganho. Eu lhe teria dado o mundo, se ela pedisse. Eu daria qualquer coisa a essa mulher e ela provou que era manipuladora, falsa e interesseira.

Eu não aguentava mais a dor que sentia dentro de mim. Queria vê-la pagar de alguma forma. Saio da sala, disposto a arrasá-la, mas, quando a vejo, os últimos pedaços inteiros em mim acabam de quebrar. Enquanto ela chora, dando desculpas, eu me pergunto como alguém era capaz de tamanha maldade. De tanta frieza e calculismo.

Quando ela me chama de Cadu, meu estômago revira, com raiva de mim mesmo, por ter sido tão idiota e ter acreditado nela. Mando-a para fora do escritório e volto para a minha sala, batendo a porta, não conseguindo mais segurar as lágrimas de tristeza e decepção. Raramente eu chorava por algo, mas, naquele momento, eu não conseguia segurar meu próprio pranto. Como se as lágrimas pudessem lavar, de alguma forma, a tristeza que eu sentia. Eu só queria saber o porquê. Por que ela me traiu dessa forma tão vil. Resolvo confrontá-la novamente e, quando abro a porta, o escritório está vazio, apenas o celular e o exemplar de *O Pequeno Príncipe*, que eu lhe havia dado ontem, repousam sobre a mesa. Ao ver o livro, um filme passa em minha mente, com momentos que passamos juntos. E então, eu quebro. As lágrimas não param de cair, a dor toma conta de mim e eu caio de joelhos, no meio da sala, sendo totalmente consumido pela tristeza. Acabou. Ela se foi, levando a minha dignidade, minha reputação profissional e meu coração.



SONETO DO TEU CORPO
Leoni

Mari

Chego em casa e mal consigo tirar os sapatos e me jogar na cama.

As lágrimas embaçam a minha visão, o que era bom, já que aquele quarto estava repleto de lembranças. Nem tudo o que passei com meu ex-namorado doeu tanto quanto a briga com Cadu estava doendo agora. Eu sabia que estava apaixonada, que minha vida estava girando em torno dele e que passar 24 horas dos meus dias com ele era como saltar de *bungee jump* sem as cordas e, agora que terminou, eu estava em queda livre, caindo sem ter onde me segurar.

Não sei dizer quanto tempo passei trancada naquele quarto, chorando copiosamente. Eu precisava mostrar a ele que não estava errada, que não tinha feito nada demais. Mas, ao mesmo tempo que achei um exagero a forma como ele me tratou e fiquei chateada por ele não confiar em mim, eu me colocava em seu lugar e pensava que, se estivesse na situação inversa, minha postura talvez não fosse tão diferente. Isso é o que acontece quando você já se machucou tanto no passado e se apaixona perdidamente por alguém. Por mais que o sentimento seja forte, o medo de se magoar acaba sendo ainda maior quando a ameaça paira sobre a sua cabeça.

Já estava escuro e eu havia pego no sono quando senti a mão de alguém sacudir levemente meu ombro.

— Mari, amiga, acorda. — Abro os olhos lentamente, saindo do torpor sonolento em que eu me encontrava. — Sou eu, Lalá. Querida, o que está acontecendo? — pergunta ela, passando a mãos nos meus cabelos, falando devagar, como quem fala com uma criança.

— Eu... Cadu... eu... — Não tenho forças para colocar tudo para fora. Balbucio palavras desconexas e, quando lembro de tudo o que aconteceu, volto a chorar.

— Querida, fala comigo. Eu liguei para seu trabalho, uma moça disse que você não trabalha mais lá. Toquei a campainha inúmeras vezes, tive que usar a chave-reserva... O que está acontecendo, Mari? Estou preocupada. — Antes que eu conseguisse formar uma palavra, uma voz grave soou no quarto.

— Mari, é o Rodrigo. Bebe um pouco de água. — Ele se volta para Lalá, enquanto empurra o copo em minha direção. — Ela parece fraca e está trêmula. Acho que não comeu nada. — Ela vira para mim e eu balanço a cabeça concordando, enquanto bebo um pouquinho da água.

— Mas eu não estou com fome — protesto e entrego o copo. Rodrigo sai do quarto e Laís me puxa para seu abraço.

— Amiga, conversa comigo.

— Ele terminou comigo, Lalá. E me demitiu. — Abaixo minha cabeça, constrangida por estar nessa situação. Ela me abraça com força e poucos minutos depois, Rodrigo entra no quarto com um prato e o coloca em minhas mãos.

— Mari, come um pouquinho. É miojo. Desculpa, eu não sei cozinhar nada diferente disso — diz ele, sorrindo, e beija a cabeça da minha amiga, antes de sentar na poltrona em frente à cama. Me forço a comer um pouco, já que estou sem nada no estômago, a não ser o café que tomei pela manhã, ao sair da casa dele.

Quando já comi o suficiente, devolvo o prato, que Lalá coloca em cima da mesa de cabeceira e, antes que eu perceba, começo a contar tudo o que aconteceu. E quando falo tudo, tudo mesmo: o tratamento das pessoas que trabalhavam comigo; a grosseria do irmão do Cadu; Miguel me cercando, na noite anterior até chegar ao momento da briga. Falo da surpresa com a crueldade com que ele me tratou, sem me dar a chance de me defender. Eu sabia que estávamos juntos há pouco tempo, mas esperava um tratamento diferente, uma consideração, no mínimo, que não estava lá.

Os dois me ouvem silenciosamente, Lalá, com lágrimas nos olhos, diz quando eu termino:

— Mari, eu não entendo. Por que você não me contou essas coisas antes? Isso é muito sério. Rodrigo — ela se volta para o namorado —, isso que as pessoas fizeram com ela no trabalho é *bullying*, não é? Ela não poderia passar por essas coisas, certo?

— Amor, eu preciso ouvir detalhadamente o que aconteceu para ver se pode ser caracterizado como *bullying*. Mas, independentemente de qualquer coisa, ela deveria ter contado para nós, para o Cadu... não sei, para alguém. — Ele dá um suspiro. — Mas sabem o que me deixou surpreso nessa história toda? É que essa reação não é nada típica do Cadu. Ele não é um cara ciumento a esse ponto, nem desequilibrado dessa forma. Nós conversamos inúmeras vezes sobre vocês e ele sempre falou que o trabalho nada tinha a ver com o relacionamento dos dois. Até porque, numa situação dessas, você poderia usar essa história contra ele, como assédio sexual... Enfim, Cadu é meu amigo de infância. Algo aconteceu para deixá-lo assim e não foi só isso — conclui Rodrigo, me olhando, e eu não sei o que dizer a ele.

— Desculpe, mas eu não fiz nada que pudesse...

— Não, querida, não foi isso que eu quis dizer — explica ele, segurando minha mão. — Esse Miguel deve ter falado algo mais... não sei, algo muito sério aconteceu para que ele tomasse uma atitude dessas.

Nós três ficamos em silêncio, quando o telefone toca e nos assusta.

— Deixa tocar, vai cair na secretária eletrônica. Não estou em condições de falar com a minha mãe agora — peço, imaginando que seja a minha mãe ligando, e Lalá acena com a cabeça. Então, uma voz embriagada soa na casa silenciosa.

— Porra, Mariana, por quê? Por que você fez isso comigo? — Nós três ficamos estupefatos. Cadu está bêbado e parece chorar ao telefone. — Eu teria te dado o mundo e você me traiu assim. Eu te amava, por que você fez isso, se eu te amava? — Então, quase num murmúrio, ele fala: — Merda, eu ainda te amo. — Ouço um soluço alto e começo a chorar, ao ouvir seu desespero. Antes que eu tenha a chance de levantar, ele encerra a ligação.

— Oh, Deus — sussurra Lalá, com a mão na boca, tão chocada quanto nós. Rodrigo, então, levanta.

— Olhem, eu não sei o que está acontecendo, mas ele não está em seu estado normal. Amor, fica aqui com ela, tentem descansar. Eu vou até o apartamento dele tentar descobrir alguma coisa. — Meu choro soa ainda mais sentido. — Mari, preciso que você seja forte, meu anjo — diz ele, olhando para mim, enquanto enxuga minhas lágrimas. — Eu prometo que vou descobrir o que está acontecendo. Mas preciso que você seja forte. — Tento engolir o choro e balanço a cabeça, concordando. — Lalá, amor, vem comigo para trancar a porta. — Ele pede e Lalá o acompanha. Mesmo falando baixinho, consigo ouvir o que ele diz?

— Ela tem algum tranquilizante em casa?

— Dentro da caixinha de remédios do banheiro tem um calmante natural.

— Dê um a ela. Ela precisa descansar. Você também. Cara, que dia! — Eles então murmuram algo ininteligível e eu ouço o barulho da porta batendo.

Minha amiga volta para o quarto, com um copo de água e um comprimido, seguindo a orientação de Rodrigo. Ela empurra o remédio em minha direção e eu me sinto fraca demais para esboçar qualquer reação. Depois de beber a água, devolvo o copo a ela, que o coloca em cima da mesinha de cabeceira e se deita ao meu lado, me abraçando como ela costumava fazer quando éramos crianças, e eu acordava à noite, com medo de um sonho ruim. Lalá sempre foi muito mais corajosa do que eu. Em tudo. Pouco a pouco, aquele abraço, que me trazia tantas lembranças boas de carinho, me aperta ainda mais e eu acabo caindo num sono sem sonhos.

* * *

Cadu

Eu estava destruído com o que a Mari fez comigo. Sua traição levou tudo de mim. Eu não sabia o que faria da minha vida dali para a frente, só que não conseguia mais ficar no escritório, cercado por aquelas memórias. Saí do trabalho levando minha pasta e o maldito dossiê que Miguel me entregou mais cedo. Cansei de andar de um lado para outro, quase fazendo um buraco no carpete da sala, sem conseguir resolver nada. Roberta foi de muita ajuda, anotando recados e resolvendo problemas enquanto eu ficava em minha sala. Então, eu me senti preso, claustrofóbico até. Eu sabia que tinha que sair daquele lugar antes que explodisse.

— Vai sair, Carlos? — Roberta levanta os olhos, perguntando, e eu não me dou ao trabalho de olhar para ela. Estava atordoado demais para ser educado com alguém.

— Não volto mais — falo, simplesmente, e saio batendo a porta. Sigo pelo corredor, vendo as pessoas se esconderem atrás de seus cubículos e me encaminho para o elevador, sendo interpelado por Miguel.

— Já está indo, meu amigo? — pergunta ele, batendo em meu ombro. Não gosto da forma como ele fala. Aceno com a cabeça, e entro no elevador, sem dar a chance de ele dizer algo mais. Pego meu carro na garagem e sigo em direção à minha casa. Ao dar a partida, o equipamento de som liga automaticamente e, só de ouvir a música romântica que começar a tocar, os pedaços do meu coração se estilhaçam ainda mais.

Desligo o som depressa, antes que a voz de Cássia Eller me faça chorar no trânsito, como um menino perdido. Sigo o fluxo dos carros, a caminho de casa, sem prestar atenção ao meu redor. Como um autômato, dirijo até meu prédio, estaciono e, ao entrar no elevador, vejo meu reflexo no espelho. Roupa amassada, cabelo bagunçado, olhos vermelhos e sombra de barba por fazer. Nunca estive tão abatido, tão arrasado. O reflexo que me olha é muito diferente do executivo orgulhoso que saiu de manhã cedo, pronto para ganhar o mundo. É o reflexo de um perdedor. É isso, é assim que eu me sinto, como um perdedor.

O elevador para. Sigo até a minha porta e, ao abri-la, o perfume da Mari me envolve, como um tapa na cara. Tudo ali me lembrava dela, dos momentos que passamos, do quanto fui idiota e me deixei enganar. Por mais que eu queira me iludir, sei que baixei completamente a guarda. Deixei-a tomar cada espaço vazio que havia dentro de mim e fiquei atordoado demais para perceber o que estava tão diante do meu nariz. O que mais dói é que eu fui avisado. Meu irmão, o cara em quem eu mais confio nesse mundo, me avisou, quando ainda era tempo, antes de tudo começar, que eu não devia me envolver com ela. E eu fiz justamente o contrário. Briguei com ele quando insisti em apresentá-la aos meus pais, como minha namorada, colocando dentro da casa deles uma traidora. Eu estava tomado pela culpa, pela mágoa, pela dor.

Deixando a pasta cair no chão, arranco a camisa social, sem me preocupar em colocá-la no lugar, como faria normalmente, jogo os sapatos num canto, pego uma garrafa de *Jack Daniels* do bar, junto com o maldito dossiê, e sigo para o meu quarto.

* * *

O quarto está escuro. Muito escuro. Alguém me faz levantar, passando meu braço pelo seu pescoço, mas estou muito atordoado para lembrar direito de qualquer coisa. Minha cabeça dói e, ao passar a mão em meu rosto, sinto-o encharcado de lágrimas. Pouco a pouco, vou retomando a consciência de que passei a tarde bebendo e revirando aqueles papéis, tentando encontrar algo errado. Mas cheguei à conclusão de que não havia nada de errado, que ela tinha me traído realmente. Então, eu chorei. E bebi ainda mais. Minha cabeça está explodindo e, quando meus olhos se acostumam com a escuridão, reconheço Rodrigo. Ele me leva em direção ao banheiro, abre o chuveiro e ordena que eu tire a calça e entre na água gelada. Fico ali por alguns minutos, até que ele volta ao banheiro com um roupão na mão e uma toalha de banho e ordena que eu acabe o banho. Termino o banho de forma automática, me seco e visto o roupão que ele me trouxe. Volto para meu quarto. Ele recolhe os papéis do chão, e eu me jogo na cama. Tudo dói: cabeça, costas, pernas, olhos. Mas a dor que sinto por dentro é a pior de todas. Fico alguns minutos de olhos fechados, até que ele para ao meu lado.

— Toma. — Abro os olhos e ele segura um copo com uma gororoba viscosa dentro.

— Que merda é essa? — pergunto e sua expressão de fecha ainda mais.

— Você está bêbado, porra. Toma essa merda logo para a bebedeira passar e você conversar comigo feito homem. — Eu já estava me sentindo um merda e isso só fez piorar, apesar de saber que ele estava certo. Viro o copo, bebendo o líquido horrível de uma só vez e mal tenho tempo de abrir a boca e ele já vem em cima de mim.

— Eu quero saber que merda é essa que está acontecendo! Acabei de vir da casa da Mari, ela está arrasada, você termina com ela por causa de uma fofoca de um babaca qualquer e ainda deixa um recado aos prantos na secretária eletrônica para fazer a garota sofrer ainda mais. Porra, Cadu! Não estou te reconhecendo, você sempre foi um cara correto e agora está ouvindo fofoquinha de gente à toa? — Encaro o meu melhor amigo, completamente fora de si, sem entender o que ele está insinuando.

— Você está dizendo que está do lado dela? Você é meu melhor amigo e está do lado de uma traidora, contra mim?

— Eu estou do lado da razão. Você nunca foi um cara ciumento, possessivo. O babaca do Miguel tenta agarrar ela, joga a culpa na Mariana e você acredita nele e não na mulher que praticamente mora com você?

— Que merda é essa que você está falando? Foi isso que ela falou? Que eu terminei por ciúmes? Ela é mais doente do que eu pensava. A dissimulada me trai, puxa meu tapete no trabalho, vende minha coleção para a revista concorrente, chora no seu ombro que estou com ciúmes e você cai, igual a um trouxa?

— O quê? — pergunta ele, confuso. — Que papo é esse de coleção... Cara, tem algo errado aí. Do que você está falando? — Ele senta na cadeira à minha frente e eu respiro fundo e começo a contar, desde o início, tudo o que aconteceu. Alguns minutos depois, o Dr. Rodrigo assume o lugar do meu amigo.

— Me dê esses documentos. Quero ver. Que alguém armou, é óbvio, mas preciso conferir tudo isso, até para ver se caracteriza justa causa mesmo. Essa é uma merda de situação, cara. Por um lado, você pode entrar com venda de informações confidenciais, segredo industrial, essas coisas, mas, por outro, ela pode entrar com assédio moral e sexual. Uma merda de situação, mesmo. Anda, passa logo esses documentos para cá. — Entrego a ele o dossiê e, enquanto ele lê, volto a me sentar de frente para a janela, olhando a vista lá fora, tentando me manter firme.

Quase uma hora depois, ele tira os olhos dos papéis e fala:

— Esses documentos parecem frios, Cadu. Preciso fazer uma ligação... merda, onde eu deixei meu celular? — Ele fala consigo mesmo e eu pego o aparelho que está em cima da cama e jogo em sua direção. Ele pega no ar e, quando aperta o botão de ligar, se vira para mim e pergunta: — Cara, de quem é esse aparelho? Não é o seu, é?

— Não, é o dela. Por quê?

— Tem uma foto do Pequeno Príncipe como papel de parede, achei estranho — diz ele e faz uma ligação.

— Moretti? Rodrigo Carvalho, como vai? Sim, tudo bem. Desculpe a hora, cara, mas preciso dos seus serviços. — Ele ouve o que o tal Moretti fala e então explica: — Estou com um cliente que está com uma situação estranha. Um funcionário instalou um programa espião na rede da empresa. A princípio, a ordem era só no escritório de São Paulo, mas por algum motivo o cara instalou na empresa inteira. Houve um vazamento de informações confidenciais da empresa e o tal cara estava monitorando muito de perto a assistente de um dos diretores e apresentou um grande dossiê com provas incriminando a moça. — Ele escuta o que o homem fala. — Pois é, Moretti, eu sei disso. Dessa parte nós vamos cuidar. Mas o que eu achei mais estranho é que alguns e-mails parecem estar adulterados. Algumas palavras escritas com fontes diferentes. Erros ortográficos. A menina é muito inteligente, não escreveria fazer com S. Algo não está me cheirando bem, e é aí que você entra.

Ele balança a cabeça, concentrado.

— Sim! Exatamente. Não, dinheiro não é problema — responde olhando para mim, e eu concordo. — Quero que você descubra quem armou. Quero que levante tudo. Sim, eu também concordo. Ok. Vamos nos encontrar lá então. — Ele passa o endereço da revista para o cara. — Até amanhã.

Ele se despede e se volta para mim.

— Esse dossiê é frio. Tem coisa errada nessa merda, com certeza. Tem uns erros grotescos e eu me lembro da nossa conversa sobre o e-mail sermão que a Mari te deu, por causa dos acentos — diz ele, e eu sinto meu coração apertar com a lembrança. — Além disso, o que leva um simples funcionário a desobedecer uma ordem expressa e espionar toda a empresa e, principalmente, a assistente do principal diretor da empresa? Tendo acesso a informações confidenciais sem autorização? Isso já é motivo para justa causa. Quebra de sigilo... Mas o principal, Cadu, é que eu não acredito que a Mari seja capaz de metade do que está sendo acusada. E eu sei, que, no fundo, você também não acredita. Precisamos descobrir o que aconteceu e tenho certeza de que não é coisa boa.

— Você acha? — pergunto, vendo a luz no fim do túnel, como costumam falar por aí.

— Acho sim. E quando a gente descobrir, você vai precisar estar preparado.

— Para enfrentar os "inimigos"? — pergunto, fazendo aspas em inimigos porque eu nem imaginava que pudesse ter.

— Não. Para rastejar e trazer sua garota de volta. — Ele sorri e dá um tapa amigável em meu ombro.

Lá no fundo, uma centelha brilha dentro de mim. A chama da esperança.



POR ENQUANTO
Cássia Eller

Cadu

Chegamos ao escritório, na manhã seguinte, e o lugar está silencioso. Os seguranças, obviamente, me permitem entrar com Rodrigo e eu deixo avisado que Moretti chegaria em pouco tempo e que apenas ele tinha autorização para entrar no prédio.

Seguimos para a minha sala e Rodrigo pede um bloco para fazer anotações. Nós nos sentamos à minha mesa e ele faz uma série de perguntas, que eu me esforço para responder da melhor forma possível, já que a minha cabeça está doendo da bebedeira.

Meia hora depois, Moretti chega e somos avisados pela portaria. Abro o escritório para ele e seguimos os três para a minha sala. Após contar novamente o acontecido, Rodrigo entrega o dossiê, que ele mal folheia, fazendo um olhar de desdém.

— O que foi, Moretti?

— Quem armou isso aqui não se preocupou em esconder a armação. Provavelmente, tinha certeza de que você ia acreditar de imediato.

— Armação? — Ele balança a cabeça e sinto um gosto ruim na boca. Eu achava Miguel estranho, não confiava totalmente nele, mas nunca imaginei que pudesse chegar ao ponto de uma

armação. — Será que foi ele quem vendeu a coleção? Cara, isso parece um pesadelo! — Passo as mãos entre meus cabelos e Moretti balança a cabeça, negando.

— Provavelmente, tem mais gente envolvida. Isso dificilmente é feito por um só. Nós vamos descobrir, só precisamos agir com calma, sem nos precipitar. Dê uma olhada aqui. — Ele aponta para a folha onde consta um dos e-mails da Mari para Lalá. — Não vou entrar no mérito do erro ortográfico, apesar do Rodrigo já ter dito que a moça escreve corretamente. Mas veja que, a partir do "me xingando", a frase está com uma fonte completamente diferente. Isso acontece, normalmente, quando o texto original do e-mail é modificado. A fonte fica diferente e a cor do texto fica roxo, exatamente para indicar a alteração. — Ele explica e, só então, eu noto a diferença. — Isso não aparece só aqui. São vários e vários e-mails e mensagens assim.

De: Mariana Costa [mcosta@revistabe.com]
Para: Laís Menezes [lmenezes@primemail.com]
Assunto: Re: Re: Socorrrooooooo!!!!!!!!!!
Mensagem: Não!!! Estou no banheiro hiperventilando **e me xingando. Preciso tracar um nv plano de acao. BURRA!!!**

— Qual é o primeiro passo, Moretti? Do que você precisa? — Rodrigo toma conta da situação, enquanto eu me repreendo por ter agido com a cabeça tão quente e feito tudo o que eu fiz. Se a Mari é inocente, então, eu agi injustamente com ela? Meu Deus, que confusão.

— Bom, eu consigo ter acesso ao computador da moça do dossiê? Acho que o melhor é começar por aí. Conferir a caixa de e-mails, enfim, tentar confirmar o que acabei de dizer. Daí, vou dar uma olhada na sua rede e você vai dar um jeito de manter o pessoal de TI afastado para que eu possa mexer nisso.

— Claro. Bem, o computador dela é na outra sala, vamos até lá. — Levo os dois até a mesa da Mari e Moretti liga o computador.

— Você tem a senha de acesso? — Eu balanço a cabeça, mas lembro que ela costumava guardar registros no celular. Pego o aparelho dela no bolso e procuro o aplicativo de notas.

— Achei! — Moretti começa, então, a trabalhar. Rodrigo me puxa para a outra sala. — Rodrigo, eu não sei o que vou fazer. Se a Mari não for... — Não consigo concluir a frase e ele me encara aborrecido.

— Se ela não for culpada? Não olhe assim para mim. Você vai precisar fazer algo realmente grande para se desculpar. Eu entendo o seu lado, cara. Entendo de verdade. Mas, levando em conta que ela pode ser inocente, você pegou muito pesado. A menina estava arrasada, eu nunca vi uma pessoa naquele estado. Não, espera. Vi você, ontem. — Ele respira fundo e eu passo a mão no rosto,

me sentindo completamente perdido. — Cara, tenta relaxar. Vamos ter um longo dia pela frente e depois que descobrirmos tudo, a gente vai pensar no que fazer para arrumar essa bagunça.

Meu celular toca e eu dou um pulo, achando que é ela, mas não poderia estar mais enganado.

— Oi, pai. — Atendo a ligação desanimado.

— Filho, o que está acontecendo? Seu irmão acabou de sair daqui me pedindo uma intervenção na *Be*. Disse que você se deixou passar para trás e que não está em condições de dirigir a revista. — Meu pai fala rápido, sem me dar chance de responder. — O que está havendo, Cadu? — Repito aquela história mais uma vez, revivendo tudo o que aconteceu, até chegar ao ponto em que estamos agora. Quando acabo de falar, meu pai, que ouviu em silêncio, respira fundo e fala. — Bem, vou chamar o motorista, daqui a meia hora estarei aí.

— Pai, não tem necessidade de você vir, a não ser que não confie em mim para lidar com isso — respondo exasperado, e meu pai me surpreende.

— Filho, se eu não confiasse em você, não teria deixado a *Be* nas suas mãos. Vou até aí dar apoio ao meu diretor mais competente e ajudá-lo a descobrir o que está acontecendo.

— Obrigado, pai — falo emocionado e nos despedimos.

* * *

Meu pai chega, algum tempo depois, acompanhado da minha mãe. Ele é um grande empresário, dono de um conglomerado editorial muito bem-sucedido, mas, apesar de toda a grana que meus pais têm, eles são extremamente simples e muito unidos, então não era surpresa, para mim, ver a minha mãe acompanhá-lo. Assim que ela me vê, abre os braços e me puxa num forte abraço.

— Meu filho, você está tão abatido. Estou preocupada com você — diz ela, passando a mão em meu rosto, seu semblante muito sério.

— Estou nervoso e preocupado, mãe. — Respiro fundo e me volto para meu pai, que me abraça também. — Obrigado por terem vindo.

— Jamais deixaríamos você passar por isso sozinho — diz ele, com um sorriso reconfortante e eu aceno, agradecido. — O perito descobriu algo mais?

— Ainda não sabemos. Deixamos Moretti trabalhando à vontade, para não atrapalhar. Eu preciso descobrir o que está acontecendo, pai. Tudo isso acabou comigo. Nunca imaginei que a Mari pudesse fazer algo assim e me magoou demais. Mas ao mesmo tempo, me sinto culpado, achando que posso ter sido cruel e injusto com ela. Se eu errei dessa forma, nunca vou me perdoar, nunca.

— Meu filho, não seja tão duro consigo mesmo — pede minha mãe. — Entendo o seu lado, deve ser muito difícil ver alguém que você ama como um traidor e ao mesmo tempo estar na posição de ter sido injusto. Sei que você está sofrendo porque a ama, e tenho certeza de que, se ela te amar do mesmo jeito, vai entender e perdoar. Porque o amor é assim, Cadu. O amor verdadeiro perdoa,

entende, suporta. Nunca duvide do poder do amor. — Ela acaricia meu rosto, enquanto fala. — Lógico que você vai precisar agir para reconquistá-la. Mas nós vamos ajudá-lo. Sua família está com você.

Estranhamente, ao ouvir a palavra família, a imagem do meu irmão vem à minha mente, fazendo meu coração se apertar, como se algo ruim estivesse prestes a acontecer. Pode ser meu sexto sentido ou qualquer dessas bobagens esotéricas nas quais as mulheres costumam acreditar. O fato é que algo me parecia estranho quando eu pensava nas atitudes e no comportamento recente do meu irmão.

— Achei! — grita Moretti, me afastando dos pensamentos negativos.

— O quê? — Rodrigo vai até ele num pulo, seguido por mim e meus pais.

— Olhem aqui. — Ele abre um e-mail e pega o papel impresso, comparando. — Completamente diferente. Era exatamente o que eu imaginava. Ele simplesmente invadiu a caixa de e-mails, alterou as mensagens e imprimiu.

— E os e-mails enviados para aquela outra conta no nome da Mari? — Me sinto tonto com toda essa situação.

— Tenho quase certeza de que é falso. Olha, eu preciso da senha de administrador da rede. Quero acessar a conta desse cara. — Ele pede, e nós olhamos um para o outro, sem saber que senha pode ser.

— Não tenho isso. Eu deveria ter? — pergunto, confuso.

— Não. O normal é que alguém de TI tenha. Um responsável e mais um subordinado. Claro que você não vai poder pedir a esse cara, mas deve ter outro funcionário com acesso. — Fico alguns minutos pensando até que a imagem de um rapaz vem à minha mente.

— Já sei! Guilherme! — Todos os olhos na sala se voltam para mim e eu explico. — O Guilherme é nosso analista sênior. Ele está um nível abaixo do Miguel e, com certeza, é a pessoa que tem acesso a essas informações, além dele. — Moretti acena, concordando, e vou até a minha sala consultar o sistema no meu computador, onde constam todos os dados dos nossos funcionários. Rapidamente localizo seu cadastro e ligo para o celular. Ele atende, após três toques, com voz de sono.

— Oi, Guilherme, é o Carlos Eduardo, da *Be*. Desculpe ligar num sábado. Estou precisando da senha de administrador da rede. — Ele me passa e pergunta se está acontecendo alguma coisa e se pode ajudar. — Não, está tudo bem. Estou finalizando a edição e preciso instalar um programa em minha máquina, mas está pedindo a senha do administrador da rede, não sei por quê — explico, dando a primeira desculpa que vem à minha cabeça. — Bom, obrigado. Bom fim de semana. — Me despeço rapidamente e entrego o papel com a senha ao Moretti.

— Onde fica a máquina do tal Miguel? — pergunta ele e seguimos para o setor de TI, parando apenas na recepção, para pegar as chaves da sala. Indico o computador de Miguel ao Moretti e, sem perder tempo, ele senta e liga o computador, digita a senha e começa a mexer na máquina.

Enquanto trabalha, minha mãe vai até a copa fazer café para nós, meu pai senta numa cadeira, e Rodrigo tira o celular do bolso e manda uma mensagem.

— Tudo bem? — pergunto a ele, preocupado com Mari.

— Sim, estou mandando uma mensagem para a Lalá. Eu disse que ia para sua casa, mas não dei mais notícias.

— Ela falou algo da Mari?

— Disse que ela dormiu. Caiu no sono logo depois que eu saí de lá. Cara, você precisa conversar com ela. Ela não faz ideia do que está acontecendo.

— Eu sei que ela não sabe...

— Não — ele me interrompe. — Você não entendeu. Ela não sabe de nada. Ela está achando que você terminou com ela porque o Miguel falou algo para você, que estava saindo com ela. Tem muita coisa que aconteceu com a Mari, aqui na empresa, que você não sabe — diz Rodrigo e sinto meu estômago doer.

— Do que você está falando?

— Olha, Cadu, acho que ela precisa te contar. Acho que vocês precisam conversar e abrir o jogo. Os dois foram vítimas nessa confusão, mas, para seguir em frente, é preciso ouvir as coisas que ela tem a dizer.

— Isso se ela quiser falar comigo, né? — Eu balanço a cabeça, triste.

— É, se ela quiser falar com você. — Rodrigo suspira e continua: — Vamos resolver uma coisa de cada vez.

Minha mãe entra na sala, com uma xícara de café para cada um de nós. Ela serve a todos e, em seguida, senta ao lado do meu pai. Quase 40 minutos depois, Moretti se afasta do computador, se vira para nós e diz:

— Bom, encontrei muitas coisas aqui. Rodrigo, se puder anotar, acho que vai ser melhor, para agir na segunda. Fico receoso de esquecer algo.

— Claro. — Rodrigo concorda e pega suas anotações.

— Bom, para começar, tem um programa espião que monitora não só o computador da Mariana, como o seu e de mais cinco pessoas que, imagino, exerçam cargos de confiança aqui — Ele fala o nome de cinco executivos da revista. — Eu consegui acessar a tal conta de e-mail que recebeu os e-mails da sua assistente. Ele estava para abrir automático e tudo indica que ele criou essa conta para despistar realmente. Dessa conta, ele encaminhava e-mails com fotos, atas de reunião, relatórios, entre outras coisas, para três pessoas.

— Quem? — pergunto, tenso, e Moretti olha para mim e, em seguida, para meus pais.

— Duas moças. Roberta Carvalho e Lynn Dias.

— Deus! — Eu passo a mão no meu rosto, sem conseguir acreditar que Roberta, assistente do Beto, e Lynn, uma das modelos mais requisitadas da revista, pudessem estar envolvidas nisso.

— E quem é a terceira pessoa? — meu pai pergunta, sério.

— J. C. Moraes — responde Moretti e minha mãe solta um gemido.

— Meu Deus, Arthur, é o Zeca! — A sala fica no mais completo silêncio, até que Moretti volta a falar.

— Eu realmente sinto muito. Consegui acessar a conta de e-mail dele. O administrador é o mesmo — diz e eu concordo. A TI das revistas é uma só. — Tenho uma série de e-mails e mensagens dele, com orientações do que os três deveriam fazer, o que ele esperava e para quem deveriam enviar o material. Uma pessoa de nome Renée também está envolvida. Os e-mails que li demonstram que essa Renée estava negociando, a mando do J. C. Moraes, as matérias que sairiam na revista, em troca de uma posição lá.

— Bem que você falou que estava desconfiado... — diz meu pai, lembrando de uma conversa que tivemos no passado. — Só não esperávamos que Zeca fosse fazer algo desse tipo. Meu Deus, o que será que levou esse menino a fazer isso?

— Fico me perguntando onde foi que erramos... — começa minha mãe, com lágrimas nos olhos. — Como o nosso próprio filho pode agir pelas costas do irmão? Não foi isso que ensinamos — minha mãe desabafa, emocionada.

— Sinto muito, senhora — diz Moretti. — Muitas vezes, não reconhecemos as atitudes das pessoas que mais amamos. Vou imprimir tudo e fazer um back-up. Recomendo que troquem a senha

de administrador para não correrem o risco de alguém acessar e apagar as provas. — Rodrigo acena com a cabeça e completa: — Vocês vão precisar tomar uma decisão.

— O que você quer dizer?

— Vocês vão precisar refletir sobre qual ação vão querer tomar. Vão abrir uma queixa-crime? Vão simplesmente conversar com o Zeca e demitir os demais? Quando envolve alguém da família, a coisa fica ainda mais complicada.

— Queixa? — sussurra minha mãe e meu pai parece ter levado um soco no estômago.

— Dona Vera, Arthur, eu sei que vocês estão abalados e ninguém precisa decidir nada agora. Mas algo vai ter que ser feito. Nem que seja abafar o caso e afastar o Zeca dos negócios. — Enquanto Rodrigo conversa com meus pais, eu tomo as rédeas da situação.

— Pai, mãe, vão para casa. Descansem. Amanhã voltamos a conversar e decidimos o que vai ser melhor. Eu vou terminar aqui com o Moretti e o Rodrigo, vamos trocar as senhas e amanhã vemos o que fazer. O que acha, pai, de uma reunião por volta das dez? Até lá, eu já pensei em algo. — Meu pai concorda com a cabeça. — Assim teremos tempo de decidir e convocar os acionistas. — Meus pais me abraçam antes de ir embora. — Sinto muito por vocês estarem passando por isso — falo, beijando minha mãe, sem conseguir acreditar que meu irmão foi capaz de fazer isso.

Meus pais vão embora e nós três continuamos lá, para que Moretti possa fazer o back-up, alterar as senhas e proteger as informações.



VOCÊ NÃO ME ENSINOU A TE ESQUECER
Caetano Veloso

Cadu

Chego em casa e é como se eu tivesse sido atropelado por um caminhão. Só de pensar em tudo que descobrimos este fim de semana, fico tonto. Passei o resto da noite me perguntando como meu próprio irmão podia ter feito algo assim. Zeca sempre foi um cara admirável, um executivo bem-sucedido, competente, respeitado no mercado. Dirigindo uma das mais influentes revistas de negócios e política do país, ganhando vários prêmios no decorrer dos anos.

Lembro que, antes de assumir a *Be*, a revista estava subordinada ao Zeca, mas ela quase não tinha relevância nos negócios. Meu pai passou a revista para mim, como um "castigo", mas eu me apaixonei pelo trabalho e no fim batalhei muito para fazer da *Be* uma das melhores revistas de moda do país.

Olhando para trás, flashes do passado começam a surgir em minha mente. Lembro que, quando ganhei o primeiro prêmio da revista, Zeca agiu de forma indiferente, como se aquilo não fosse nada de mais. A cada coisa que conversava com ele sobre mudanças, ele tratava como se fosse besteira e eu achava que era porque ele cuidava de um negócio "mais importante", que trazia muito mais dinheiro para a empresa. Agora, me pergunto se suas ações já não eram reflexo da inveja... talvez um

mal-estar por ter "perdido" um braço das publicações, que era dele. Pensar nisso tudo fazia meu coração doer. Ele sempre foi meu herói. O cara que eu mais admirava no mundo, depois do meu pai. E agora tudo em que eu acreditava se mostrou uma grande mentira. Meu herói nada mais era que um enganador. Alguém que tinha coragem de armar para o próprio irmão. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não teria acreditado.

Ligo o som e paro em frente à grande janela do meu quarto. Era impossível não lembrar da Mari ao ver o mar à minha frente. Fecho os olhos e imagens dela surgem como um filme em minha mente. Lembro, então, de uma noite em especial. Tínhamos acabado de fazer amor e uma forte claridade batia na cama. Ela levantou, enrolada no lençol, e foi até a janela.

— O que foi, amor?

— A lua. Está enorme! Linda! — Ela se vira para mim e eu não consigo segurar o sorriso ao vê-la tão sensual, enrolada no meu lençol, os cabelos bagunçados e um sorriso que me tira o ar.

— Não.

— Não o quê?

— Linda é você. — Eu me levanto e seguro sua mão, puxando-a para mim. Ela dá uma risada que faz meu corpo esquentar.

— Achei que eu que era enorme. — Ela solta mais uma risada e eu fecho a cara.

— Você é perfeita, Mari. — Ela balança a cabeça, concordando, mas seus olhos dizem outra coisa. — Estou falando sério. Não me importa se você veste 38 ou 44. Você é linda como é. Eu me apaixonei pela mulher inteligente, doce, carinhosa e divertida que você é. E eu amo o seu corpo. Para mim, você é perfeita, é a minha mulher ideal. — Seus olhos ficam marejados e uma pequena lágrima escorre. Eu a capturo com meu polegar e sorrio para ela, aproximando nossos rostos, até que nossos lábios estejam colados num beijo suave, mas repleto de amor.

Abro os olhos, vendo novamente o mar à minha frente, mas agora a bela imagem está turva por causa das minhas lágrimas.

* * *

Abro os olhos assustado, procuro o relógio e dou um pulo da cama: oito e quarenta e cinco da manhã. Preciso tomar um banho rápido, para chegar no escritório a tempo da reunião com os acionistas.

Corro para o chuveiro, pensando que, antes da reunião, preciso ligar para a Mari, pedir para conversar com ela. Não sei o que fazer para me desculpar, mas preciso falar com ela o mais rápido possível.

Após o banho, visto o terno rapidamente e pego minhas coisas para sair, sem tomar café. Meu estômago estava embrulhado demais para isso. Pego a chave do carro, que estava em cima do aparador da sala. Quando abro a porta do apartamento, a imagem diante de mim me deixa arrasado: todas as minhas coisas, que estavam na casa da Mari, estão na minha porta, arrumadas em duas grandes caixas. Eu não fazia ideia que tinha acumulado tanta coisa na casa dela. Abro a primeira caixa e meu coração se aperta ao ver o vestido que mandei fazer especialmente para ela. Todos os presentes que eu dei estão ali. Nossa história está resumida em duas grandes caixas. Meu coração está acelerado e sinto o ar ser drenado dos meus pulmões. Fazendo um esforço sobre-humano, puxo as caixas para dentro do apartamento, enquanto respiro fundo algumas vezes, tentando me acalmar. Minha vontade é ir até a casa dela para consertar isso agora, mas eu sei que não é o momento. Eu nem saberia, nesse momento, o que dizer para me redimir de tudo o que falei.

Bato a porta e sigo em direção à garagem. A minha vida está uma bagunça, mas, para colocá-la nos eixos novamente, eu vou precisar ter calma, para não meter os pés pelas mãos.



HOJE A NOITE NÃO TEM LUAR
Legião Urbana

Mari

— Eu não acredito que você saiu daqui e nem me avisou, Mari! — Laís reclama, e eu apenas balanço a cabeça, sem efetivamente responder enquanto sigo pela casa em direção ao meu quarto.

Eram sete horas da manhã e eu já tinha ido e voltado da casa do Cadu. Enquanto a Lalá dormia, arrumei todas as coisas dele em duas caixas, chamei um táxi e deixei lá, do lado de fora. Eu não tinha condições de vê-lo novamente, depois de tudo aquilo. Saber que seus objetos pessoais estavam comigo me deixava ainda mais nervosa. Entro no quarto, Laís ainda está falando, mas eu nem sei o que ela diz. Minha cabeça está longe dali, num passado não tão distante, no qual entreguei meu coração ao único homem que tinha o poder de parti-lo em mil pedaços. Tiro a roupa, visto uma camiseta e me enfio na cama, puxando o edredom para cima de mim, me enrolando no casulo macio e protetor.

— Mari! — Lalá reclama, ao ver que não estou dando atenção ao que ela está falando.

— Desculpa, amiga — falo, sem olhar para ela. — Eu só quero dormir. Por favor. — Algo no meu tom de voz toca o coração da Laís, que suspira e, finalmente, apaga a luz.

— Tá bom. Estou por aqui, se precisar de mim — emenda ela, e eu mergulho num sono sem

sonhos.

* * *

Pisco os olhos várias vezes, tentando enxergar alguma coisa na escuridão. Acordo assustada e confusa, imersa num sono pesado. Pouco a pouco, meus olhos se ajustam ao ambiente e as lembranças me tomam novamente. "*Não chore, por favor, não chore*", faço uma prece silenciosa. Então, uma conversa abafada ao longe me chama a atenção. Olho para o relógio na mesa de cabeceira. Eu tinha dormido por quase 14 horas. Estava me sentindo fraca, mas as vozes ao longe me deixaram mais curiosa. Será que a Lalá estava conversando com o Rodrigo? Levanto devagar, me enrolo num robe de cetim que estava em cima da cadeira do quarto e vou para a sala. Passo a mão pelo rosto e pisco ao me deparar com a claridade e as vozes, de repente, se calam. Quando nossos olhares se cruzam, sinto a sala girar e faço um esforço para não cair sentada no chão.

— O que você está fazendo aqui? Fora! — grito com ele e sigo em direção à cozinha para comer alguma coisa.

— Laís, deixa a gente conversar, por favor? — Ele pede e, para a minha surpresa, a minha melhor amiga levanta e vai até a saída.

— Eu não quero conversar com você — falo para ele e me volto para a Lalá. — O que você está fazendo? Vai me deixar sozinha com o inimigo?

— Vocês precisam conversar, Mari — diz Laís e eu a encaro, estupefata. — Ouça o que ele tem a dizer. Se depois disso, você não quiser nada com ele, mande-o embora. Mas vocês *precisam* conversar. — Ela tem uma expressão séria no rosto e sai, fechando a porta. De repente, aquilo tudo me parece demais. Sinto meu corpo inteiro tremer e minha cabeça doer até que um par de mãos me segura, aquecendo o meu corpo. Tento retrucar, mas ele não deixa.

— Shhh... Mari, me deixa falar. Se depois de explicar tudo, você não quiser mais me ver, eu vou entender. Mas deixa eu me explicar. — Eu estava pronta para recusar, mas algo em seu olhar me fez mudar de ideia.

Sento no sofá, sentindo um frio na barriga com a ansiedade pelo que ele iria me dizer. Ele senta ao meu lado, e eu me afasto. Seu olhar reflete a dor com a minha recusa de ficar perto dele e, lá no fundo, não posso deixar de me sentir satisfeita com seu sofrimento. Sofri demais nos dois últimos dias. Saber que ele também sentia essa dor era uma espécie de alento para o meu coração partido.

— Ah, meu amor... — diz ele e eu faço uma careta.

— Você disse que queria falar e estou sendo benevolente até demais em te ouvir, depois de tudo que você me fez. Estou fazendo uma concessão, pelo pedido da Laís. Mas não venha com "meu amor", que na hora de me colocar para fora do escritório como se eu fosse uma bandida, você não pensou nisso. — Cruzo os braços e não disfarço meu aborrecimento.

Olho para ele e, pela primeira vez naquela noite, presto atenção em sua aparência. Ele está com a sombra da barba por fazer, os olhos vermelhos e injetados. Seu cabelo é aquela bagunça que costuma ficar depois de um dia de trabalho, mas, ao contrário dos outros dias em que ele parece sexy, hoje ele está desalinhado. Ele parece perdido e triste e em nada me faz lembrar o homem confiante que eu conheci.

— Desculpa — diz ele, com a cabeça baixa. — Eu queria poder voltar no tempo e retirar tudo o que falei e fiz. Você não mereceu ouvir nada daquilo, Mari. Mas eu queria ter a chance de explicar.

— Eu ainda estou aqui ouvindo, não estou? — respondo, baixinho, tentando controlar o nervosismo.

— Sim, você está. E eu sou muito grato por você me dar uma chance de explicar — diz ele, a tristeza brilhando em seu olhar. Faço sim com a cabeça e espero que ele comece a falar. Só torço para que, depois de ouvi-lo, eu não me arrependa.

* * *

Cadu

Respiro fundo, passando a mão no cabelo e procurando coragem para começar a contar a ela tudo o que havia acontecido. Eu sabia que esta seria a minha única chance de conseguir me desculpar com ela. Eu faria o que fosse preciso para consertar toda aquela confusão. Ela parecia magoada, triste e decepcionada e, apesar de todo o mal-entendido, eu sabia que ela tinha razão em se sentir assim.

Ela me encara e eu abaixo a cabeça, então, começo a contar tudo. Falo do dossiê, das coisas que o Miguel falou, do quanto tudo aquilo me doeu. Abro meu coração e falo tudo o que senti: a decepção, a dor, a mágoa. O quanto eu me senti perdido e magoado; o quanto tudo aquilo me doeu. Conto sobre a forma como Rodrigo me encontrou e tudo o que descobrimos com a ajuda do Moretti, no fim de semana.

Em momento algum, Mari me interrompeu. Ela me ouviu atentamente, sem fazer perguntas. Parecia processar todas aquelas informações que eu estava jogando sobre ela, tentando entender como a nossa vida tão feliz tinha virado aquela confusão.

— E hoje tivemos uma reunião com os acionistas. Zeca foi afastado da presidência das revistas

e meu pai assumiu seu lugar. Todos os envolvidos foram demitidos e a diretoria vai se reunir em alguns dias para decidir se vão tomar mais alguma medida contra eles.

— E ele aceitou isso assim? — pergunta ela, e eu faço uma careta ao me lembrar da confusão da reunião.

— Foi bem difícil. O Zeca gritou, tentou fazer valer sua vontade, mas estávamos decididos. Meu pai falou que, se ele não fosse afastado por bem, os acionistas poderiam dar queixa na polícia, o que seria bem pior para ele. — Eu respiro fundo e me aproximo dela, segurando suas mãos nas minhas. — Me perdoa, Mari. Eu sei que fui cruel, que devia ter confiado em você, mas eu não posso te perder. Minha vida não faz nenhum sentido sem você nela. Eu te amo como nunca amei ninguém. Não posso sequer pensar em não ter você na minha vida — falo emocionado e Mari me encara, com os olhos cheios de lágrimas. Ela abaixa a cabeça e solta as mãos das minhas.

— Eu entendo. De verdade, Cadu. Entendo o que você sentiu, que foi tudo um enorme mal-entendido, mas não podemos mais ficar juntos. A base de toda relação é a confiança e a nossa foi completamente estilhaçada.

— Mari, por favor... — Eu imploro, mas ela balança a cabeça.

— Desculpe, Cadu. Eu te amo, mas você me humilhou. Eu saí da empresa escoltada, como se tivesse feito algo muito errado e eu nem sabia o que estava acontecendo!

— Mas eu não...

— Sei que não foi você! Mas se você tivesse conversado comigo e não me acusado, eu não teria passado por isso... Droga, Cadu, minha vida estava completamente enrolada na sua e, de repente, você me jogou fora, como se eu não valesse nada!

— Mas, e nós dois, Mari? E tudo que vivemos até hoje?

— Uma história frágil? Baseada em falta de confiança? Eu te entreguei tudo que eu tinha, Cadu: meu amor, meus sentimentos, enfrentei pessoas me tratando como se eu fosse nada! Seu irmão me tratando como se eu fosse um lixo, que não merecia trabalhar com você, o que dirá ser sua namorada... Mas passei por cima de tudo isso, porque achei que só nos amarmos era suficiente. E sabe o que eu vejo agora? — pergunta ela e eu balanço a cabeça, atordoado demais para falar qualquer coisa. — Que só o amor não é suficiente. Eu mereço mais. Mereço ser amada e respeitada; mereço me sentir querida por aquilo que eu sou. Mereço ter a total confiança do homem que está ao meu lado, porque cada vez que algo acontecer, eu não posso sentir medo de perder o cara que eu amo porque ele prefere acreditar em qualquer pessoa, menos em mim. Mereço estar do lado de um cara que me idolatre, não que me humilhe. Eu te desculpo, Cadu, porque compreendo o seu lado. Mas eu jamais me perdoaria se simplesmente ignorasse tudo o que sofri para ficar com você.

— Não, Mari! Por favor, me dá uma chance. Eu te amo! Eu faço o que você quiser para você voltar para mim! Se você não quiser mais trabalhar comigo, eu... — Eu me desespero e ela balança a cabeça me interrompendo.

— Não, Cadu. Eu não vou mesmo mais trabalhar com você, de jeito nenhum. Eu não quero nada de você. Eu nunca quis. A única coisa que eu queria era o seu amor e sua confiança, e você não me deu. Quando a gente ama de verdade, confia. Mas você pegou tudo que eu sentia por você e jogou fora.

— Não, Mari... eu te amo. — As lágrimas caem e eu entro em desespero ao pensar que estou perdendo a mulher da minha vida. — Por favor, meu anjo, me dá uma chance? — peço, pedindo a Deus que a permita abrir uma brecha mínima que seja, para que eu possa ter um pouco de esperança de tê-la de volta.

— Eu preciso de espaço, Cadu. Preciso me reerguer. Longe de você.

— Eu não vou desistir de você, Mari. Eu nunca vou desistir de você. Promete que vai me deixar te reconquistar? — As lágrimas caem pelo rosto dela e eu a puxo para os meus braços. Nós dois choramos abraçados até que ela me empurra de leve, se afastando, enxuga os olhos e levanta.

— Eu não posso te prometer nada, Cadu — diz ela, olhando nos meus olhos. Então ela vira e segue em direção ao quarto, batendo e trancando a porta antes que eu tenha a chance de segui-la. Meu corpo inteiro estremece e sinto o pânico de tê-la perdido para sempre me tomar, até que a voz de Rodrigo soa no meu subconsciente: "Você vai precisar estar preparado para rastejar e trazer sua garota de volta". E era exatamente isso que eu ia fazer.



POR ENQUANTO
Legião Urbana

Mari

Três semanas depois...

@lalala: E aí? Qual o presente de hoje? #LalaCuriosa #LalaQuerSaber

@Mari: Acabei de chegar, ainda não vi! Rsrsrs

Hoje faz três semanas que eu e Cadu terminamos. Desde aquele fatídico dia em que coloquei um ponto final em nossa história, ele vinha tentando me reconquistar diariamente. Flores, chocolates, música, livros. Eu recebia, a cada dia, um presente diferente, algo que me fazia lembrar de nós dois, com um bilhete escrito a mão, um poema e, principalmente, uma letra de música.

No início, foi muito difícil. Tive que recomeçar... reaprender a viver. Tudo que eu tinha como referência me foi tirado. Comecei no emprego novo; eu havia passado na entrevista para trabalhar com Pierre, aquele diplomata que estava à procura de uma assistente. Tive que me adaptar à nova rotina, meus novos colegas de trabalho, meu novo dia a dia. A parte mais difícil foi ficar longe *dele*. Isso era o que mais doía, principalmente porque ele não me deixava esquecê-lo. Ele fazia de tudo para que eu não o esquecesse. Meus dias eram cheios de trabalho, mas à noite, quando eu ficava sozinha, as lembranças vinham com toda força. Pouco a pouco, ele estava me reconquistando, com suas demonstrações de afeto... de amor. Sim, ele tinha me magoado profundamente com suas atitudes, mas meus sentimentos por ele eram tão fortes... tão profundos... que fui conversar com a pessoa que mais me entende nesse mundo. Minha mãe.

Contei tudo a ela. Abri meu coração como nunca tinha feito antes. Ela me ouviu em silêncio e, quando acabei de contar toda a nossa história, ela me fez a pergunta que tocou direto no ponto.

— Você ama o Cadu, Mari? — Foi assim, à queima-roupa, direto, sem me dar chance de pensar. E foi assim que eu respondi, com o instinto, sem medo de fazer papel de boba para a minha mãe.

— Sim. Amo.

— E o que está esperando para perdoá-lo, minha filha? Ele não vai esperar por você a vida toda. Se ele te ama como parece e você o ama como está me dizendo, está fazendo papel de tola, punindo vocês dois por coisas que aconteceram por manipulação de terceiros — diz ela e segura minhas mãos. — Olha, minha filha, é muito raro a gente encontrar aquela pessoa especial. Hoje em dia a "oferta" é muito grande. Ele errou? Sim, mas se você parar para pensar, você também errou ao passar por tanta coisa e não contar a ele.

— Você acha, mãe?

— Acho que você tem que tomar uma decisão na sua vida. Ou aceitá-lo de volta ou deixá-lo partir de vez. Ser correta e justa com ele. E essa, meu amor, é uma decisão que só você pode tomar.

Fui para casa e passei boa parte da noite acordada, na companhia de Caetano Veloso, que cantava a trilha sonora da minha vida.

Cheguei hoje no trabalho decidida a acabar com esse nosso sofrimento. Eu esperaria a "*encomenda do dia*" chegar e ligaria para ele, para agradecer e chamá-lo para conversar. Acho que por isso eu estava sentindo aquele frio na barriga, aquele sentimento de que algo muito importante estava para acontecer.

A manhã passou agitada, mas fiquei boa parte do tempo de olho na porta, tomando conta para ver o rapaz da entrega chegar. Ele apareceu perto da hora do almoço, bem mais tarde do que o normal. E no lugar de uma caixa, que era o que normalmente ele trazia, recebi um envelope grande. Assim que fiquei sozinha novamente em minha sala, abri o envelope que estava lacrado e tirei lá de dentro uma série de papéis, que eu não fazia ideia do que eram. Um dos papéis tinha uma carta, escrita à mão por ele. Achei melhor começar daí.

Meu amor,

Hoje faz três semanas que estamos separados e esse foi o período mais difícil e doloroso da minha vida. Nem a decepção que tive com meu irmão me doeu tanto quando a perda da mulher que eu amo.

Prometi a mim mesmo que faria o impossível para que você soubesse o quanto é amada. Que tem alguém que pensa em você o tempo todo e que te admira pela mulher, namorada, profissional e amiga que você é.

Eu não consigo te esquecer. Seu cheiro, seu riso, seu olhar. Seus beijos sinceros, seus abraços apertados. O jeito que você franze o nariz quando está concentrada. Sua expressão suave quando está dormindo em meus braços.

É uma saudade, Mari, que não tem fim. Ouvi todas as músicas que embalaram nossa relação, buscando inspiração para que eu conseguisse fazer algo para te reconquistar. A Legião Urbana tem sido minha companheira das noites insones... Perdi as contas de quantas vezes sussurrei "hoje a noite não tem luar/e eu estou sem ela/já não sei onde procurar/não sei onde ela está" como se fosse um mantra que pudesse trazer você de volta pra mim.

E agora, três semanas depois, me sinto derrotado. Não por amar você, mas por não ter sido capaz de manter o maior tesouro que eu poderia encontrar, ao meu lado. Hoje consigo entender o seu lado, apesar de querer com todas as forças que você me perdoe. E tenho consciência de que o que eu fiz foi muito, muito sério, e que talvez não tenha perdão.

Foi por isso que tomei uma decisão muito importante, Mari. Eu vou deixar você, finalmente, em paz. Estou indo embora do Brasil. Já não estou mais na revista. Tirei uma licença sem previsão de retorno e nada mais me prende aqui. Ficar aqui é doloroso demais. Nada mais faz sentido, sem ter você comigo.

Estou com as malas prontas e pego o voo daqui a pouco. Na verdade, quando esta carta for entregue, eu já estarei longe do Brasil. Assim, não vou me sentir tentado a ir até você novamente e implorar por mais uma chance, te colocando em uma situação difícil.

Junto com esta carta, você está recebendo um documento e uma chave. Este documento cede a você os direitos à casa de Itaipava. Antes que você proteste, dizendo que uma casa não é um

presente aceitável, quero que você me permita explicar: aquela casa é o meu verdadeiro lar. Ali é o local onde fui verdadeiramente feliz. Fui feliz na minha infância e juventude, com meus avós. Fui feliz ali com você. E não tenho mais condições de entrar naquele lugar, repleto de tantas lembranças. Quero que a casa seja sua e que você consiga fazer dela um lar. Que a encha de crianças e seja verdadeiramente feliz, como eu fui. Quero que você receba o meu presente, como última prova do meu amor por você e tenha a certeza de que, mesmo longe, estou torcendo pela sua felicidade. Quero que você fique bem e que, no futuro, eu deixe de ser uma lembrança dolorosa para ser uma saudade.

Rodrigo está cuidando da documentação definitiva da casa, mas com este termo de doação, registrado em cartório, você já é a dona do lugar.

De toda essa experiência que vivemos, levo muitas lembranças lindas. E uma certeza dolorosa: "o pra sempre, sempre acaba".

Me perdoe, Mari. De coração.

Amo você.

Seja feliz,

Cadu.

Coloco os papéis sobre a mesa, sentindo as lágrimas rolarem. A sensação de perda era enorme. Ele era meu, o homem que eu amava, e eu o perdi. Ele me deu — apesar de saber o quanto eu detestava presentes caros — a coisa mais importante nesse mundo para ele: a casa dos avós. O seu refúgio, o local que ele considerava como um lar. Eu estava confusa e, ao mesmo tempo, sentia meu coração doer mais do que nunca.

De repente, meu celular toca, me tirando daquele estado catatônico. Olho no visor e atendo, sem dar chance de ela falar.

— Ele se foi, Lalá. Eu o perdi.



QUEM TE VIU, QUEM TE VÊ
Chico Buarque

Cadu

Londres

O dia em Londres amanheceu nublado. O clima, mais frio do que eu estava acostumado, envolve meu corpo, provocando um leve tremor. Puxo um pouco mais o casaco preto, numa tentativa de me aquecer. Olho ao redor e o dia cinzento me parece triste. Bom, na verdade, acho que essa tristeza que vejo vem de dentro de mim e o dia cinza só valorizou o sentimento.

Respiro fundo e caminho pela calçada do hotel onde estou hospedado, em direção a um café. Observo as pessoas ao meu redor, lembrando do quão diferente a minha última visita a Londres tinha sido. Na verdade, isso me faz pensar no quanto eu tinha mudado, no último ano.

Entro no café e sento em uma mesa do canto. Uma garçonete rapidamente vem me atender e peço um *macchiato* e, enquanto ela vai em direção ao balcão, meu celular vibra com uma notificação de

mensagem.

Rodrigo: Cara, preciso que você pegue um documento para mim, hoje, às 14h (hora local), em frente à London Eye. É extremamente importante. Vlw!

Eu: Ok

Ainda bem que a London Eye é perto daqui. Uma caminhada me faria bem. Eu tinha resolvido tirar um ano sabático, para decidir o que faria da minha vida. As perdas que sofri, a decepção que tive com meu irmão e o término com a Mari haviam me afetado de forma muito profunda e eu precisava de um tempo para pensar, me fortalecer, superar. Apesar de achar que jamais superaria a perda da mulher que eu amo.

A garçonete me traz o café e, enquanto tomo a bebida quente, meu pensamento volta para dois dias atrás.

Eu tinha saído para almoçar e resolvi dar uma volta na praia. O dia estava lindo, o céu muito azul e o cheiro da brisa do mar trazia conforto para a minha alma dolorida. Eu estava meio poético, eu sei... mas ao mesmo tempo, estava tão confiante que as coisas dariam certo. Fui caminhando, pensando com otimismo sobre o futuro até que olhei para o outro lado da rua e a vi. Mari estava linda, num daqueles vestidos que valorizavam seu corpo e me seduziam. O verde da roupa realçava sua pele clara e os cabelos estavam soltos, como uma cortina caindo pelas costas. E então, meu olhar se desviou para a pessoa ao seu lado. Um homem alto, de cabelos escuros e roupa social, conversava com ela, fazendo-a rir. Então, ele passou a mão no rosto dela, afastando os cabelos bagunçados pelo vento para trás da sua orelha, e se aproximou, como se fosse beijá-la. Fiquei com a sensação de ter levado um tapa na cara. Ali, naquele momento, meu mundo ruiu e percebi que eu a tinha perdido para sempre, que tudo aquilo que eu estava fazendo para tentar reconquistá-la não era justo com ela. Eu tive a minha chance de fazê-la feliz e a joguei fora. E agora, estava atrapalhando a sua chance de ser feliz com outra pessoa.

Voltei para o escritório depressa, pensando em tudo isso. Sentado à minha mesa, olhando a vista da janela, repassei mentalmente os últimos meses com ela. Mari me fez enxergar um mundo diferente, no qual o que fazia diferença não era o preço que as coisas tinham, mas o valor dos momentos em nossa vida. Cada sorriso, conversa, carícia, noites abraçados, risadas e olhares que trocamos tinham um valor imensurável para mim, e, mesmo sofrendo agora, eu não trocaria o que vivi ao lado dela por nada nesse mundo.

Então, olhando a imensidão daquele mar azul, tomei uma decisão e subi até o último andar do prédio para conversar com meu pai, que tinha reassumido a presidência do grupo. Conversamos por quase duas horas sobre meus sentimentos, planos de futuro, empresa e tudo mais. Meu pai sugeriu um afastamento, para que eu pudesse colocar a cabeça no lugar, superar os problemas, quem sabe estudar, fazer outra especialização. Resolvi seguir seu conselho e organizei a viagem, mas antes, fiz Rodrigo dar entrada nos papéis da transferência da casa de Itaipava. Como a escritura demoraria a sair, ele fez um termo de doação e o registramos em cartório. Isso já daria à Mariana o direito à casa até que a documentação toda fosse finalizada. Ele me chamou de louco, mas eu queria dar a ela uma parte de mim. Aquela casa era o meu refúgio, o lugar que eu considerava meu verdadeiro lar, mas eu sabia que jamais conseguiria voltar ali sem ela. Eu queria, do fundo do meu coração, que ela fosse verdadeiramente feliz, ainda que me arrasasse saber que não seria comigo. E se a casa de Itaipava contribuísse para a felicidade dela e pudesse proporcionar um verdadeiro lar, eu me sentia feliz em abrir mão da casa para que ela pudesse ter um pedaço meu com ela. Rodrigo disse que eu estava virando um molenga, mas eu só estava apaixonado.

Olho para o relógio e me assusto com a hora. Eu estava ali sentado, pensando na vida, há quase uma hora e meia. Faltavam quinze minutos para as duas da tarde e eu ainda tinha que buscar o tal documento para o Rodrigo.

Eu: Vou me encontrar com quem, na London Eye?

Rodrigo: A pessoa vai te achar. Fica tranquilo. Entrando em reunião. Abçs!

Só me faltava essa! Ter que encontrar alguém que eu não sabia quem era. Fui caminhando até a London Eye, ouvindo Chico Buarque cantar no meu iPod, me deixando com saudades dela.

Paro em frente ao guichê de venda de tíquetes. O local estava repleto de turistas. Olho ao redor e não vejo ninguém me aguardando. Encosto na parede, fecho os olhos, deixando a música fluir. Passo a mão no meu rosto, sentindo a aspereza da barba que eu havia deixado crescer, e respiro fundo. Então, sinto uma presença e, quando abro os olhos, eu me assusto. Jesus! Acho que estou tendo alucinações.

— Oi — diz ela. Mari está ali, bem na minha frente, o rosto corado, envolvida num casaco branco, com os cabelos soltos. Meu corpo se aquece, com sua presença, e eu fico completamente sem palavras.

Alguns segundos depois, consigo dizer:

— Mari? O que... O que você está fazendo aqui? — pergunto surpreso.

— Vim devolver isso. — Ela estende um envelope, que reconheço como sendo o que enviei para ela e sinto uma dor ainda maior tomar o meu corpo, ao me dar conta de que ela recusou meu presente. Baixo a cabeça. Não consigo controlar a tristeza e deixo as lágrimas caírem.

* * *

Mari

Depois de entrar em desespero com aquela carta do Cadu, Lalá me ajudou a enxergar que esse era o momento de virar o jogo, afastar os sentimentos ruins e trazer o homem que amo de volta para casa.

Conversei com Pierre, meu chefe, que me liberou alguns dias do trabalho para que eu pudesse ir a Londres, me encontrar com Cadu. Ele disse algo como "*nós, franceses, não resistimos às chamadas de l'amour*", e eu só podia ser grata por sua generosidade.

Lalá e Rodrigo me ajudaram com os preparativos da viagem e com o documento que eu levava no envelope.

Fiz minha primeira viagem internacional sozinha. E sim, eu estava em pânico. Dei a sorte de sentar ao lado de uma senhorinha no avião, que me fez contar a minha história para ela. Quando cheguei na parte em que explicava porque estava indo a Londres, ela já estava com os olhos cheios

de lágrimas e tinha quase uma rodinha de passageiros ao nosso redor, me ouvindo.

Ao aterrissarmos no aeroporto de Heathrow, a senhorinha me ofereceu carona até o hotel e me deu as instruções para chegar na London Eye. Olho ao redor e o vejo encostado perto da entrada. Ele está lindo, todo de preto, com um sobretudo de lã e luvas de couro, protegido do frio. Seu rosto parece abatido, com a barba num tamanho considerável, mas só de olhá-lo, meu coração se aquece. Seus olhos estão fechados e eu sigo, parando a poucos centímetros de distância. Como se tivesse sentido minha presença, ele abre os olhos e sua expressão parece assustada. Acho que Rodrigo realmente conseguiu esconder dele que eu estava vindo até aqui.

— Oi — falo e ele me olha com tanta intensidade, que sinto meu rosto corar. Ele não responde, apenas fica ali parado, me olhando por alguns segundos até que sua voz sai, baixinho.

— Mari? O que... O que você está fazendo aqui? — Ele está realmente surpreso.

— Vim devolver isso. — Eu estendo o envelope que ele havia me mandado, com o documento da casa. Um lampejo de reconhecimento cruza seu olhar e então ele baixa a cabeça e as lágrimas caem, demonstrando o quanto estava triste. Respiro fundo, controlando a vontade de puxá-lo para mim, e continuo: — Desculpe, mas não posso aceitar. — Ele levanta a cabeça e me olha nos olhos.

— Ma...

— Assim, eu não posso aceitar, Cadu — falo e ele me olha curioso, tentando entender o que estou dizendo. Empurro o envelope em sua direção, para que ele o pegue. Ele desvia o olhar para o envelope e então para mim novamente. Aceno para que ele vá em frente e pegue o envelope que estou segurando. Ele levanta a mão e posso ver o quanto ele está trêmulo. Eu me esforço para manter o rosto impassível. — Abre, por favor.

Seu olhar é curioso. Ele acena concordando e abre o envelope fechado, retirando o documento ali de dentro. Cadu me observa e eu indico a ele que leia o que está escrito. No início, ele parece desinteressado, como se soubesse exatamente o que ia encontrar. Mas então, a mágica acontece. Seus olhos se arregalam, surpresos; sua boca se abre e a respiração está entrecortada. Bingo!

— Mas... Mari... O quê? — Seu olhar se volta para o meu, tentando entender o que está acontecendo.

O documento era exatamente igual ao que ele me enviou, a diferença é que estava no meu nome e no dele. Abro meu melhor sorriso e falo, tentando manter a segurança na voz:

— Eu só posso aceitar seu presente se você estiver junto comigo, Cadu. Porque não faz nenhum sentido ter uma casa feita para uma família, se o homem que eu amo não está comigo.

— Ah, meu Deus! — Ele suspira, rindo e me puxa para seus braços, num abraço muito apertado, que aquece meu corpo e me dá a sensação de que, finalmente, estou em casa. — Me perdoa, amor? Me perdoa... eu te amo tanto! — diz ele, passando a mão em meus cabelos e beijando meu rosto enquanto eu rio, feliz por estarmos juntos de novo.

— O que houve, Cadu, para você vir embora para Londres desse jeito? Eu já estava pronta para conversar, quando você mandou aquela última carta.

— Ah, Mari... — Ele acaricia meu rosto, muito emocionado, e começa a explicar. — No dia anterior ao envio da última carta, eu estava caminhando pela praia, na hora do almoço, pensando em você. — Ele abre um sorriso triste. — Eu te vi do outro lado da rua. Você estava com um rapaz bem arrumado. Vocês estavam parados, conversando, e ele afastou os seus cabelos do rosto e se inclinou para beijá-la. Voltei para o escritório pensando que eu tinha perdido minha chance, que você merecia seguir em frente e ser feliz. Mesmo que eu tivesse ficado arrasado.

— Ah... Cadu... — Seguro seu rosto em minhas mãos, sentindo a barba me arranhar e sorrio de leve. — Aquele era o Sílvio, um colega de escola. Nós havíamos nos encontrado no restaurante e

paramos para conversar. Ele realmente me beijou, mas no rosto. — Seus olhos se arregalam e ele bate a mão contra a testa e balança a cabeça. Eu começo a rir e brinco com ele. — Alguém ficou com ciúmes? — Ele olha em meus olhos e concorda com a cabeça. Ficamos em silêncio por alguns segundos, olhando um para o outro, até que ele passa as mãos novamente pelos meus cabelos e me puxa num abraço apertado.

— Fiz papel de bobo, né? Entendi tudo errado! Me perdoa, Mari? Me dá outra chance de fazer você feliz? Eu te amo tanto que não sei se consigo resistir se você for embora de novo... — Eu me afasto um pouco dos braços dele e respondo olhando em seus olhos:

— Claro que eu perdoo. Mas você também precisa me perdoar. Eu não fui correta com você, deveria ter contado o que estava acontecendo. Ter confiado em você... — Ele me puxa novamente para um abraço apertado, deixando uma trilha de beijos em meu rosto, cabelos, pescoço.

— Eu não posso acreditar que você está aqui! — Seu rosto, que antes era uma sombra triste, está se transformando na expressão de um homem verdadeiramente feliz.

— E eu não posso acreditar que você me fez atravessar meio mundo, de avião, sozinha! — falo rindo e ele me levanta em seu colo, rindo também.

— Eu prometo, Mari, que nunca mais você vai ficar sozinha. Daqui pra frente, ficaremos juntos para sempre.

Ele me coloca no chão e, segurando meu rosto com carinho, aproxima os lábios dos meus e me beija. Seu beijo é intenso e repleto de promessas silenciosas. Tão leve quanto começou, ele afasta os lábios dos meus e me olha nos olhos. Sorrimos um para o outro e, antes que eu me dê conta, ele se ajoelha no chão, segurando a minha mão.

— Mariana, eu prometo nunca mais levantar dúvidas sobre qualquer coisa relacionada a você. Seja algo sério, ligado à área profissional, ou simplesmente se foi você quem roubou meu lençol durante a noite. Prometo amá-la, respeitá-la e fazer o possível e o impossível para deixá-la feliz. Prometo encher nossa casa na serra de crianças e ser o melhor pai que eu puder. Prometo te amar todos os dias e todas as noites, para sempre, e nunca mais deixá-la se afastar de mim. Prometo fazer de você o meu lar e fazer de mim o seu lar, para que a gente nunca mais consiga ficar longe um do outro. Eu não tenho um anel comigo, mas prometo remediar isso logo, se você aceitar casar comigo — diz ele, sorrindo. Seus olhos brilham como os de um menino, e vejo o homem que eu amo de volta. Ele fica em silêncio, esperando que eu responda, e dou uma risada feliz.

— Isso é um pedido? Porque eu não ouvi a pergunta... — Ele dá uma risada e segura a minha mão, seu polegar acariciando meus dedos.

— Quer se casar comigo, Mari?

— Sim! — respondo emocionada e ele se levanta, me abraçando, e nós dois estamos com lágrimas de felicidade nos olhos. De repente, ouvimos palmas, e, ao olhar ao redor, vemos os visitantes da London Eye nos aplaudirem, sorrindo, falando uns com os outros sobre como o amor é lindo. Acenamos, agradecendo, totalmente constrangidos, mas felizes, e seguimos em direção à rua.

Caminhamos de mãos dadas, quando ele pergunta:

— Eu não imaginava que você conseguiria alterar tudo que eu tinha feito para deixar a casa em seu nome, tão rápido.

— Eu tenho um ótimo advogado! — respondo rindo e ele retribui a risada.

Eu jamais ficaria com aquela casa, apesar do ato tão altruísta. Me oferecer a casa, que era a sua principal referência de felicidade, só demonstrou o quanto ele realmente me amava, se dispondo a abrir mão de tudo, pela minha felicidade. Antes de vir para Londres, fiz Rodrigo elaborar um novo documento para ser registrado em cartório e dar entrada na escritura definitiva de acordo com os

meus termos. A casa estava em nosso nome, mas com todos os poderes de venda em nome dele. Dessa forma, ele entenderia que eu estava aceitando o presente que ele me deu, mas a herança dele continuava resguardada.

— Eu nem consigo acreditar que você está aqui.

— Eu estou! — Nós dois rimos.

— Nunca mais vou deixar você ficar longe de mim.

— Acho bom. Não quero mais sequer pensar em ter que viajar sozinha de novo!

— Ah, mas você não vai. Agora você só viaja comigo. Vou colar em você igual chiclete.

— Nossos amigos vão dizer que somos aquele tipo de casal insuportável.

— Eu não me importo. Se eles reclamarem, vou colar ainda mais. E fazer coisas românticas e melosas!

— Ei! Eu gosto de coisas românticas!

— Eu sei. Você gostou do meu pedido de casamento.

— Ah... quando eu contar para a Lalá que você me pediu em casamento ali, em frente à London Eye! E de joelhos! — Eu suspiro e ele ri, me puxando para seus braços, e me beija.

— Eu te amo, Mari — diz ele, seus lábios contra os meus.

— Eu te amo, Cadu.



EU SEI QUE VOU TE AMAR
Tom Jobim

Mari

Seis anos depois...

Olho ao redor do lindo jardim florido e não posso deixar de sorrir. A casa de Itaipava estava linda, com aquele mar de flores coloridas alegrando o nosso lar.

Hoje, finalmente, é o casamento da Lalá e do Rodrigo. Depois de todo aquele tempo juntos e com uma menininha de dois anos que corria pelo jardim atrás de Léo, o nosso filho de pouco mais de três anos, os dois resolveram formalizar a relação. O relacionamento deles era muito sólido e, apesar de o Rodrigo ter feito o pedido várias vezes, só agora a Lalá resolveu aceitar. Ela nunca se preocupou muito com essa história de casamento de papel passado, mas acho que agora ela estava influenciada pela notícia que daria a ele na noite de núpcias, de que, muito em breve, eles teriam um novo membro na família.

Pensar na gravidez da Lalá me faz levar a mão até meu ventre arredondado e sorrir. Em quatro meses, Luciana nasceria e eu mal podia esperar para ver a carinha da minha filha. Quando Cadu soube que seria pai novamente, parecia ter ganho na loteria, de tão feliz que ficou. Aproveitamos que a gravidez ainda estava bem no início e voltamos a Londres, como fazíamos todos os anos, para comemorar nosso aniversário de casamento.

Depois daquele pedido romântico que ele me fez aos pés da London Eye, já estávamos havia quase um mês em Londres, passeando e matando a saudade, até que, numa manhã, acordei abraçada a ele e, quando me virei em sua direção, ele estava me observando com um sorriso diferente. Quando perguntei o que havia acontecido, ele disse que, naquele dia, eu me tornaria a sua mulher. E assim foi. Nós nos casamos no consulado brasileiro em Londres, em uma cerimônia civil já previamente organizada por ele, de surpresa, e, algumas semanas depois, numa linda cerimônia religiosa na presença de nossas famílias e amigos.

Desde então, nossa relação era baseada em amor verdadeiro, respeito e carinho mútuo. Voltei a trabalhar com ele, na revista, mas agora eu atuava num cargo executivo, na área administrativa. Passamos os primeiros anos do nosso casamento nos dedicando um ao outro e à nossa relação. Até que, alguns anos depois, descobri que estava grávida de Léo e nossa felicidade parecia estar completa.

— Você está linda aí, parada perto das flores com esse ar sonhador. — Sinto um par de mãos envolverem meu corpo e não consigo segurar o sorriso.

— Estava olhando as crianças — falo sorrindo e Cadu solta uma risada.

— Acho que você estava pensando em mim.

— Acho que você está ficando convencido demais. — Nós dois rimos e viro de frente para ele, me encaixando no seu abraço, que foi feito para mim.

— Vem, amor, está tocando a nossa música — diz ele, me levando de volta em direção à festa. O quarteto contratado começa a tocar os primeiros acordes da música que dançamos em nosso casamento e que se tornou a nossa música especial. Cadu me leva até o meio da pista de dança improvisada e, abraçados, começamos a dançar, cantando juntos os versos tão verdadeiros de Tom Jobim.

Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida, eu vou te amar
Em cada despedida, eu vou te amar
Desesperadamente, eu sei que vou te amar

* * *

Cadu

Fecho os olhos ao sentir Mari encostar a cabeça em meu peito, aproveitando aqueles momentos mágicos. Não posso deixar de me sentir tomado pela alegria de tê-la ali, em meus braços.

Nossa história não tinha sido fácil. Demoramos a perceber que fomos feitos um para o outro, passamos por uma grande turbulência, com todo aquele golpe armado por Zeca, meu próprio irmão, que, após perder o *poder*, sofreu um infarto que o deixou com uma série de sequelas e totalmente dependente da mulher, mas que o fez perceber seus erros e se arrepender de tudo aquilo que havia feito contra nós; além de termos quase nos perdido para sempre. Enfrentamos tudo isso, mas, hoje, nossa felicidade era plena. Sim, tínhamos briguinhas como todo casal, mas tanto eu quanto ela, se alguém nos perguntasse, não teríamos dúvidas em dizer que éramos felizes. Verdadeiramente felizes.

Eu estava ansioso e animado com o fato de ser pai novamente e ver aquela casa repleta de crianças, como deveria ser. Em momentos como aqueles, eu quase podia sentir a presença dos meus avós, que estariam felizes ao ver a nossa família crescer daquela forma. Ali, naquele jardim colorido, estavam as pessoas que eram realmente importantes para todos nós: os pais da Laís e do Rodrigo, amigos próximos em comum, meus sogros, meus pais, as crianças e a minha mulher. A minha família. Esses momentos eram perfeitos e eu era grato pela vida ter me dado mais uma oportunidade de ser feliz ao lado dela. A mulher que vou amar para sempre.

Agradecimentos

Cadu e Mari é a realização de um sonho que não seria possível sem o apoio de algumas pessoas.

Primeiramente, um obrigada do tamanho do mundo ao Grupo Editorial Record, em especial a Ana Lima, minha editora, pela confiança em meu trabalho e por apostar em mim e nessa história de amor.

A Adriana Fidalgo, Livia Vianna e Thiago Mlaker, por me fazerem sentir tão bem-vinda na minha nova casa editorial. Vocês são uns fofos!

Flavia Viotti e Meire Dias, minhas agentes incríveis. Obrigada por estarem ao meu lado nessa

jornada e um obrigada em especial a você, Meire, que acompanhou o desenvolvimento dessa história e nunca deixou de acreditar que ela era especial. Esse livro é nosso!

Luizyana Poletto, amiga, líder de torcida, designer, leitora beta e tudo mais: escrever é muito mais divertido na sua companhia. Te adoro!

A Carina Rissi, por toda sua torcida, incentivo e alegria genuína por saber que estaríamos na mesma editora. Você é um exemplo para mim.

Ao Breno Junior, modelo e minha inspiração para o Cadu: foi a sua foto que me inspirou a escrever essa história e o seu carinho e torcida ao saber disso me emocionou muito. Continue arrasando no mundo da moda! Vou continuar por aqui, torcendo por você!

A minha família, pela torcida, carinho, apoio e incentivo, em especial à minha mãe: minha melhor amiga e aquela que está ao meu lado todos os dias. Amo você.

Felipe Meyer, obrigada, amor, por entender, por estar ao meu lado e me amar.

Aos queridos Mariana Bittencourt, Carlos Eduardo Marques Perol e Lais Medeiros, obrigada por me "emprestarem" seus nomes para os meus personagens. Vocês moram no meu coração.

E, por último, mas não menos importante, aos meus leitores. Obrigada é muito pouco pelo tanto que vocês me proporcionam. Nunca deixem de acreditar nos seus sonhos. Amo vocês!



Visitem as nossas páginas:

www.galerarecord.com.br
www.facebook.com/GaleraRecord/
twitter.com/galerarecord

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Cadu e Mari

Site da autora:
https://www.acmeyer.com.br/

Facebook da autora:
https://pt-br.facebook.com/A.C.Meyeroficial

Twitter da autora:
https://twitter.com/acmeyerbooks

Instagram da autora:
https://www.instagram.com/acmeyerbooks/

Pinterest da autora:
https://br.pinterest.com/acmeyerbooks/

Canal da autora no YouTube:
https://www.youtube.com/user/acmeyerbooks/

Goodreads da autora:
http://www.goodreads.com/author/show/7350140.A_C_Meyer

Goodreads do livro:
http://www.goodreads.com/book/show/34154782-cadu-e-mari

Skoob da autora:
https://www.skoob.com.br/autor/9892-ac-meyer

Goodreads do livro:
https://www.skoob.com.br/cadu-e-mari-652063ed654282.html

Table of Contents

Rosto
Créditos
Epígrafe
Dedicatória
Sumário
01. De janeiro a janeiro – Nando Reis
02. Mari Mariana – Victor e Léo
03. Corpitcho – Maria Rita
04. Equalize – Pitty
05. Epitáfio – Titãs
06. Não me deixe só – Vanessa da Mata
07. Pra você, guardei o amor – Nando Reis
08. Não vá embora – Marisa Monte
09. Palavras de um futuro bom – Jota Quest
10. Me adora – Pitty
11. Por onde andei – Nando Reis
12. Velha e louca – Mallu Magalhães
13. Primavera – Los Hermanos
14. Um certo alguém – Lulu Santos
15. Noite do prazer – Cláudio Zoli
16. Pode ser – Pedro Mariano
17. Encostar na tua – Ana Carolina
18. Bem que se quis – Marisa Monte
19. Magic – Coldplay
20. As dores do mundo – Jota Quest
21. Enquanto ela não chegar – Frejat
22. Só tinha de ser com você – Elis Regina
23. No seu lugar – Kid Abelha
24. Simplesmente – Bebel Gilberto
25. Só você – Fábio Jr.
26. Eu nunca estive tão apaixonado – Fábio Jr.
27. Desde que o samba é samba – Diogo Nogueira
28. Soneto do teu corpo – Leoni
29. Por enquanto – Cássia Eller
30. Você não me ensinou a te esquecer – Caetano Veloso
31. Hoje a noite não tem luar – Legião Urbana
32. Por enquanto – Legião Urbana
33. Quem te viu, quem te vê – Chico Buarque
34. Eu sei que vou te amar – Tom Jobim
Agradecimentos
Colofão
Saiba mais